

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO SUDOESTE DA BAHIA - UESB
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO CIENTÍFICA E
FORMAÇÃO DE PROFESSORES



PPG.ECFP

Programa de Pós-Graduação em
Educação Científica e Formação de Professores

JOSÉ ALEXANDRE

Índice de Felicidade, Autonomia e Aprendizagem: A Experiência de
Discentes da UESB

JEQUIÉ-BA
2025

JOSÉ ALEXANDRE

**Índice de Felicidade, Autonomia e Aprendizagem: A Experiência de
Discentes da UESB**

Relatório final de pesquisa – nível de Mestrado apresentado ao Programa de Pós-Graduação em Educação Científica e Formação de Professores da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia como requisito para obtenção do título de Mestre em Educação em Ciências e Matemática.

Linha de Pesquisa: Formação de Professores de Ciências e Matemática

Orientadora: Prof.^a Dra. Tânia Cristina Rocha Silva Gusmão

Coorientador: Prof. Dr. Jerry Adriane Pinto de Andrade

**JEQUIÉ-BA
2025**

FICHA CATALÓGRAFICA

A369i Alexandre, José

Índice de Felicidade, Autonomia e Aprendizagem: A Experiência de Discentes da UESB / José Alexandre. - Jequié, 2025.
145f.

Orientador (a): Prof.^a Dra. Tânia Cristina Rocha Silva Gusmão
Coorientador: Prof. Dr. Jerry Adriane Pinto de Andrade
Dissertação (Mestrado) - Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia,
Programa de Pós-Graduação em Educação Científica e Formação de
Professores. Jequié, 2025.

1. Felicidade. 2. Autonomia Ética. 3. Bem-estar. 4. Educação Superior.
5. FIB (Felicidade Interna Bruta). I. Gusmão, Tânia Cristina Rocha Silva.
II. Andrade, Jerry Adriane Pinto de. III. Universidade Estadual do Sudoeste
da Bahia. Programa de Pós-Graduação em Educação Científica e Formação
de Professores. IV. Título.

CDD – 378.81

Eridiana Souza Silva - CRB 5/2129. Bibliotecária - UESB - Campus Jequié-BA.

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO SUDOESTE DA BAHIA
Campus Universitário de Jequié/BA
Programa de Pós-Graduação Educação Científica e Formação de Professores

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

**ÍNDICE DE FELICIDADE, AUTONOMIA E APRENDIZAGEM:
A EXPERIÊNCIA DE DISCENTES DA UESB**

Autor: José Alexandre

Orientadora: Tânia Cristina Rocha Silva Gusmão

Este exemplar corresponde à redação final da Dissertação defendida por **José Alexandre** e aprovado pela Comissão Julgadora.

Data: 04/09/2025

Assinatura do/a orientador/a



Documento assinado digitalmente
TANIA CRISTINA ROCHA SILVA GUSMAO
Data: 16/09/2025 18:15:39-0300
Verifique em <https://validar.it.gov.br>

.....
Profª. Dra. Tânia Cristina Rocha Silva Gusmão (Orientadora)

Comissão Julgadora:



Documento assinado digitalmente
JERRY ADRIANE PINTO DE ANDRADE
Data: 09/09/2025 10:07:41-0300
Verifique em <https://validar.it.gov.br>

Prof. Dr. Jerry Adriane Pinto de Andrade
(Membro Interno/PPGECFP-UESB)

Profª. Dra. Ana Cristina Santos Duarte
(Membro Interno/PPGECFP-UESB)

Prof. Dr. Hector Santiago Odetti
(Membro Externo/UNL)

JEQUIÉ-BA
2025

AGRADECIMENTOS

Agradeço, em primeiro lugar, a Deus Pai e à minha família (esposa e filhos).

À minha esposa, por entender que a vida é uma busca diária, encorajando-me nos momentos de dor para seguir em frente. Aos meus filhos, Luiz Fernando e Maria Fernanda, por acompanharem e admirarem meu trabalho, e muitas vezes colaborarem com meus conhecimentos de computação.

Agradeço, de forma saudosa, à minha mãe, Carlota Maria Borges Alexandre, falecida em maio de 2025, e ao meu pai, Francisco Alexandre, falecido em dezembro de 2024. Amo vocês!

Às minhas cunhadas, Denise, Adriana, e aos meus cunhados, Alcino e Chiquinho, pessoas que sempre colaboraram, ajudando a cuidar dos meus pais, fazendo a minha parte no cuidado com eles, minha gratidão.

Aos meus irmãos, sou grato por cuidarem com tanto carinho dos nossos pais e me darem a oportunidade de me dedicar ao mestrado.

Agradeço aos meus colegas de mestrado, companheiros de jornada que, com apoio e palavras de incentivo, impulsionaram-me a superar os desafios e persistir em busca de meus objetivos. Destaco a colaboração e o incentivo constantes dos meus amigos Natã e Leda, que me auxiliaram nas maiores dificuldades encontradas em meu curso. A colaboração de vocês foi fundamental para que eu pudesse trilhar este caminho com mais leveza e confiança.

À minha orientadora, Professora Dr.^a Tânia Cristina Rocha Silva Gusmão, pelos conhecimentos compartilhados com afeto, gentileza e carinho. Nunca me senti tão bem compreendido. Professora Tânia, a senhora é um ser humano especial e uma excelente professora. Desde a disciplina, como minha docente, tratou-me sempre com carinho e respeito. Creio que foi Deus quem a colocou em meu caminho. Em seu livro "Razão e Emoção", a senhora relata a tristeza de deixar suas filhas e marido para cursar o mestrado. Hoje, desejo retribuir, junto aos demais mestrandos e doutorandos, todo o conhecimento e a afetividade que nos ofereceu. A senhora é a preferida!

Ao meu coorientador, Jerry Adriane, por ter me acolhido, me ensinado a ler, pesquisar, escrever e compartilhar as ideias que estavam adormecidas. Deixo aqui meus sinceros agradecimentos por ter me coorientado e por ter cultivado em mim um profundo senso de gratidão, conhecimento e afetividade. Sou imensamente grato por sua orientação, marcada pela clareza e gentileza, sempre presente nos momentos em que mais precisei, especialmente ao ensinar e avaliar com afeto e retidão de caráter, mantendo sempre o equilíbrio. Retribuo o carinho e a gentileza com que sempre me tratou e a crença de que era possível a pesquisa acadêmica, buscando a moral e a ética de Piaget.

Ao Programa de Pós-Graduação em Educação Científica e Formação de Professores (PPG-ECFP) da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB), Campus Universitário de Jequié/BA, pela oportunidade de realizar meus estudos de mestrado.

À Coordenação do PPG-ECFP, nas pessoas da Prof.^a Talamira Taita Rodrigues Brito e da Prof.^a Silvana do Nascimento Silva, pelo carinho e delicadeza. Às meninas da secretaria, pelo tratamento, doçura, atenção no atendimento e colaboração. Do Programa, recordo com gratidão o Professor Marcos, que, em momentos difíceis junto ao Comitê de Ética, atendeu prontamente às minhas solicitações e me ofereceu apoio.

Agradeço profundamente a todos os professores do Programa de Pós-graduação em Educação Científica e Formação de Professores (PPG-ECFP) pelas contribuições e formação acadêmica que auxiliaram meu desempenho profissional. Agradeço com afeto e generosidade aos professores que me escolheram na banca: Professora Dr.^a Tânia, Professor Dr. Jonson Ney e Professora Dr.^a Janice Lando.

Ao Grupo GDICEM, sou grato pelas maravilhosas discussões e aprendizado. Inúmeros temas e apresentações de pesquisa me enriqueceram de forma muito eficiente. Registro minha gratidão a Adriana, Josuelto e Alexandra, pessoas maravilhosas que contribuíram intensamente comigo. Em especial, a Gualberto, mais que um colega, um amigo que encontrei, que me apoiou com respeito e carinho na condução de minha pesquisa e me ajudou a enfrentar as intempéries da vida. Muito obrigado!

Agradeço imensamente aos professores Dr. Héctor Santiago Odetti e Dr.^a Ana Cristina Duarte pelas contribuições valiosas ao trabalho e por gentilmente aceitarem participar como banca de avaliação.

Para concluir, registro o meu carinho a todos que me ajudaram de alguma forma na realização do meu mestrado, principalmente na escrita. Só assim foi possível escrever e pesquisar o Índice de Felicidade de Discentes da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB).

Muito obrigado!

RESUMO

A presente dissertação aborda a felicidade, conceito multifacetado que transcende as esferas filosóficas e se estende às políticas públicas e à experiência individual. Em um cenário global de questionamento dos indicadores de desenvolvimento meramente econômicos, como o Produto Interno Bruto (PIB), emerge a busca por métricas que contemplem as dimensões sociais e humanas do bem-estar. Nesse contexto, o Índice de Felicidade Interna Bruta (FIB), originário do Butão, destaca-se como um paradigma inovador, propondo uma avaliação multidimensional que contempla aspectos como saúde, educação, uso do tempo, vitalidade comunitária, cultura, meio ambiente e governança. Este estudo objetiva analisar o nível de felicidade de discentes da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB) com base nos indicadores do Índice de Felicidade Interna Bruta (FIB) e levanta a seguinte questão de pesquisa: como as dimensões que compõem o FIB se manifestam e interagem na vida dos universitários, influenciando diretamente seu bem-estar e sua trajetória acadêmica? Apesar do reconhecimento internacional do FIB, sua inserção e investigação no panorama acadêmico nacional ainda se mostram incipientes. A relevância deste trabalho reside na sua capacidade de oferecer uma compreensão mais holística da qualidade de vida estudantil, indo além dos indicadores puramente acadêmicos e passando a considerar aspectos relacionados a autonomia, aprendizagem e formação integral dos estudantes. Os objetivos específicos incluem investigar a correlação entre os domínios do FIB, identificar o impacto de diferentes fatores na percepção de felicidade, examinar as variações estatísticas do FIB entre distintos grupos de discentes (gênero, idade, campi e área de conhecimento) e comparar os resultados da UESB com os achados de Valentin *et al.* (2014) na Unicamp. Teoricamente, a dissertação aprofunda a compreensão da felicidade e do bem-estar no ensino superior, explorando a aplicabilidade de um modelo alternativo aos indicadores tradicionais. A pesquisa, de caráter quali-quantitativo, descritivo, analítico e exploratório, foi desenvolvida com 359 discentes dos campi de Jequié e Vitória da Conquista, por meio de questionário eletrônico adaptado de estudo realizado na Unicamp (Valentin *et al.*, 2014), complementado por entrevistas em grupo. Os resultados quantitativos indicaram que os discentes se consideram felizes em dimensões como bem-estar psicológico e relações sociais, mas revelaram fragilidades em aspectos como uso do tempo e padrão de vida. A análise qualitativa evidenciou uma dissonância entre a percepção geral de felicidade e os desafios concretos da vida universitária, tais como infraestrutura precária, sobrecarga de estudos, falta de apoio psicopedagógico e cultura acadêmica marcada pela coerção. Conclui-se que a felicidade estudantil não pode ser reduzida a índices numéricos, mas deve ser compreendida em sua interface com condições materiais, institucionais e relacionais que afetam diretamente a autonomia e a formação integral dos sujeitos. Assim, a pesquisa contribui tanto teoricamente, ao articular dimensões filosóficas e empíricas da felicidade, quanto praticamente, ao oferecer subsídios para políticas e ações institucionais voltadas à promoção de ambientes universitários mais cooperativos, acolhedores e comprometidos com o bem-estar integral dos discentes.

Palavras-chave: Felicidade; Autonomia Ética; Bem-estar; Educação Superior; FIB (Felicidade Interna Bruta).

ABSTRACT

This dissertation addresses happiness, a multifaceted concept that transcends philosophical spheres to encompass public policies and individual experience. In a global context where traditional economic development indicators, such as the Gross Domestic Product (GDP), there arises a search for metrics that capture the social and human dimensions of well-being. Within this scenario, the Gross National Happiness (GNH) Index, originating in Bhutan, stands out as an innovative paradigm, proposing a multidimensional assessment that includes health, education, time use, community vitality, culture, environment, and governance. The purpose of this study is to analyze the happiness levels of students at the State University of Southwest Bahia (UESB), based on the GNH Index, and to address the following research question: how do the dimensions that make up the GNH manifest and interact in the lives of university students, directly influencing their well-being and academic trajectory? While GNH has gained international recognition, its integration and research within the national academic panorama are still incipient. This work is significant for its holistic understanding of student quality of life, as it extends beyond purely academic indicators to encompass autonomy, learning, and comprehensive development. The specific objectives are to investigate correlations among GNH domains, identify the impact of various factors on happiness perception, examine statistical variations across student groups (by gender, age, campus, and field of study), and compare UESB results with those reported by Valentin *et al.* (2014) at Unicamp. Theoretically, this dissertation enhances the understanding of happiness and well-being in higher education by exploring the applicability of an alternative model to traditional indicators. This research employed a mixed-methods approach, being descriptive, analytical, and exploratory, and was conducted with 359 students from the Jequié and Vitória da Conquista campuses. Data were collected via an electronic questionnaire adapted from a study at Unicamp (Valentin *et al.*, 2014) and complemented by group interviews. The quantitative results indicated that students perceive themselves as happy in dimensions such as psychological well-being and social relationships, while revealing weaknesses in aspects like time management and living standards. Qualitative analysis highlighted a discrepancy between students' general perceptions of happiness and the concrete challenges of university life, such as inadequate infrastructure, academic overload, lack of psycho-pedagogical support, and an academic culture characterized by coercion. It can be concluded that student happiness cannot be reduced to mere numerical metrics; rather, it must be understood in relation to the material, institutional, and relational conditions that directly influence individuals' autonomy and holistic development. Thus, this research provides both a theoretical contribution, by linking the philosophical and empirical dimensions of happiness, and a practical contribution, by offering a foundation for institutional policies and initiatives aimed at promoting more cooperative, inclusive, and supportive university environments that foster students' holistic well-being.

Keywords: Happiness; Ethical Autonomy; Higher Education; well-being; GNH (Gross National Happiness).

LISTA DE FIGURAS

Figura 1. Distribuição das respostas dadas às perguntas do D1 “Bem-estar psicológico”	58
Figura 2. Distribuição das respostas dadas às perguntas do D2 “Saúde”, agrupadas pelos indicadores que a compõem	59
Figura 3. Distribuição das respostas dadas às perguntas da D3 “Uso do tempo”	61
Figura 4. Distribuição das respostas dadas às perguntas da D4 “Vitalidade comunitária” e seus três indicadores	62
Figura 5. Distribuição das respostas dadas às perguntas da D5 “Educação e cultura”	64
Figura 6. Distribuição das respostas dadas às perguntas da D6 “Relação social”	65
Figura 7. Distribuição das respostas dadas às perguntas do D7 “Diversidade e preservação ambiental” e seus quatro indicadores	66
Figura 8. Distribuição das respostas dadas às perguntas da D8 “Bom governo” e seus dois indicadores	67
Figura 9. Distribuição das respostas dadas às perguntas da D9 “Padrão de vida” e seus dois indicadores	68
Figura 10. Distribuição das respostas dadas às perguntas da D10 “Experiência de trabalho” e seus dois indicadores	70
Figura 11. Distribuição dos índices nos 10 domínios dos participantes da UESB	71
Figura 12: Distribuição do FIB	74
Figura 13. Distribuição do FIB por gênero	75
Figura 14. Distribuição do FIB por faixa etária	76
Figura 15. Distribuição dos participantes por categorias de felicidade da UESB e da Unicamp	78
Figura 16. Nível médio em cada uma das dimensões dos participantes da UESB e da Unicamp	79
Figura 17. Distribuição dos participantes da UESB, por categorias de felicidade e área de conhecimento	80
Figura 18. Distribuição dos participantes da Unicamp por categorias de felicidade e área de conhecimento	80

LISTA DE QUADROS

Quadro 1.	Composição do FIB, domínio, indicadores e pesos	44
Quadro 2.	Indicadores e pesos para o cálculo do FIB universitário proposto por Ito <i>et al.</i> (2014)	46

LISTA DE TABELAS

Tabela 1.	Composição da amostra por curso e área de conhecimento por campus	55
Tabela 2.	Distribuição dos respondentes por faixa etária e campus universitário	56
Tabela 3.	Distribuição dos respondentes por gênero e campus universitário	56
Tabela 4.	Distribuição dos respondentes por área de conhecimento e campus universitário	57
Tabela 5.	Distribuição das respostas dadas as perguntas do D1 “Bem-estar psicológico”	57
Tabela 6.	Distribuição das respostas dadas as perguntas do D2 “Saúde”	59
Tabela 7.	Distribuição das respostas dadas as perguntas da D3 “Uso do tempo”	60
Tabela 8.	Distribuição das respostas dadas as perguntas da D4 “ Vitalidade comunitária ” e seus três indicadores	61
Tabela 9.	Distribuição das respostas dadas as perguntas da D5 “ Educação e cultura ”	63
Tabela 10.	Distribuição das respostas dadas as perguntas da D6 “Relação social”	64
Tabela 11.	Distribuição das respostas dadas as perguntas do D7 “ Diversidade e preservação ambiental ” e seus quatro indicadores	65
Tabela 12.	Distribuição das respostas dadas as perguntas da D8 “Bom governo” e seus dois indicadores	67
Tabela 13.	Distribuição das respostas dadas as perguntas da D9 “Padrão de vida” e seus dois indicadores	68
Tabela 14.	Distribuição das respostas dadas as perguntas da D10 “Experiência de trabalho” e seus dois indicadores	69
Tabela 15.	Estatísticas das dimensões do FIB	71
Tabela 16.	Matriz de correlação entre os domínios do FIB e com o FIB	72
Tabela 17.	Distribuição do FIB por gênero	75
Tabela 18.	Distribuição do FIB por faixa etária	76
Tabela 19.	Distribuição do FIB por campus universitário	77
Tabela 20.	Distribuição do FIB por área de conhecimento	77
Tabela 21.	Distribuição dos participantes por categorias de felicidade da UESB e da Unicamp	77
Tabela 22.	Nível médio em cada uma das dimensões dos discentes da UESB e da Unicamp	78
Tabela 23.	Distribuição dos participantes por categorias de felicidade e área de conhecimento	79

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

FIB.....	Felicidade Interna Bruta
BDTD.....	Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações
CAPES.....	Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
CRDH.....	Centro de Referência em Direitos Humanos
CUAS.....	Centro Universitário de Atenção à Saúde
HGPV.....	Hospital Geral Prado Valadares
HI.....	Happiness Initiative
IDH.....	Índice de Desenvolvimento Humano
IPH.....	Índice de Pobreza Humana
ODEERE	Órgão de Educação e Relações Étnicas
PIB.....	Produto Interno Bruto
RU.....	Restaurante Universitário
UESB.....	Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	13
CAPÍTULO 1 – O ÍNDICE DE FELICIDADE DE ESTUDANTES DA UESB	19
1.1 A FELICIDADE	19
1.2 ÍNDICE DE FELICIDADE INTERNA BRUTA	22
1.3 OS PILARES BUTANESES PARA A FELICIDADE INTERNA BRUTA	24
1.4 O FIB APLICADO NO CONTEXTO BRASILEIRO COM DISCENTES UNIVERSITÁRIOS	27
CAPÍTULO 2 - A FELICIDADE COMO CAMINHO DA AUTONOMIA: ENTRE A CONSCIÊNCIA DE SI E A LIBERDADE ÉTICA	34
CAPÍTULO 3 - METODOLOGIA DA PESQUISA	40
3.1 ABORDAGEM E TIPO DE PESQUISA	40
CAPÍTULO 4 - PRINCIPAIS RESULTADOS (Quantitativos)	55
4.1 PERFIL DOS ENTREVISTADOS	55
4.2 RESPOSTAS ÀS VARIÁVEIS DAS DEZ DIMENSÕES	57
4.3 ANÁLISE DO FIB E SEUS DOMÍNIOS	70
4.4 ANÁLISE DO FIB PELAS VARIÁVEIS DO PERFIL DOS RESPONDENTES	73
4.5 ANÁLISE DO FIB PELAS CATEGORIAS DE FELICIDADE	77
CAPÍTULO 5 – PRINCIPAIS RESULTADOS (qualitativos)	81
CAPÍTULO 6 - DISCUSSÃO DOS RESULTADOS (INTERFACE QUANTI-QUALI)	92
CONSIDERAÇÕES FINAIS	110
REFERÊNCIAS	115
APÊNDICES	120
ANEXOS	124

1. INTRODUÇÃO

Antes de fazer a introdução deste trabalho, peço licença para fazer uma breve apresentação sobre as raízes, caminhos e saberes de minha pessoa.

A Jornada de um Educador em busca do respeito mútuo, reciprocidade, autonomia e felicidade

Minha trajetória é marcada pelo anseio constante por conhecimento e pela superação dos inúmeros desafios que pavimentaram meu percurso até aqui. Sou um homem negro, de origem humilde, nascido em Goiás, em uma família de trabalhadores rurais. Em fevereiro de 1981, aos dezenove anos, retomei os estudos noturnos na 5ª série da EEPSG Maciel de Castro Júnior, enquanto continuava meu trabalho na Fazenda São Vicente da Califórnia, no município de São José da Bela Vista, onde residia.

Ao concluir a oitava série, uma professora, reconhecendo meu potencial, incentivou-me a cursar Técnico em Contabilidade na Escola Pestalozzi, em Franca (SP), onde obtive minha formação. Essa etapa foi decisiva para ampliar meus horizontes e me colocar em contato com pessoas e saberes que redefiniram minha visão de mundo, em especial a professora Lucileida Mara de Castro, cuja epistemologia orientou novos rumos em minha caminhada.

Com o diploma em Contabilidade, prestei vestibular para Matemática. Entretanto, as dificuldades financeiras me impediram de prosseguir, o que me levou a optar pela Licenciatura em Química, graduação custeada pelo curtime onde trabalhava. Iniciei, assim, os estudos na Universidade de Franca (UNIFRAN), concluindo o curso em 1996. Nesse período, conciliava o trabalho na empresa Amazonas com a docência noturna na EEPSG Sudário Ferreira, também em Franca.

Em 1998, uma transferência profissional me levou para Maranguape (CE), terra do humorista Chico Anísio, onde permaneci por 98 dias. Logo depois, outra transferência me levou a Novo Hamburgo (RS), onde vivi por sete meses, retornando em seguida a Franca, retomando minhas atividades docentes na mesma escola em que já havia lecionado.

No início de 2000, uma nova transferência profissional me trouxe para Jequié (BA). A missão era ajudar na construção de uma grande empresa, e assim aconteceu: partimos de um pequeno galpão e, em 2013, já contávamos com cinco galpões e 386 funcionários. Esse crescimento exigiu permanente aprimoramento profissional. Concluí uma pós-graduação em

Gestão e Educação Ambiental (2016), uma pós-graduação em Docência do Ensino Superior (2017) e uma especialização em Ensino de Química.

Apesar dessas conquistas, meu maior anseio era ingressar no mestrado da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB). Enfrentei, porém, várias tentativas frustradas — não fui aprovado no mestrado em Química, em Vitória da Conquista, nem em programas da área de Educação. Em 2020, por diversas razões, entre elas a pandemia de COVID-19, precisei deixar a empresa. Nesse mesmo período, fui aprovado em concurso público no Estado de Pernambuco e lotado em Afrânio, mas a distância da família levou-me a pedir exoneração, decisão da qual me arrependi.

Como alternativa, matriculei-me como aluno especial em duas disciplinas: Gestão Pública e outra, ministrada pela professora Dra. Tânia Cristina Rocha Silva Gusmão, sobre cognição e afeto na aprendizagem matemática. Essa experiência abriu caminho para minha integração ao grupo de pesquisa GDICEM, coordenado pela professora Tânia, e foi decisiva para que, no final de 2022, fosse aprovado no mestrado, iniciado em 2023 no Programa de Pós-Graduação em Educação Científica e Formação de Professores da UESB.

Essas vivências me proporcionaram contato profundo com a diversidade das realidades educacionais e com professores que constantemente me instigaram a refletir sobre a premissa de que “pessoas mais felizes aprendem melhor”. A partir dessas experiências, passei a aprofundar minhas reflexões sobre a formação continuada de professores, especialmente diante de suas angústias em contribuir para a aprendizagem dos discentes, considerando as diferenças, os ritmos e as especificidades de cada um. Foi nesse contexto que surgiu a necessidade de estudar mais detidamente a felicidade.

Ressalto, sem receio, que minhas aprendizagens me conduziram a refletir sobre minha própria identidade: ser negro, capinador de café, retireiro, amansador de cavalo, cortador de cana-de-açúcar, roçador de pasto, contador, administrador de empresa e, agora, mestrando em uma universidade pública. Minha jornada, embora marcada por obstáculos, foi iluminada pela presença de pessoas que me apoiaram e me guiaram, em especial professores que tornaram meu caminho mais leve e repleto de sentido.

Agradeço não apenas pelas contribuições diretas à construção deste manuscrito, mas também por todas as experiências que enriqueceram minha trajetória e me moldaram como sujeito. Afinal, somos a soma das nossas vivências, e cada aprendizado reverbera em nossa vida como um todo. Registro, de modo especial, minha gratidão ao amigo Gualberto, que sempre me ensinou a olhar a vida por perspectivas diferentes.

Finalizo evocando Aristóteles: “*A felicidade é um bem supremo a que todos aspiram, mas que poucos conseguem alcançar*”.

Sobre a pesquisa

A felicidade, conceito central na história da humanidade, manifesta-se de formas diversas ao longo do tempo, atravessando debates filosóficos, políticos e sociais, bem como experiências subjetivas individuais. No cenário atual, cresce a insatisfação com indicadores tradicionais de desenvolvimento, como o Produto Interno Bruto (PIB), cuja ênfase exclusiva em aspectos econômicos se mostra limitada diante das múltiplas dimensões que compõem a vida humana. Nesse contexto, o Índice de Felicidade Interna Bruta (FIB), criado no Butão na década de 1970, surge como um modelo inovador ao propor uma visão multidimensional de bem-estar, contemplando áreas como saúde, educação, uso do tempo, espiritualidade, meio ambiente, governança e cultura.

Apesar de o FIB ter ganhado reconhecimento internacional em diversos campos, sua adoção e estudo no meio acadêmico brasileiro ainda são incipientes, como demonstrado pela revisão bibliográfica preliminar. Essa lacuna reforça a necessidade de pesquisas que analisem como os fatores que compõem o índice se expressam em diferentes contextos sociais e educacionais. Assim, a presente dissertação busca responder à seguinte questão: **como os diversos domínios do FIB se manifestam e interagem na vida dos discentes universitários, impactando seu bem-estar, sua trajetória formativa e sua experiência acadêmica?**

A relevância desta investigação reside na possibilidade de ampliar a compreensão sobre a qualidade de vida dos estudantes do ensino superior, transcendendo indicadores puramente acadêmicos e incorporando dimensões subjetivas, sociais e culturais. O estudo pretende, assim, subsidiar a formulação de políticas institucionais mais sensíveis às necessidades concretas dos discentes, promovendo não apenas a aprendizagem, mas também o bem-estar integral e a equidade na permanência universitária.

O objetivo geral da pesquisa é **analisar o nível de felicidade de discentes da UESB com base nos indicadores do Índice de Felicidade Interna Bruta (FIB)**. Para atingi-lo, foram definidos os seguintes objetivos específicos:

1. Investigar a correlação entre os diferentes domínios do FIB, identificando quais fatores têm maior impacto sobre a percepção de felicidade e bem-estar dos discentes.
2. Examinar as diferenças estatísticas nos índices do FIB entre diferentes grupos de discentes, levando em consideração variáveis como gênero, idade, campi e área de conhecimento.

3. Comparar os resultados do FIB na UESB com os achados de Valentin *et al.* (2014) na Unicamp, buscando identificar semelhanças e diferenças nos níveis de felicidade entre os discentes dessas duas instituições.
4. Integrar dados quantitativos e qualitativos para analisar como as relações interindividuais e os vínculos institucionais, com ênfase nos aspectos de coerção e cooperação, influenciam o bem-estar, a felicidade e a aprendizagem significativa dos participantes.

Teoricamente, a pesquisa contribui para o aprofundamento das discussões sobre felicidade e bem-estar no contexto da educação superior, explorando a aplicabilidade do FIB como alternativa aos indicadores tradicionais de desenvolvimento. Do ponto de vista prático, seus resultados podem orientar ações e políticas voltadas ao cuidado integral do estudante, com impactos positivos na saúde mental, no engajamento acadêmico e no sucesso na trajetória formativa.

Espera-se que esta pesquisa contribua significativamente para a área de estudos do bem-estar e qualidade de vida, especialmente no contexto da educação superior na UESB. No âmbito do Programa de Pós-Graduação em Educação Científica e Formação de Professores (PPG-ECFP), o estudo se insere de forma pertinente tanto na Linha 1 – Formação de Professores quanto na Linha 2 – Currículo e Processos de Ensino e Aprendizagem. No âmbito da formação docente, a pesquisa contribui para compreender como dimensões sociais, afetivas e culturais impactam o desenvolvimento profissional e identitário dos professores, possibilitando refletir sobre práticas formativas mais humanizadas e integradoras do bem-estar. Já no campo do currículo e dos processos de ensino-aprendizagem, o estudo permite analisar como fatores de felicidade e qualidade de vida dialogam com estratégias pedagógicas, políticas institucionais e concepções de ensino de Ciências e Matemática, ampliando o debate sobre a centralidade do bem-estar e da autonomia discente como condições para aprendizagens significativas e sustentáveis. Assim, para a comunidade acadêmica, a dissertação visa fornecer um estudo de caso sobre a aplicação do FIB, estimulando novas investigações e discussões. Para a sociedade, os resultados podem sensibilizar sobre a importância de se considerar dimensões subjetivas e sociais no desenvolvimento humano, influenciando a formulação de políticas públicas mais amplas e humanizadas no campo educacional.

A pesquisa adota uma abordagem quanti-qualitativa, de caráter descritivo, analítico e exploratório. Utiliza técnicas estatísticas para mensurar os níveis de felicidade dos discentes da UESB, combinados a entrevistas e relatos que enriquecem a interpretação dos dados. A metodologia descritiva se dedica à apresentação dos resultados do FIB, detalhando as

estatísticas de cada uma das dimensões analisadas, sem explorar diretamente as causas desses resultados, apenas retratando a realidade observada.

A metodologia analítica investiga as relações entre variáveis, utilizando testes estatísticos para verificar diferenças significativas e conectando os resultados à literatura científica. Apesar de seu caráter descritivo, o estudo possui uma dimensão exploratória, uma vez que o FIB ainda é pouco estudado no Brasil, e a aplicação no contexto da UESB representa uma novidade.

O presente trabalho está organizado em seis capítulos, além desta introdução e considerações finais.

No **Capítulo 1** – O Índice de Felicidade de Estudantes da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, são discutidas as bases conceituais e contextuais do estudo, situando o FIB como alternativa aos indicadores tradicionais de desenvolvimento. O capítulo apresenta o estado da arte sobre pesquisas relacionadas à felicidade no contexto educacional e analisa como o índice tem sido adaptado para avaliar a qualidade de vida de discentes universitários no Brasil.

O **Capítulo 2** – A Felicidade como Caminho da Autonomia: Entre a Consciência de Si e a Liberdade Ética traz uma reflexão teórico-filosófica sobre a felicidade, analisando-a não como prazer momentâneo, mas como construção contínua e eticamente comprometida. São discutidos autores clássicos como Aristóteles, Spinoza e Nietzsche, além das contribuições de Kohlberg e Gilligan sobre o desenvolvimento moral. O capítulo ressalta que a Psicologia Positiva, embora não ignore totalmente o sofrimento, não o coloca como foco central em sua abordagem. Além disso, defende a importância da autonomia, da liberdade e da solidariedade crítica, estabelecendo um diálogo com o ambiente educacional e com a proposta do FIB enquanto conceito de bem-estar coletivo.

No **Capítulo 3** – Metodologia da Pesquisa, apresenta-se o percurso investigativo adotado, caracterizado como pesquisa quanti-qualitativa, de natureza descritiva, analítica e exploratória. Detalha-se o processo de coleta de dados por meio de questionário eletrônico adaptado da pesquisa realizada na Unicamp, aplicado a 359 discentes dos campi de Jequié e Vitória da Conquista. O capítulo também explicita os critérios de análise, que contemplam dez dimensões do FIB, e descreve a inclusão de entrevistas em grupo para enriquecer a abordagem quantitativa com elementos qualitativos.

O **Capítulo 4** – Principais Resultados (quantitativos) apresenta os achados quantitativos da pesquisa, descrevendo o perfil da amostra e os resultados obtidos nas dimensões do FIB. São expostos, em tabelas e gráficos, dados referentes ao bem-estar psicológico, saúde, uso do tempo,

vitalidade comunitária, educação, cultura e relações sociais, entre outros. O capítulo ainda compara os resultados da UESB com estudos anteriores, destacando padrões e especificidades.

No **Capítulo 5** – Principais Resultados (qualitativos), os resultados são interpretados à luz das falas dos discentes e da literatura mobilizada. A análise evidencia que, embora os estudantes relatem níveis satisfatórios de felicidade em domínios como bem-estar psicológico e relações sociais, enfrentam desafios em áreas como uso do tempo e padrão de vida. As falas indicam que a precariedade da infraestrutura, a sobrecarga acadêmica e a ausência de apoio psicopedagógico contribuem para gerar sofrimento e desmotivação, reforçando a necessidade de ambientes universitários mais cooperativos e acolhedores.

Por fim, o **Capítulo 6** – Discussão dos Resultados (Interface Quanti-Quali) integra dados estatísticos e narrativas discentes, revelando discrepâncias entre índices gerais de bem-estar e a realidade vivida pelos estudantes. A análise mostra que a felicidade não pode ser compreendida apenas por números, mas depende também de condições materiais, institucionais e relacionais que sustentem a permanência estudantil com dignidade e equidade.

Nas **Considerações Finais**, retomamos os questionamentos que orientaram a pesquisa e apresentamos uma síntese dos principais achados, articulando-os ao objetivo geral do estudo. Destacamos as contribuições teóricas e práticas da investigação, bem como suas limitações e possibilidades de aprofundamento em pesquisas futuras, de modo a evidenciar os caminhos já percorridos e os horizontes que ainda se abrem para o debate sobre felicidade, bem-estar e formação acadêmica no ensino superior.

CAPÍTULO 1

O ÍNDICE DE FELICIDADE DE ESTUDANTES DA UESB

A felicidade é um tema recorrente na história, assumindo contornos filosóficos, políticos, econômicos e subjetivos ao longo do tempo. Na contemporaneidade, diante das limitações dos indicadores tradicionais de progresso, como o Produto Interno Bruto (PIB), surge a necessidade de abordagens mais integradoras que contemplem dimensões humanas e sociais do desenvolvimento. Nesse cenário, o Índice de Felicidade Interna Bruta (FIB), criado no Butão, na década de 1970, emerge como um modelo inovador que propõe uma visão ampliada de bem-estar, considerando fatores como saúde, educação, tempo, espiritualidade, meio ambiente, governança e cultura. Desse modo, este capítulo revisa as principais contribuições teóricas e empíricas sobre o conceito de felicidade e analisa como o FIB tem sido incorporado em diferentes contextos, com ênfase nas pesquisas realizadas com discentes universitários no Brasil.

1.1. A FELICIDADE

A reflexão sobre a felicidade acompanha a humanidade desde tempos remotos, assumindo significados distintos conforme os valores culturais e as concepções filosóficas de cada época. Trindade (2023) destaca que a trajetória histórica da felicidade é marcada pela pluralidade de sentidos e pela multiplicidade das experiências humanas. Esse percurso mostra como um ideal inicialmente associado apenas ao âmbito individual se transformou em uma construção social, política e também econômica. Nessa linha, Camalione e Boccalandro (2017) compreendem a felicidade como uma realidade subjetiva e multifacetada, moldada historicamente a partir de diferentes tradições de pensamento.

Barbosa (2023) e Leal (2013), em diálogo com Aristóteles e Bertrand Russell, defendem que a felicidade autêntica está mais relacionada ao “ser” do que ao “ter”, sendo cultivada na ação consciente, ética e voltada para o coletivo. Para Russell, conforme releitura de Leal (2013), a busca incessante por autoafirmação própria de sociedades modernas impede a vivência plena da felicidade, que depende, sobretudo, da curiosidade e do interesse genuíno pela vida como fonte de sentido e realização duradoura.

Csikszentmihalyi (1990, apud Ferraz; Tavares; Zilberman, 2007) argumenta que, apesar dos avanços da civilização, muitas pessoas seguem experienciando a vida com tédio e

insatisfação, pois associam erroneamente felicidade a consumo e aparência. Apesar dos avanços modernos, muitas pessoas vivem com sentimento de vazio e ansiedade, o que evidencia que conforto e progresso não garantem felicidade.

Contemporaneamente, observa-se uma tendência de mercantilização da felicidade, impulsionada pela lógica neoliberal e disseminada pela mídia e pela cultura de massa (Barbosa, 2023). Essa idealização midiática obscurece dimensões críticas do conceito, reduzindo-o a um produto de consumo. Nesse mesmo debate, Ferraz, Tavares e Zilberman (2007) mostram, com base em Csikszentmihalyi (1990), que o bem-estar subjetivo não decorre automaticamente do progresso material. Apesar dos avanços tecnológicos e do aumento do conforto, muitas pessoas continuam a vivenciar insatisfação, vazio e ansiedade, pois confundem felicidade com aparência e consumo. Dados do *World Values Survey* analisados pelos autores reforçam essa perspectiva: uma vez garantidas as necessidades básicas, o crescimento da renda tem impacto limitado nos níveis de felicidade.

No Brasil, essa discussão ganha contornos específicos. Ribeiro (2015), Santos (2015) e Berghauser (2023) argumentam que a felicidade deve ser analisada em relação à desigualdade social, já que sua distribuição é profundamente marcada por condições de renda, acesso à saúde, capital social e serviços públicos de qualidade. Esses autores defendem políticas públicas que superem a centralidade do econômico, incorporando dimensões sociais capazes de promover relações mais justas e a ampliação de oportunidades de bem-estar. Nesse mesmo sentido, Santos (2015) concebe a felicidade como uma avaliação da vida que integra tanto a satisfação e o equilíbrio emocional quanto as expectativas de futuro.

Esse panorama converge com as contribuições de Trindade (2023), que amplia o entendimento da felicidade para além da experiência individual, incluindo dimensões simbólicas, espirituais e territoriais, particularmente relevantes em comunidades tradicionais. Assim, pode-se compreender a felicidade como um fenômeno relacional e histórico, enraizado nas condições concretas de existência e nas práticas culturais dos sujeitos.

1.1.1. A Felicidade sob a ótica da Psicologia Positiva

No campo da Psicologia Positiva, a felicidade é estudada como um componente central do bem-estar subjetivo, abrangendo dimensões cognitivas (satisfação com a vida) e afetivas (emoções positivas e ausência de emoções negativas), conforme proposto por Diener e Seligman (apud Camaliente; Boccacandro, 2017). Graziano (2005) complementa essa definição ao enfatizar que a felicidade está relacionada ao uso das forças pessoais, ao engajamento com

atividades significativas, à vivência de gratificações autênticas e ao sentimento de propósito. Para a autora, não se trata apenas de momentos de prazer, mas de estados duradouros que envolvem autorreflexão, autoconhecimento e desenvolvimento de virtudes.

Seligman, em sua teoria do bem-estar, propõe cinco pilares para a felicidade: emoção positiva, engajamento, sentido, realização e relacionamentos positivos — o que ficou conhecido como modelo PERMA (Camaliente; Boccalandro, 2017). Duarte (2022), apoiando-se em Diener, destaca que o bem-estar subjetivo vai além do prazer momentâneo, integrando crescimento pessoal e conexões sociais. Tavares (2017) e Decarli (2022) também concebem a felicidade como um componente afetivo do bem-estar subjetivo, fortemente ligado à experiência de emoções positivas e à satisfação com a vida.

A pesquisa de Graziano (2005) evidencia ainda que a felicidade não é estática, mas dinâmica, podendo ser cultivada. Em suas análises, ela identificou o locus de controle interno — ou seja, a crença de que somos responsáveis por nossa própria felicidade — como um dos principais correlatos da felicidade. Sua abordagem defende um papel preventivo da Psicologia Positiva, especialmente na educação e nas instituições, ao fomentar ambientes que valorizem o florescimento humano, relações saudáveis e o bem-estar emocional.

Ferreira (2016), dialogando com Aristóteles, amplia essa compreensão ao definir a felicidade como um estado de realização pessoal, conectado ao propósito de vida e ao equilíbrio entre as dimensões da existência. Para Berghauer (2023), felicidade é sinônimo de bem-estar subjetivo, manifestado em emoções como alegria, amor, segurança e contentamento, influenciado por fatores internos e externos. A Psicologia Positiva, nesse contexto, foi um divisor de águas ao redirecionar o foco da psicologia tradicional, centrada na patologia, para a promoção ativa do bem-estar.

Ferraz, Tavares e Zilberman (2007), por sua vez, destacam que a felicidade está fortemente associada à saúde mental e à qualidade de vida. Eles observam que pessoas mais felizes tendem a viver mais, adoecer menos e apresentar melhor desempenho acadêmico e profissional. Os autores reforçam que variáveis como religiosidade, autoestima, suporte social e traços de personalidade (como otimismo e extroversão) têm maior impacto na felicidade do que fatores externos como renda ou escolaridade. Defendem, ainda, que políticas públicas devem incorporar estratégias para promover emoções positivas como parte fundamental do cuidado à saúde mental.

A pesquisa de Dela Coleta e Dela Coleta (2006) reforça essa perspectiva ao abordar a felicidade como parte do bem-estar subjetivo, resultante do equilíbrio entre emoções, satisfação

com a vida e experiências de deleite, como o flow. A felicidade, segundo esses autores, não se reduz à ausência de sofrimento, mas inclui a vivência de sentido, gratidão e realização nos diversos domínios da vida, como trabalho, relações e espiritualidade.

A concepção de felicidade encontrada no Índice de Felicidade de Discentes das Áreas de Ciências Exatas, Humanas, Biológicas e Linguagem da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, será tratado no próximo item.

1.2. INDICE DE FELICIDADE INTERNA BRUTA

O Índice de Felicidade Interna Bruta (FIB) foi criado no Butão, em 1972, como contraponto ao Produto Interno Bruto (PIB), com a finalidade de adotar um modelo de desenvolvimento pautado no bem-estar integral da população. Inspirado na tradição budista e nos valores locais, o índice passou a integrar aspectos econômicos, sociais, culturais, ambientais, espirituais e institucionais, configurando-se como um paradigma mais amplo e humano. Diferentemente do PIB, voltado apenas à mensuração da produção econômica, o FIB estrutura-se em nove dimensões: bem-estar psicológico, saúde, uso do tempo, educação, diversidade cultural, boa governança, vitalidade comunitária, meio ambiente e padrão de vida (Ura *et al.*, 2012; GNH Centre, 2020; The Guardian, 2012; Morel *et al.*, 2015; Sales *et al.*, 2013; Ferreira, 2016).

Essas dimensões ou pilares se desdobram em 33 subdomínios, avaliados por meio de indicadores objetivos e subjetivos que totalizam 72 variáveis. Uma característica singular do FIB é que todas as dimensões possuem peso equivalente e não podem ser compensadas entre si, o que significa que o bem-estar só é considerado pleno quando se mantém equilibrado em todos os domínios (Ura *et al.*, 2012; Morel *et al.*, 2015). A proposta parte da compreensão de que a felicidade de uma sociedade depende de múltiplos fatores — emocionais, sociais, espirituais, econômicos e ambientais — cabendo ao Estado garantir condições estruturais para a sua promoção (Tobgay; Dopfu; Torres; Na-Bangchang, 2021).

Idealizado pelo então rei Jigme Singye Wangchuck, o índice nasceu como proposta política com forte componente espiritual. Valores como meditação, equilíbrio entre cultura e natureza, sustentabilidade e harmonia social compõem suas bases (GNH Centre, 2020; Nowmaste, 2015). Embora fundado em princípios budistas, o FIB conquistou repercussão internacional e vem sendo reinterpretado em diferentes realidades. Trindade (2023) assinala que se trata de uma concepção de desenvolvimento que articula necessidades materiais com

dimensões afetivas, culturais e espirituais. Por outro lado, Sewaybricker (2017 apud Barbosa, 2023) adverte que os efeitos do FIB podem variar: no Butão, contribui para transformações sociais; em contextos ocidentais, entretanto, pode acabar reforçando dinâmicas neoliberais.

No Brasil, ainda que pouco conhecido, o FIB vem sendo explorado em pesquisas acadêmicas nas áreas de educação, saúde, gestão pública e estudos sobre bem-estar subjetivo (Decarli, 2022; Trindade, 2023). No campo educacional, Barbosa (2023) analisou sua aplicação pedagógica em uma escola pública de Pernambuco, onde foi implementada a disciplina eletiva “Felicidade”. O estudo revelou que os alunos passaram a refletir sobre emoções, propósitos e convivência, embora persistisse uma visão de felicidade atrelada ao consumo. A experiência também destacou que a gestão escolar participativa favoreceu o bem-estar, indicando que práticas democráticas fortalecem uma concepção de educação emancipadora voltada à formação integral.

De forma convergente, Decarli (2022) propôs a articulação entre o FIB, a Educação Emocional e a Base Nacional Comum Curricular (BNCC), defendendo que os pilares do índice podem fundamentar práticas educativas mais humanizadas, sensíveis às emoções e às relações de cuidado, especialmente no processo de formação docente. No campo da gestão pública, Ferreira (2016) e Barboza Neto (2024) argumentam que o FIB é um recurso estratégico para transformar realidades sociais. Ferreira (2016) sustenta que a qualidade de vida deve ser mensurada a partir de múltiplas dimensões — saúde, educação, segurança, cultura e meio ambiente —, todas contempladas no índice. Já Barboza Neto (2024), ao aplicá-lo em três bairros de Lorena/SP, concluiu que o crescimento econômico isolado não garante felicidade, reforçando a necessidade de políticas públicas mais humanas e inclusivas.

A pesquisa de Trindade (2023) em uma comunidade afro-religiosa baiana amplia o alcance do FIB ao propor a ideia de “felicidade territorializada”. Os resultados mostraram que o bem-estar estava associado a fatores não materiais, como vínculos familiares, espiritualidade e pertencimento ao território, ressaltando a relevância do índice para diferentes contextos culturais e a necessidade de políticas que valorizem identidades locais. De modo semelhante, Morel *et al.* (2015) analisaram a aplicação do índice em uma cidade brasileira e verificaram que os indicadores de felicidade variavam conforme as condições socioeconômicas: regiões mais ricas apresentavam níveis mais elevados de satisfação, enquanto áreas vulneráveis revelavam menores índices de bem-estar, evidenciando a relação entre fatores materiais, acesso a direitos e segurança com a percepção subjetiva de felicidade.

Além disso, estudos como os de Sales *et al.* (2013) e Ferreira e Queiroz (2021) ressaltam que o FIB pode orientar políticas públicas integradas, voltadas a uma concepção de desenvolvimento que valorize a totalidade da experiência humana. Para esses autores, ao considerar dimensões subjetivas e objetivas, o índice se apresenta como ferramenta robusta tanto para diagnosticar desigualdades quanto para avaliar o impacto de políticas direcionadas à felicidade coletiva.

No que diz respeito ao ambiente universitário — foco de nosso estudo —, esse debate será aprofundado no item 3, em que analisaremos as adaptações do FIB para mensurar a qualidade de vida dos discentes. A seguir, passaremos à discussão específica sobre os pilares que compõem o índice.

1.4 OS PILARES BUTANESES PARA A FELICIDADE INTERNA BRUTA

Como vimos, o FIB propõe um modelo de desenvolvimento que valoriza dimensões subjetivas e objetivas do bem-estar, indo além dos indicadores econômicos tradicionais. A seguir, sintetizamos seus nove pilares, exemplificando os principais indicadores que os compõem, com base em Ura *et al.* (2012), Ito *et al.* (2014), The Guardian (2012) e outras referências relevantes.

1. Bem-Estar Psicológico

Esse pilar avalia a percepção subjetiva de felicidade, equilíbrio emocional e propósito de vida. Envolve indicadores como satisfação com a vida, presença de emoções positivas (como gratidão, otimismo) e baixa ocorrência de afetos negativos, além de aspectos espirituais como meditação, oração e práticas contemplativas (Zangmo, 2012; Ito *et al.*, 2014).

2. Saúde

Este domínio está focado na saúde física, já que os aspectos mentais e sociais são tratados em outros domínios do índice. A proposta valoriza a prevenção e o acesso à informação, entendendo que fatores como renda, educação e atividade física influenciam tanto a saúde quanto a felicidade. Assim, busca-se promover o equilíbrio corporal e a autonomia no cuidado com a própria saúde. Inclui indicadores como frequência de doenças, acesso a serviços de saúde, qualidade do sono, uso de medicamentos e práticas preventivas. A abordagem do FIB também valoriza saberes populares e o autocuidado como formas legítimas de promoção da saúde (Sales *et al.*, 2013; Trindade, 2023; Ribeiro, 2015).

3. Uso do Tempo

Este domínio investiga o equilíbrio entre trabalho, lazer e descanso, considerando o tempo como um bem precioso para o desenvolvimento humano. O tempo representa um marcador importante de felicidade. Mede-se a distribuição das horas entre trabalho remunerado e não remunerado, sono e atividades significativas. A escassez de tempo livre é vista como um marcador de desigualdade (Sales *et al.*, 2013; Ito *et al.*, 2014).

4. Vitalidade Comunitária

Este domínio, conforme Ura *et al.* (2012), avalia a força e a qualidade das conexões sociais dentro das comunidades, considerando aspectos como o apoio familiar, a segurança, a confiança interpessoal e o engajamento em atividades solidárias. Relações sociais saudáveis e colaborativas são vistas como essenciais para o bem-estar coletivo e individual. O índice investiga ainda o cuidado com grupos vulneráveis, como idosos e crianças, e a participação ativa das pessoas na vida comunitária. A ausência desses vínculos pode gerar desintegração social, afetiva e até violência, evidenciando que comunidades mais coesas são fundamentais para uma sociedade feliz e resiliente.

5. Educação

Mais do que escolaridade formal, o FIB entende educação como o desenvolvimento integral do ser e um domínio importante para viabilizar os outros domínios. Os indicadores incluem alfabetização funcional, acesso à formação contínua, habilidades para a vida, consciência crítica e valores morais, considerando inclusive aspectos culturais e espirituais da aprendizagem (SALES *et al.*, 2013; BRANDÃO, 2007; ITO *et al.*, 2014).

6. Diversidade Cultural e Resiliência

Este domínio reflete o compromisso com a valorização das tradições, línguas, crenças e expressões culturais de uma sociedade, reconhecendo que a identidade coletiva é um pilar fundamental para o bem-estar. De acordo com Ura *et al.* (2012), esse domínio avalia o grau de participação em eventos culturais, o tempo dedicado às práticas tradicionais e a percepção da importância da cultura local. Um dos indicadores utilizados é a frequência de participação em atividades culturais tradicionais, que reflete o engajamento dos indivíduos com sua herança cultural.

7. Diversidade e Preservação Ambiental

Este domínio, conforme Ura *et al.* (2012) e o GNH Centre (2020), avalia a harmonia entre desenvolvimento e sustentabilidade, considerando que o bem-estar humano depende do equilíbrio ecológico. Seus indicadores incluem qualidade ambiental, práticas sustentáveis, preservação da biodiversidade e valorização de saberes tradicionais. A proposta do FIB é garantir que o progresso ocorra sem comprometer os recursos naturais e a vida das futuras gerações.

8. Boa Governança

O domínio Boa Governança, segundo Ura *et al.* (2012), avalia a qualidade da gestão pública a partir de indicadores como confiança nas instituições, percepção de corrupção, liberdade de expressão, participação cívica e acesso à informação. Para o FIB, boa governança é a sábia administração do poder político e econômico, de modo a assegurar as condições necessárias para uma vida harmônica, feliz e sustentável. Conforme Sales *et al.* (2013), ela pressupõe transparência, equidade e participação ativa dos cidadãos, sendo fundamental para o fortalecimento dos demais domínios do índice e para a construção de políticas públicas sensíveis às reais necessidades da população.

9. Padrão de Vida

O pilar econômico do FIB está relacionado a segurança financeira e dignidade, com foco na suficiência e no bem-estar coletivo. Segundo Ura *et al.* (2012), os indicadores incluem renda familiar, acesso à moradia adequada, alimentação, posse de bens essenciais e estabilidade financeira. A proposta é orientar a economia para atender às necessidades humanas de forma justa e equilibrada, priorizando a equidade e o uso responsável dos recursos, em vez da acumulação ilimitada de riqueza.

Inspirada no modelo butanês, a organização norte-americana *Happiness Alliance* criou a *Happiness Initiative* (HI), adaptando o FIB à realidade ocidental com um questionário mais enxuto, composto por 10 domínios (bem-estar psicológico, saúde, educação e cultura, bom governo, vitalidade comunitária, diversidade e preservação ambiental, uso do tempo, padrão de vida, relação social e experiência de trabalho) e 17 indicadores. A iniciativa teve início em Seattle, em 2011, e se espalhou por outras cidades, como San Francisco e Los Angeles (Valentim *et al.*, 2014).

A **relação social** refere-se à qualidade dos vínculos afetivos, apoio emocional, confiança nas pessoas e sensação de pertencimento. Ambos os domínios reforçam que boas relações interpessoais – tanto no ambiente profissional quanto na vida pessoal – são pilares essenciais para uma vida feliz e equilibrada.

Já a **experiência de trabalho** considera a satisfação com o ambiente profissional, equilíbrio entre vida pessoal e laboral, segurança no emprego e relações interpessoais no trabalho. Esses dois domínios avaliam aspectos fundamentais da vida cotidiana que impactam diretamente o bem-estar.

1.4 O FIB APLICADO NO CONTEXTO BRASILEIRO COM DISCENTES UNIVERSITÁRIOS

Inicialmente, optamos por concentrar nossa busca no site da Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD). Utilizando o termo “ÍNDICE DE FELICIDADE INTERNA BRUTA” em todos os campos, sem refinar filtros ou delimitar o ano de publicação, foram localizados 13 trabalhos. No entanto, nenhum deles possuía relação direta com o foco da nossa pesquisa, ou seja, não abordavam discentes como público-alvo.

Na tentativa de refinar os resultados, testamos a expressão “ÍNDICE DE FELICIDADE INTERNA BRUTA E DISCENTES”, sem sucesso: os mesmos trabalhos anteriores reapareceram. Ao substituir o termo “discentes” por “universitários” e também por “discente”, apenas um novo resultado surgiu, que também não estava relacionado à nossa temática.

Diante de uma busca extensa e pouco produtiva, optamos por ampliar os descritores para “FELICIDADE E DISCENTES”, o que resultou em 1.521 trabalhos. Em seguida, utilizando “FELICIDADE E UNIVERSITÁRIOS”, obtivemos 88 resultados. Uma leitura atenta e exaustiva dos títulos revelou que a maioria dos trabalhos trazia apenas um dos termos da busca, sem atender de forma integrada à nossa proposta. Apenas a tese de Duarte (2022) contemplava todos os termos, mas optamos por excluí-la por ter sido realizada com discentes portugueses, o que se distancia do contexto brasileiro que buscamos analisar.

Diante da escassez de estudos diretamente relacionados, decidimos complementar nossa investigação por meio do *Google Acadêmico*, utilizando os mesmos descritores. A busca gerou centenas de resultados, muitos trazendo também apenas um dos termos da busca; resolvemos nos restringir às dez primeiras páginas, identificando 11 trabalhos com relevância direta: 1 tese, 8 artigos, 1 TCC e 1 comunicação científica. Esses trabalhos passaram a compor nosso corpus de análise.

É importante destacar que, ao longo desse processo, encontramos também pesquisas que aplicaram o FIB em outros campos, como saúde e gestão pública. Embora não se alinhem diretamente ao foco estudantil, esses estudos se mostraram relevantes e enriqueceram nossa revisão de literatura, ampliando o entendimento sobre a aplicação e adaptação do Índice de Felicidade Interna Bruta em diferentes cenários sociais.

A tese de Paneli (2024) teve como objetivo investigar se a formação acadêmica influencia a percepção de discentes universitários sobre qualidade de vida, alimentação, meio ambiente, atividade física e felicidade, considerando as diferenças curriculares e de áreas de formação. O estudo foi desenvolvido com discentes dos cursos de Administração, Engenharia Agrônômica, Fisioterapia, Nutrição, Educação Física e Ciências Biológicas, no Centro Universitário de Santa Fé do Sul (UNIFUNEC), interior de São Paulo. A abordagem metodológica adotada foi quanti-qualitativa, com revisão bibliográfica e aplicação de um questionário de autopreenchimento online, estruturado em seis blocos temáticos: dados sociodemográficos e clínicos, qualidade de vida (utilizando o WHOQOL-Bref), padrão alimentar, percepção ambiental, prática de atividade física (baseada no IPAQ) e Felicidade Interna Bruta (FIB). Participaram 71 discentes, o que representa 75,5% do universo pesquisado. Atentando-nos para os resultados relacionados ao FIB, a análise dos dados revelou que, independentemente do curso, os discentes demonstraram familiaridade limitada, mas reconheceram a importância de indicadores mais humanizados de desenvolvimento. A autora conclui que há carência de uma formação mais integrada e transversal que aborde a qualidade de vida em sua complexidade, incluindo aspectos ambientais, nutricionais, físicos e emocionais, e defende a necessidade de uma alfabetização ecológica que aproxime os discentes de uma compreensão mais ampla da relação ser humano-natureza, estimulando a formação de profissionais conscientes e comprometidos com o desenvolvimento sustentável.

O artigo de Vieira *et al.* (2022) aponta como objetivo avaliar o nível de felicidade dos discentes dos cursos de Educação Física e Enfermagem da Faculdade Peruíbe, a partir de diferentes instrumentos psicológicos. A pesquisa, de corte transversal, contou com a participação de 60 discentes, sendo 30 de cada curso, com idades entre 18 e 45 anos. Foram utilizados três instrumentos: o Questionário de Felicidade de Oxford, a Escala de Felicidade Subjetiva e a Roda da Vida. Os resultados apontaram que os discentes de Educação Física apresentaram níveis mais elevados de felicidade em todas as escalas aplicadas, com destaque para a área profissional, que apresentou significância estatística. A maior sociabilidade desses discentes pode ser um fator relacionado ao bem-estar percebido. Por outro lado, os discentes de Enfermagem demonstraram maior variabilidade nas respostas, com predominância de escores

mais baixos nas dimensões avaliadas. Os autores concluem que o bem-estar emocional no contexto universitário está fortemente ligado a fatores como relacionamento interpessoal, satisfação profissional e equilíbrio nas diversas áreas da vida.

A pesquisa conduzida por Sousa *et al.* (2022), em seu artigo, teve como objetivo descrever os níveis de felicidade subjetiva entre discentes dos cursos de Odontologia e Psicologia de universidades paraibanas. Com abordagem quantitativa e delineamento descritivo e transversal, os dados foram coletados via Escala de Felicidade Subjetiva (SHS), distribuída por meio de link no WhatsApp, utilizando a técnica de amostragem em bola de neve. A amostra foi composta por 160 universitários, sendo os dados analisados por meio de estatísticas descritivas e ANOVA. Os resultados revelaram que, embora discentes de Odontologia tenham apresentado médias levemente superiores aos de Psicologia, não foram identificadas diferenças estatisticamente significativas entre os grupos. A análise por faixa etária e estado civil também não demonstrou impactos relevantes na felicidade subjetiva dos participantes, embora os maiores índices tenham sido observados entre discentes mais velhos e solteiros ou separados. O estudo conclui que a felicidade subjetiva é relativamente estável entre os discentes avaliados, mas recomenda que futuras pesquisas ampliem a amostra e aprofundem os cruzamentos estatísticos, buscando compreender melhor os determinantes do bem-estar universitário.

O artigo de Silva, Marques e Fornari (2021) apresenta resultados da pesquisa realizada na Universidade de Mogi das Cruzes, que avaliou o Índice de FIB entre discentes do curso de Direito, com o objetivo de compreender a qualidade de vida e bem-estar desses acadêmicos a partir de múltiplos indicadores. O trabalho parte da crítica à limitação dos indicadores econômicos como o PIB e o IDH, propondo o FIB como uma métrica mais sensível e humana para avaliar o desenvolvimento, considerando dimensões emocionais, sociais, ambientais e institucionais. A pesquisa utilizou um questionário baseado nos nove pilares do FIB e envolveu 81 participantes. Os dados revelaram níveis satisfatórios de saúde física, padrão de vida, escolha do curso e aproveitamento acadêmico. Entretanto, foram identificados altos índices de estresse, preocupação, demanda por apoio psicológico e insatisfação com o tempo de lazer, sono e equilíbrio entre estudo e trabalho. Também foram observadas limitações na participação política dentro da universidade e na liberdade de expressão, embora a maioria tenha relatado empatia familiar, segurança e facilidade de acesso físico à instituição. Os autores concluem que, embora os discentes apresentem bons níveis em alguns domínios do FIB, ainda há desafios importantes no campo emocional e institucional, o que evidencia a urgência de políticas acadêmicas mais integradas ao bem-estar subjetivo dos discentes e à aplicação prática do FIB no ambiente universitário.

O trabalho de conclusão de curso de Pala (2020) buscou compreender como os acadêmicos do curso de Comércio Internacional da UCS/CARVI se autoavaliaram quanto aos elementos da FIB. Dentro de uma abordagem quantitativa, descritiva e exploratória, foi aplicado um questionário estruturado com base nos indicadores do FIB. Os dados foram analisados estatisticamente com o auxílio de ferramentas como gráficos e tabelas, que permitiram identificar tendências, comparações e correlações entre os domínios da felicidade e o perfil dos respondentes. Os resultados revelaram níveis variados de satisfação entre os discentes nas diferentes dimensões do FIB. Destacaram-se índices mais baixos nos domínios relacionados ao uso do tempo, vitalidade comunitária e participação política, sugerindo fragilidades institucionais e sociais. Em contrapartida, dimensões como saúde e educação apresentaram resultados mais positivos. O autor aponta para a necessidade de uma abordagem mais holística na gestão universitária, considerando o bem-estar emocional, social e acadêmico dos discentes.

Na comunicação científica de Santos e Gobbo (2019), o objetivo foi mensurar o FIB entre acadêmicos do curso de Administração de uma Instituição de Ensino Superior no litoral norte de Santa Catarina, buscando, ainda, analisar os dados à luz das diferenças de gênero. Com uma abordagem mista, a pesquisa combinou métodos quantitativos e qualitativos, utilizando como instrumento um questionário estruturado com 16 questões fechadas, respondidas por 337 dos 360 discentes matriculados. As respostas foram coletadas presencialmente e analisadas estatisticamente por meio de técnicas descritivas. Os resultados apontam que, embora a maioria dos discentes tenha se declarado feliz, há um número significativo que revelou insatisfações em aspectos como reconhecimento pessoal, admiração da própria aparência e sentido profissional. O estudo também mostrou que fatores como a qualidade do ensino e o apoio institucional impactam diretamente o bem-estar dos discentes. A análise revelou ainda a necessidade de políticas institucionais voltadas ao fortalecimento da felicidade acadêmica como um elemento essencial para a permanência e o sucesso dos discentes no ambiente universitário. Os autores concluem que o índice de felicidade dos discentes pode ser considerado mediano, com predominância da resposta “às vezes” na maioria das questões, e sugere a inclusão da temática da felicidade nos currículos dos cursos superiores como estratégia para promover uma formação mais humana, empática e comprometida com a qualidade de vida.

O artigo de Ito et. al. (2014) apresenta uma pesquisa cujo propósito foi adaptar o FIB, originalmente criado no Butão, ao contexto do ambiente universitário brasileiro. Com base nos nove domínios e 33 indicadores do modelo butanês, os autores analisaram a aplicabilidade de cada item em relação à realidade dos discentes da UNICAMP, atribuindo classificações de

essencialidade e reformulando os componentes do índice conforme a cultura e os hábitos locais. O resultado foi a criação de um novo questionário, composto por 26 indicadores e 57 variáveis, que buscou manter o rigor conceitual do FIB e, ao mesmo tempo, torná-lo mais acessível e relevante para o cotidiano acadêmico. A adaptação envolveu o redesenho das variáveis, exclusão de itens específicos do contexto butanês, como espiritualidade budista e carpintaria, e inclusão de perguntas sobre satisfação com o curso, desempenho acadêmico, condições de moradia e relações dentro da universidade. A pesquisa não se propôs a aplicar o questionário adaptado, mas sim a oferecer uma ferramenta ajustada e passível de implementação futura em estudos sobre felicidade e bem-estar subjetivo entre discentes universitários brasileiros. Os autores, todos discentes de engenharia, destacam o valor formativo da experiência, ressaltando a importância de considerar o bem-estar e a qualidade de vida como parte fundamental do desenvolvimento social e acadêmico.

A pesquisa de Ito et. al. (2014) também é retrata no artigo de Valentim *et al.* (2014), trazendo informações de que a adaptação do FIB foi feita a partir do questionário da Happiness Initiative (EUA) para a realidade dos discentes da UNICAMP. A pesquisa foi aplicada por meio de um formulário on-line, com a participação de 509 discentes. Os dados indicaram um FIB médio de 60,58, classificando os discentes como “razoavelmente felizes”. Os melhores índices foram observados nas dimensões de vitalidade comunitária, bem-estar psicológico e relação social. Por outro lado, o domínio “bom governo” apresentou o pior desempenho, sendo classificado como “infeliz”, seguido por uso do tempo e experiência de trabalho. A análise por área de conhecimento revelou que discentes das Ciências Exatas concentram maior proporção de infelizes, enquanto os das Ciências Humanas apresentaram mais discentes felizes, mas nenhum profundamente feliz; já nas Ciências Biológicas, houve maior incidência de profundamente felizes. Os autores concluem que, embora o ambiente universitário da Unicamp proporcione boas condições de convivência e suporte emocional, há aspectos estruturais e acadêmicos que impactam negativamente o bem-estar dos discentes, especialmente no que se refere à sobrecarga de atividades e à percepção da gestão universitária.

A pesquisa conduzida por Silva e Heleno (2012), em seu artigo, avaliou a qualidade de vida e o bem-estar subjetivo de 257 discentes universitários de uma instituição federal no estado de São Paulo. Utilizando o WHOQOL-Bref e a Escala de Bem-Estar Subjetivo (EBES), os resultados apontaram que o domínio mais satisfatório da qualidade de vida foi o de relações sociais, enquanto o domínio meio ambiente apresentou os piores índices. Já no bem-estar subjetivo, observou-se uma predominância de afetos negativos, como ansiedade e angústia, em detrimento dos afetos positivos. Apenas 14,4% dos discentes apresentaram elevado bem-estar,

enquanto 13,6% revelaram baixo bem-estar subjetivo. Fatores como prática de atividade física e alta capacidade de adaptação foram associados a melhores escores emocionais. Os dados evidenciaram uma correlação significativa entre qualidade de vida e bem-estar subjetivo, indicando que melhorias em um aspecto influenciam positivamente o outro. Diante disso, as autoras ressaltam a importância de ações psicossociais e programas institucionais voltados à saúde mental e à promoção do bem-estar dos discentes, como estratégias fundamentais para o desenvolvimento acadêmico e pessoal durante a vida universitária.

O artigo de Dela Coleta, Lopes, Ferreira e Dela Coleta (2012) apresenta resultados de um estudo que investigou os níveis de felicidade e bem-estar subjetivo em 388 discentes universitários de 11 instituições públicas e privadas dos estados de Minas Gerais e Mato Grosso do Sul. Utilizando instrumentos online validados, os autores aplicaram um extenso questionário composto por escalas de satisfação com a vida, gratidão, suporte social, popularidade, solidão e percepção de justiça socioeconômica. Os resultados revelaram que os discentes apresentaram níveis elevados de felicidade e bem-estar subjetivo, especialmente aqueles que tinham maior suporte social, relações afetivas estáveis, escolaridade mais alta dos pais e melhores condições econômicas. As correlações entre as variáveis foram amplas e significativas, demonstrando que fatores como juventude, religiosidade, convívio afetivo, domínio de outro idioma, acesso à educação privada e justiça percebida em sua posição social explicam uma parcela importante do sentimento de felicidade. O estudo sustenta a ideia de que a felicidade pode ser prevista a partir de múltiplos fatores psicossociais e que tais dados oferecem base para iniciativas futuras que visem à criação de um índice nacional de felicidade e bem-estar, ampliando o olhar sobre o desenvolvimento humano para além dos indicadores econômicos tradicionais.

Dela Coleta e Dela Coleta (2006) trazem, em seu artigo, resultados de um estudo que investigou a relação entre felicidade, bem-estar subjetivo e comportamento acadêmico entre 252 discentes universitários de diferentes cursos, instituições e regiões brasileiras. Os resultados mostraram que os discentes avaliam seu bem-estar de forma bastante positiva e que há uma correlação significativa entre felicidade e desempenho acadêmico. Aqueles com maiores escores em felicidade e satisfação tendem a ter melhor rendimento, maior comprometimento com os estudos e expectativas profissionais mais realistas e positivas. Discentes de cursos modulares destacaram-se por maior equilíbrio emocional e engajamento escolar em relação aos discentes de cursos regulares. O estudo também identificou que aspectos como saúde, paz, família, amor e espiritualidade são centrais na definição de uma vida boa. Os autores concluem que o bem-estar subjetivo pode ser um importante preditor de sucesso acadêmico e que ações

institucionais que promovam a felicidade podem gerar impactos significativos no ambiente universitário.

As pesquisas analisadas convergem ao reconhecer a felicidade e o bem-estar subjetivo como dimensões fundamentais na vida universitária, apontando que aspectos como relações interpessoais, equilíbrio emocional, satisfação com o curso, apoio institucional e saúde são determinantes no sentimento de felicidade dos discentes. Enquanto estudos como os de Valentim *et al.* (2014), Pala (2020) e Santos e Gobbo (2019) adotam o Índice de Felicidade Interna Bruta (FIB) como ferramenta central para mensuração, outros, como Silva e Heleno (2012) e Vieira *et al.* (2022), utilizam escalas psicológicas específicas, como a SHS, o WHOQOL-Bref ou a Roda da Vida, evidenciando abordagens metodológicas distintas. Há variações nos resultados conforme a área de formação: discentes de cursos como Educação Física tendem a demonstrar maior bem-estar em comparação com áreas como Enfermagem ou Direito, que revelam mais fragilidades emocionais e institucionais. Estudos como o de Paneli (2024) ampliam o foco, integrando a felicidade a temas como alimentação, meio ambiente e sustentabilidade, enquanto trabalhos como o de Dela Coleta *et al.* (2012) aprofundam a análise de variáveis psicossociais, como suporte afetivo, justiça percebida e escolaridade dos pais. Apesar das diferenças de ênfase, todos os estudos reforçam a necessidade de políticas educacionais e institucionais que reconheçam o bem-estar como parte essencial da formação acadêmica, propondo currículos e ambientes que valorizem não apenas o desempenho, mas também a saúde emocional e a qualidade de vida dos discentes.

Portanto, o FIB representa uma ruptura com os modelos econômicos tradicionais, abrindo espaço para novas formas de pensar e promover o bem-estar. Seja na escola, na universidade, na comunidade ou na gestão pública, os estudos analisados convergem na defesa de um modelo de desenvolvimento mais sensível, participativo e centrado no ser humano, em que a felicidade é compreendida não apenas como estado individual, mas como um bem coletivo e integrador.

CAPÍTULO 2

O FIB E A FELICIDADE COMO CAMINHO DA AUTONOMIA: ENTRE A CONSCIÊNCIA DE SI E A LIBERDADE ÉTICA

Para La Taille (2006), a construção da felicidade encontra respaldo em vários sistemas éticos. Em Aristóteles, na *Ética a Nicômaco*, a felicidade é o "bem supremo", pois toda ação humana tende a um fim, e este fim último é o bem. Para Spinoza, a felicidade está ligada ao "autoconhecimento" e à compreensão das causas que influenciam nossas ações — apenas assim é possível passar de uma perfeição mínima para uma perfeição máxima. Já para Nietzsche, a "vontade de potência" é a fonte motivacional das ações humanas, em que o prazer equivale às sensações de acréscimo dessa potência.

Autoconhecimento, potência e bem supremo: três visões sobre a construção da felicidade, fundamentadas em sistemas éticos. Outros autores, como Carol Gilligan (1986) e Lawrence Kohlberg (1981), também oferecem contribuições importantes, ao considerar que a construção da felicidade está intrinsecamente relacionada à ética.

Gilligan (1986) propõe uma concepção de desenvolvimento moral feminino centrada na ética do cuidado, em contraste com a perspectiva tradicionalmente associada ao desenvolvimento moral masculino. Nessa abordagem, destaca-se a relevância das relações interpessoais e do cuidado mútuo como fundamentos da autonomia e da felicidade. Ser feliz, nesse sentido, é viver em harmonia com os outros — uma vida honrada e eticamente comprometida. Isso, contudo, não exclui a consideração das condições concretas que possibilitam o usufruto da felicidade.

Segundo Kohlberg (1981), os sujeitos atravessam vários níveis no desenvolvimento da consciência moral, sendo o mais elevado o nível pós-convencional. No sexto estágio desse nível, os indivíduos agem conforme princípios éticos universais, mesmo que isso implique enfrentar pressões sociais ou consequências negativas. Essa fidelidade à própria consciência moral — como no caso de mártires e pacifistas — revela uma forma elevada de autonomia, em que a ação moral é, por si só, uma fonte de sentido e realização.

Assim, a felicidade, sob uma perspectiva ética, não se reduz ao prazer momentâneo ou à satisfação de desejos imediatos, mas pode ser compreendida como o resultado de uma vida vivida com autenticidade e coerência com valores profundos. Dito de outra forma, a felicidade pode ser entendida como a expressão de uma vida eticamente comprometida, na qual o sujeito se realiza ao agir de forma justa e íntegra (La Taille, 2006).

Entre os sujeitos que alcançaram o nível pós-convencional do desenvolvimento moral descrito por Kohlberg (1981), destacam-se Martin Luther King Jr., Chico Mendes e Irmã Dulce. Suas ações, pautadas por princípios éticos universais, revelam uma autonomia moral que os levou a desafiar sistemas de opressão como o racismo, a devastação ambiental e a exclusão social. Para esses indivíduos, a felicidade não se configura como bem-estar imediato, mas como a expressão da dignidade de viver segundo a própria consciência moral. Nessa perspectiva, sentir-se feliz é reconhecer-se como alguém capaz de se afirmar eticamente no mundo, de desenvolver-se plenamente e de vislumbrar um sentido profundo na luta por justiça, mesmo diante das adversidades (La Taille, 2006).

Embora se reconheça que a felicidade seja, em grande parte, uma elaboração pessoal, isso não significa negar sua dimensão social e política. A felicidade também depende de condições externas, como acesso à justiça, educação, saúde e qualidade de vida. Assim, ela é socialmente construída e pode estar alinhada ao desenvolvimento sustentável e ao bem-estar coletivo. Um exemplo emblemático foi o idealizado em 1972 pelo rei do Butão, Jigme Singye Wangchuck que idealizou e instituiu o Índice de Felicidade Interna Bruta (FIB), um conceito de desenvolvimento social criado como alternativa ao Produto Interno Bruto (PIB), que tradicionalmente mede apenas o crescimento econômico de um país, evidenciando que é possível pensar em uma felicidade socialmente viável e orientada por valores comunitários (Jochem; Pellin, 2019).

Enfim, o FIB parte do pressuposto de que felicidade é um bem coletivo e estrutural, não apenas uma experiência subjetiva. As nove dimensões que o integra reconhecem que o florescimento individual depende de condições sociais que favoreçam a autonomia, a equidade e o reconhecimento mútuo. Com isso, o FIB se aproxima da ética do cuidado de Gilligan (1986), da justiça universal de Kohlberg (1981), da expansão de si mesmo de La Taille (2006) e da ideia aristotélica de uma “vida boa”, pois sugere que o verdadeiro progresso ocorre quando os sujeitos têm liberdade para desenvolver-se integralmente em suas dimensões afetivas, cognitivas e éticas.

Nesse contexto, torna-se importante diferenciar os diversos modos de experimentar a felicidade. Autores como La Taille (2006) e Piaget (1994) destacam que "estar feliz" é um estado momentâneo, enquanto "ser feliz" é um processo contínuo, marcado por desequilíbrios e reequilibrações constantes — uma construção permanente que precisa ser alimentada e recriada ao longo da vida, e que tem a afetividade como combustível para mudança. Para esses autores, felicidade não se resume a gestos pontuais ou à busca por satisfação pessoal

momentânea, mas envolve um compromisso contínuo com o próprio desenvolvimento e com a construção de uma vida ética solidária¹.

É nessa direção que Garrafa e Soares (2013) argumentam que as ações éticas verdadeiramente solidárias são aquelas que emergem da autonomia da consciência, marcadas por interações horizontais e pelo compartilhamento de responsabilidades. No entanto, muitas pessoas não constroem suas vidas com base em princípios e valores éticos consolidados. Em vez disso, satisfazem-se com gestos pontuais de ajuda — auxiliando aqui e ali — sem um comprometimento contínuo com a ética da solidariedade. Ainda assim, é importante reconhecer que atitudes como gratidão e otimismo, conforme propõe a psicologia positiva, podem gerar bem-estar e provocar sensações momentâneas de felicidade.

Voltamos a frisar que é necessário fazer uma distinção significativa entre estar feliz e ser feliz. A Psicologia Positiva, apesar de suas contribuições², parece focar excessivamente na construção de uma autoestima elevada e na busca constante por bem-estar e felicidade. Ainda que não ignore completamente o sofrimento, este não ocupa um lugar central em sua abordagem, sendo frequentemente tratado como algo a ser superado rapidamente.

Entretanto, na realidade, não escapamos das tragédias e das dores que compõem a existência. Pensadores como Nietzsche (2020) e Schopenhauer (2005) e até mesmo Freud (2020) reconhecem o sofrimento como parte intrínseca da condição humana. Eles entendem que é preciso conhecer profundamente a dor para transcender as ilusões do mundo e alcançar formas mais elevadas de consciência e paz interior. Para La Taille, a dor não deve ser esquecida, nem simplesmente superada – no sentido de fuga ao sofrimento, mas integrada como parte do real (La Taille 2006). É preciso “liquidificar, espremer, bater essa dor” — numa metáfora da alquimia emocional — para, então, encontrar o equilíbrio. Somente a reflexão permite a reelaboração da dor e a construção de sentidos mais autênticos sobre a vida – caminho para estar feliz.

¹ Solidariedade aqui refere-se a uma solidariedade crítica na perspectiva de Garrafa e Soares (2013), que se alinham com as ideias de autonomia em Piaget (1994) e Kohlberg (1981), segundo as quais, para que o outro se torne autônomo, é preciso respeitar a liberdade, a diversidade de valores, promovendo uma sociedade mais justa e inclusiva — sem imposição, dependência ou autoritarismo. A “solidariedade crítica significa mais do que uma doação, ajuda ou ato caridoso: é um ato programático orgânico e coletivo, executado a partir do compromisso sociopolítico bilateral dos atores envolvidos no processo de doação e recepção. Diferentemente das outras duas (solidariedade assistencial e radical), propõe ações transformadoras do *status quo* daquelas pessoas que estão do lado mais frágil da equação, que possam contribuir concretamente para a melhoria de suas vidas e ajudá-las efetivamente a libertar-se das amarras que as mantêm marginalizadas do desenvolvimento societário mundial” (GARRAFA; SOARES, 2013, p. 256).

² Aqui, não estamos negando a importância da psicologia positiva. (Destacam a importância da psicologia positiva Seligman, M. E. P. (2011), Christopher Peterson (1950-2012) e Csikszentmihalyi (1999).

É nesse sentido que a Psicologia Positiva tem sido objeto de críticas por parte de autores como Byung-Chul Han (2017), que a considera alinhada a uma lógica neoliberal e capitalista, marcada pela negação do sofrimento e pela valorização excessiva das "positividades" da vida. Nessa perspectiva, o sofrimento é silenciado em nome da produtividade, da performance e de uma felicidade fabricada.

Críticas similares à psicologia positiva são apontadas por Zyl, Gaffney, Vaart, Dik e Donaldson (2020), em uma revisão publicada no *Journal of Positive Psychology*. Os autores destacam fragilidades da abordagem, como a falta de fundamentação teórica sólida, problemas metodológicos, baixa replicabilidade dos estudos, além da forte presença de um viés capitalista e de uma ideologia descontextualizada da realidade social e cultural dos indivíduos.

Nesse contexto, estudos empíricos de Baumeister, Campbell, Krueger e Vohs (2003) também chamam a atenção para os efeitos ambíguos de uma autoestima elevada. Embora essa autoestima possa trazer benefícios — como emoções positivas, maior resiliência ao estresse e proatividade —, não garante, por si só, sucesso acadêmico, profissional ou melhoria nas relações interpessoais. Pelo contrário, os autores sugerem que uma autoestima excessiva pode gerar efeitos negativos, como maior propensão ao uso de drogas, início precoce da vida sexual, prática de bullying, ausência de empatia, atitudes discriminatórias e uma sensação ilusória de autossuficiência. Essa percepção distorcida de si mesmo pode comprometer a capacidade de autoavaliação e dificultar o desenvolvimento ético e social dos sujeitos (Reppold *et al.*, 2019).

Alinhamo-nos, portanto, a autores que defendem a tomada de consciência como caminho para o autoconhecimento, reconhecendo que tanto as vivências positivas quanto as negativas devem ser integradas como parte do real. Entendemos que a felicidade mais duradoura — o “ser feliz” — depende de liberdade, solidariedade crítica e autonomia. Consideramos que a felicidade está mais relacionada à autonomia do que à heteronomia. Aqui nos perguntamos: pessoas sem liberdade podem ser felizes? Basta lembrarmos da escravidão para responder que não. Assim, o ser feliz implica condições mais profundas e estruturantes, entre elas a liberdade, a consciência crítica e o desenvolvimento da autonomia.

Segundo La Taille (2006), o sujeito autônomo é aquele que, no plano moral, age por dever, orientado por valores como equidade e reciprocidade. Ele se vê como um representante da humanidade, e não apenas de um grupo social específico. Suas representações de si estão vinculadas a valores universais, que transcendem os interesses particulares e imediatos.

No plano ético, a autonomia implica a busca pela expansão de si mesmo para além das fronteiras comunitárias e das pautas culturais previamente estabelecidas. Como a autonomia

moral pressupõe uma descontração cognitiva – tomar recuo em relação às regras impostas e avaliar seu valor, ela certamente implica uma descontração afetiva: procurar expandir a si próprio para além dos valores dominantes em determinado lugar e época, procurar o que há de universal a diversas culturas, ver-se antes humano do que representante de uma cultura dada (La Taille, 2006).

Diante desse contexto, entendemos que o ambiente escolar e universitário pode contribuir significativamente para a formação de uma consciência moral autônoma — condição que permite ir além do simples ser feliz, alcançando o estar feliz. Para Piaget, somente a cooperação conduz a consciência moral autônoma, mas, para isso, é preciso vencer a coerção, caso contrário, tende a afetar negativamente a formação ética do sujeito, dificultando o exercício da autonomia e a vivência plena da cooperação (La Taille, 2006). A partir destas reflexões, procuraremos nos aprofundar no conceito de cooperação, coerção e autonomia moral em Jean Piaget.

Coerção, Cooperação e Autonomia em Jean Piaget

Para Piaget (1994), o sujeito do conhecimento constrói e reconstrói, ao longo de sua trajetória, um repertório de esquemas que refletem uma interação dinâmica e solidária entre coordenações intraindividuais (internas) e interindividuais (externas). O conhecimento é construído por meio de processos contínuos de desequilíbrio e reequilíbrio entre assimilação e acomodação. Quando novas informações provocam desequilíbrio, o sujeito tenta assimilá-las. Se não for possível, os esquemas são modificados — em ambos os casos, há avanço cognitivo.

Montoya (2011) reforça essa perspectiva ao afirmar que o processo interativo entre coordenações intra e interindividuais supera a dicotomia entre o individual e o social, destacando sua interdependência. A aquisição de conhecimento, assim, não é um simples acúmulo de informações, mas um processo contínuo e dinâmico sustentado por relações cooperativas e trocas significativas — que também constroem valores como solidariedade, generosidade e respeito mútuo.

Assim, a cooperação, conforme Piaget (1998; 1994), molda e é moldada por essas estruturas sociais. Para que essa construção seja significativa, ele destaca a importância da reciprocidade afetiva: só há cooperação quando há reconhecimento da perspectiva do outro e desejo genuíno de escuta. Isso conduz ao respeito mútuo, que não se baseia na obediência, mas na consideração e compreensão do outro.

Tal como numa conversa democrática, é necessário que os envolvidos estejam abertos à escuta e à troca de ideias, promovendo interações respeitadas e significativas. Para a cooperação acontecer, é necessário: (1) superação do egocentrismo intelectual e moral; (2) emancipação das coerções sociais; (3) adoção do método da reciprocidade. Assim, a cooperação é essencial ao desenvolvimento cognitivo e moral, articulando-se à dialética entre o indivíduo e a sociedade.

Montangero e Maurice-Naville (1998) compreendem a cooperação como método, sendo o aspecto moral e social seu produto. Para Camargo e Becker (2012), esse método busca coordenar diferentes perspectivas, aceitando que o próprio ponto de vista é apenas um entre muitos e precisa ser situado em um sistema mais amplo. Essa é a lógica da reciprocidade — ou lógica das relações — proposta por Piaget (1998): superar o ponto de vista imediato, integrando-o num conjunto de perspectivas diferentes.

O produto dessa lógica é a autonomia da consciência — agir e pensar de forma independente, dentro de uma lógica de respeito mútuo e solidariedade. A cooperação, então, não leva à obediência, mas à ética da solidariedade e da reciprocidade. É o surgimento do bem interior independente de deveres externos, com a autonomia da consciência prevalecendo sobre a heteronomia (Piaget, 1977a).

Essa autonomia favorece a expansão do próprio ser, conduzindo à realização daquilo que Aristóteles chamou de "vida boa", ou seja, à felicidade. Segundo La Taille (2006), o bem-estar e a felicidade estão intrinsecamente ligados à subjetividade — à percepção individual de estar ou não vivendo de acordo com essa "vida boa". Aristóteles já afirmava que práticas como a solidariedade e a reciprocidade estão associadas a níveis mais elevados de bem-estar e felicidade, pois desenvolvem virtudes que fortalecem a vida em comunidade. Estudos recentes em neurociência corroboram essa perspectiva, demonstrando que comportamentos altruístas e solidários ativam áreas do cérebro relacionadas ao prazer, ao propósito e ao pertencimento, como o estriado ventral e o córtex pré-frontal medial (Moll *et al.*, 2006).

Uma vida honrada e eticamente comprometida, contudo, não exclui a consideração das condições concretas que possibilitam o usufruto da felicidade, transcendendo o ser feliz para o estar feliz.

CAPÍTULO 3

METODOLOGIA DA PESQUISA

3.1 ABORDAGEM E TIPO DE PESQUISA

A abordagem quanti-qualitativa é uma estratégia metodológica robusta que integra a profundidade da pesquisa qualitativa com a amplitude e a precisão da pesquisa quantitativa. Longe de serem contraditórias, essas duas abordagens se complementam, proporcionando uma compreensão mais rica e multifacetada do objeto de estudo. Essa sinergia permite que o pesquisador explore as nuances de um fenômeno, ao mesmo tempo que quantifica padrões e generaliza os resultados para uma população maior (Minayo, 2007).

Segundo Minayo (2007), é uma referência indispensável para a pesquisa qualitativa. Em sua obra *O Desafio do Conhecimento: Pesquisa Qualitativa em Saúde*, ela oferece uma base sólida para a condução e a análise de dados não numéricos. A metodologia proposta por ela permite explorar e compreender as percepções, experiências e significados que os participantes atribuem às suas realidades por meio de entrevistas, grupos focais ou análise documental. Essa abordagem é ideal para capturar as particularidades do fenômeno em estudo.

Creswell (2014), por sua vez, é um dos principais teóricos e pode ser utilizado tanto para a parte quantitativa quanto para a própria integração. Em seu livro "Research Design: Qualitative, Quantitative, and Mixed Methods Approaches", ele detalha como as abordagens podem ser integradas de forma sistemática. Creswell orienta o pesquisador a testar hipóteses, medir variáveis e generalizar os resultados para uma população maior utilizando questionários e análises estatísticas, o que é fundamental para validar os achados qualitativos de forma objetiva.

3.1.1 Abordagem quantitativa (Questionário)

O questionário aplicado serviu de base para a coleta de dados da pesquisa, tratados estatisticamente com foco em uma análise quanti-qualitativa da população estudantil das Ciências Exatas, Humanas, Biológicas e Linguagem da UESB, conforme os critérios de inclusão. O questionário foi submetido à validação de conteúdo pelo orientador e coorientador juntamente comigo, que avaliamos a clareza, relevância e pertinência dos itens. O questionário foi adaptado da pesquisa de Valentim et.al com estudantes da Unicamp. Transformamos as

afirmativas do questionário em perguntas para uma Escala Likert. A consistência interna do instrumento foi avaliada por meio do alfa de Cronbach, o qual indicou boa confiabilidade.

Além da aplicação dos questionários, a pesquisa foi enriquecida com dados quanti-qualitativos obtidos por meio de entrevistas em grupo. Essa abordagem visou aprofundar a compreensão dos resultados quantitativos, possibilitando uma análise mais ampla e contextualizada dos dados. Participaram dos grupos focais 27 discentes, sendo 6 do curso de Ciências Exatas, 10 de Medicina e 11 de cursos diversos, incluindo Odontologia, Educação Física e Biologia.

As falas extraídas desses encontros forneceram elementos interpretativos importantes, permitindo identificar percepções, experiências e nuances que não emergiriam exclusivamente por meio de dados estatísticos. Assim, a combinação entre métodos quantitativos e qualitativos conferiu maior robustez e profundidade à pesquisa, favorecendo uma análise mais abrangente do fenômeno investigado. Ademais, a condução das entrevistas em grupo ficou a cargo do coorientador, com o meu apoio direto. Atuamos de forma colaborativa durante os encontros, assegurando uma escuta qualificada, a mediação adequada das falas e o registro fiel das contribuições dos participantes. Essa condução conjunta permitiu uma maior fluidez na dinâmica do grupo, promovendo um ambiente acolhedor e propício à expressão espontânea das experiências relatadas, o que contribuiu significativamente para o aprofundamento da análise qualitativa.

Assim, trata-se de uma pesquisa quanti-qualitativa descritiva, analítica e exploratória, com abordagem estatística para avaliação dos fatores que influenciam o Índice de Felicidade de Discentes da UESB.

É descritiva, pois detalha os resultados do FIB nos discentes da UESB, fornecendo estatísticas descritivas de cada uma das dimensões analisadas, e os dados são apresentados sem explicar diretamente as causas de seus resultados, apenas retratando a realidade observada.

É analítica, pois investiga relações entre variáveis, faz uso de testes estatísticos para verificar diferenças significativas e relaciona os resultados com a literatura científica.

Embora tenha um caráter bastante descritivo, o estudo também tem um viés exploratório, pois o FIB ainda foi pouco estudado no Brasil e foi aplicado em um contexto novo, a UESB.

Para enriquecer e sustentar a análise quantitativa, o estudo incorpora falas representativas dos discentes, selecionadas a partir de entrevistas semiestruturadas em grupo,³ que permitem compreender percepções subjetivas e dar maior profundidade interpretativa aos dados numéricos apresentados.

- **Lócus da pesquisa**

Trata-se da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, uma instituição pública de ensino superior, multicampi, cuja sede está localizada em Vitória da Conquista, na Mesorregião do Centro-Sul baiano. Considerada a terceira maior cidade da Bahia, Vitória da Conquista exerce um papel estratégico como importante centro regional, destacando-se pelos seus avanços nas áreas de educação, saúde, comércio e serviços, sendo referência para dezenas de municípios do entorno.

A UESB conta ainda com dois outros campi: um na cidade de Jequié, relevante polo comercial e de serviços; e outro em Itapetinga, que se sobressai como centro de referência no setor pastoril e agropecuário da Bahia.

Em seu site institucional, encontramos ainda a seguinte informação:

A Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB) completa 40 anos em 2020 e é, atualmente, uma das principais responsáveis pela difusão do saber e formação de profissionais no interior da Bahia e Norte de Minas Gerais, sendo uma das principais referências de Ensino Superior do Norte/Nordeste brasileiro.

[...] A cada semestre, a Universidade forma centenas de profissionais de nível superior, pesquisadores e professores nos mais variados ramos do conhecimento. A graduação da UESB em Ciências abrange quase todas as áreas para a formação de professores da Educação Básica e atende todas as áreas do conhecimento através dos cursos de Bacharelado: Humanidades e Artes; Ciências Sociais, Negócios e Direito; Ciências, Matemática e Computação; Engenharia, Produção e Construção; Agricultura e Veterinária; e Saúde e Bem-Estar Social.

[...] A qualificação do corpo técnico administrativo e do corpo docente é outro grande destaque da UESB. Profissionais capacitados contribuem para que a Universidade seja reconhecida nacionalmente. Números, como o Índice Geral de Cursos (IGC), que coloca a UESB entre as melhores Instituições de Ensino Superior do país, é mais um importante indicador positivo que comprova isso. Desde 2014, a UESB mantém conceito 4, demonstrando a qualidade do ensino ofertado pela UESB, tanto na graduação como na pós-graduação. (<https://www.uesb.br/apresentacao/>).

³ Parte desses resultados gerou um capítulo de livro denominado: *O bem-estar e a felicidade de futuros professores de matemática: impactos da coerção e da cooperação em uma Universidade pública do Sudoeste da Bahia*.

Campus universitário de Itapetinga



Fonte: <https://www.uesb.br/nossos-campi/campus-de-itapetinga/>

Campus universitário de Jequié



Fonte: <https://www.uesb.br/nossos-campi/campus-de-jequie/>

Campus universitário de Vitória da Conquista



Fonte: <https://www.uesb.br/nossos-campi/vitoria-da-conquista/>

A escolha desta instituição deve-se ao fato de o pesquisador estar cursando o mestrado em um de seus programas e por se tratar de um local propício à realização das investigações.

- **Amostra e procedimentos de Coleta de Dados**

A amostra da pesquisa foi composta por 359 discentes universitários, excluindo-se dois respondentes do campus de Itapetinga para preservar o anonimato devido ao baixo número de participantes dessa localidade.

A coleta de dados foi realizada por meio de um questionário estruturado, aplicado eletronicamente, contemplando variáveis relacionadas, por exemplo, ao bem-estar e à percepção de felicidade.

Os respondentes foram distribuídos entre os campi de Jequié (n = 205; 51,1%) e Vitória da Conquista (n = 154; 42,9%), abrangendo diferentes áreas do conhecimento (detalhadas nos resultados). A amostra foi selecionada por conveniência, sendo composta por discentes matriculados em diferentes cursos (detalhados nos resultados).

- **Instrumento de Pesquisa**

A pesquisa foi realizada por meio de um questionário *online*, anônimo, disponibilizado no Google Forms e aplicado aos discentes universitários. O questionário pôde ser acessado via e-mail institucional, por link ou QR Code, permanecendo disponível para respostas entre os dias 17 de junho e 31 de julho de 2024. Após, foi gerada uma planilha eletrônica com os dados.

O questionário utilizado para medir a felicidade dos discentes da UESB foi adaptado a partir do estudo de Valentim *et al.* (2024), aplicado a discentes da Unicamp, que, por sua vez, ajustou o instrumento desenvolvido pela Happiness Initiative (EUA) para comunidades estadunidenses, originalmente baseado no modelo butanês de felicidade.

O questionário da pesquisa de Valentim *et al.* (2024) se encontra no apêndice B.

O questionário contém 10 Dimensões (Bem-estar psicológico; Saúde; Uso do tempo; Vitalidade comunitária; Educação e cultura; Relação social; Diversidade e preservação ambiental; Bom governo; Padrão de vida; Experiência de trabalho) e cada dimensão é operacionalizada por um conjunto de 55 indicadores.

No nosso caso, a adaptação realizada consistiu primeiro em converter e adequar o texto dos indicadores para o formato de perguntas e que estas pudessem ser medidos/avaliados por meio de escalas do tipo Likert de cinco pontos (1 a 5), sendo posteriormente transformados em uma escala de 1 a 10 para normalização dos dados, adicionando 2,25 a cada resposta. Na construção da escala Likert, todas as perguntas foram analisadas para determinar seu sentido (positivo e negativo) e as categorias das perguntas foram padronizadas, conforme Quadro 1.

Quadro 1. Categorias utilizadas para os itens (perguntas)

Perguntas sobre	CATEGORIAS				
	Positivo			Negativo	
Satisfação	Muito Satisfeito (5)	Satisfeito (4)	Nem satisfeito, nem insatisfeito (3)	Insatisfeito (2)	Muito insatisfeito (1)
Concordância	Concordo totalmente (5)	Concordo (4)	Nem concordo, nem discordo (3)	Discordo (2)	Discordo totalmente (1)
Classificação	Excelente (5)	Muito boa (4)	Boa (3)	Razoável (2)	Ruim (1)
Frequência	Sempre (5)	Frequentemente (4)	Ocasionalmente (3)	Raramente (2)	Nunca (1)
Confiança	Confio muito (5)	Confio (4)	Nem confio, nem desconfio (3)	Confio pouco (2)	Não confio (1)
Concordância (saúde)	Muito saudável (5)	Saudável (4)	Moderadamente saudável (3)	Pouco saudável (2)	Nada saudável (1)
Estresse	Nada estressante (5)	Pouco estressante (4)	Medianamente estressante (3)	Estressante (2)	Muito estressante (1)

No quadro 2, apresentamos o nosso questionário, observando que, para calcular os indicadores, utilizamos o mesmo procedimento que Valentin *et al.* (2014). Isto é, cada indicador é calculado pela média simples das variáveis (perguntas) que a compõem, e a dimensão, pela média ponderada de seus indicadores.

- **Procedimentos de Análise de Dados**

Os dados foram analisados por meio de técnicas estatísticas descritivas e inferenciais, utilizando-se o software Statistical Package for the Social Sciences – SPSS para cálculos e testes de hipóteses. As análises contemplaram:

- Distribuição de Frequências e Médias: Cálculo de médias, medianas, quartis e desvio padrão para descrever a distribuição do FIB e suas dimensões.
- Teste de Normalidade: Avaliação da distribuição dos dados pelo teste de Kolmogorov-Smirnov.
- Correlação entre Dimensões do FIB: Matriz de correlação para identificar relações entre os domínios do FIB.
- Testes de Comparação de Médias:
 - Teste t de Student para comparar médias do FIB entre diferentes grupos (gênero e campus universitário).
 - Análise de Variância (ANOVA) com teste Análise de Variância (ANOVA) com teste de comparações múltiplas de Duncan para comparar média do FIB entre diferentes grupos (faixa etária e área de conhecimento).
- Comparação com Estudos Anteriores: Os resultados foram confrontados com o estudo de Valentin *et al.* (2014), realizado na Unicamp, a fim de verificar padrões e diferenças nos níveis de felicidade dos discentes.

O nível de significância adotado neste trabalho foi de 5%.

QUADRO 2. Instrumento adaptado

Domínios	Indicadores	Perguntas	Sentido						
Bem-estar psicológico (D1)	Bem-estar psicológico (I1)		Assinale com X o seu grau de satisfação		Muito Satisfeito (5)	Satisfeito (4)	Nem satisfeito, nem insatisfeito (3)	Insatisfeito (2)	Muito insatisfeito (1)
		P1	Como você se sente atualmente em relação a sua vida?	+	5	4	3	2	1
		P2	Quão satisfeito você está com sua vida atualmente?	+	5	4	3	2	1
		P3	No geral, quão feliz você se sente?	+	5	4	3	2	1
		P4	Quanto você considera que as coisas que faz valem à pena?	+	5	4	3	2	1
			Assinale com X o seu grau de concordância		Concordo totalmente (5)	Concordo (4)	Nem concordo, nem discordo (3)	Discordo (2)	Discordo totalmente (1)
		P5	Possuo uma vida significativa	+	5	4	3	2	1
		P6	Sou engajado nas minhas atividades diárias	+	5	4	3	2	1
		P7	Sou otimista em relação ao meu futuro	+	5	4	3	2	1
		P8	Sinto-me realizado com o que faço	+	5	4	3	2	1
P9	Sinto-me bem sobre mim mesmo	+	5	4	3	2	1		
Saúde (D2)	Autoavaliação da saúde (I2)		Assinale com X a sua classificação		Excelente (5)	Muito boa (4)	Boa (3)	Razoável (2)	Ruim (1)
		P10	No geral, como você classificaria sua saúde?	+	5	4	3	2	1
	Habilitação e desabilitação (I3)		Considerando o último mês, assinale com X a frequência com que você:		Sempre (5)	Frequentemente (4)	Ocasionalmente (3)	Raramente (2)	Nunca (1)
		P11	Esteve doente?	-	1	2	3	4	5
		P12	Se sentiu disposto?	+	5	4	3	2	1
	P13	Esteve inapto devido a dores físicas?	-	1	2	3	4	5	
	Saúde física e prática de atividades físicas (I4)		Assinale com X o seu grau de satisfação com		Muito Satisfeito (5)	Satisfeito (4)	Nem satisfeito, nem insatisfeito (3)	Insatisfeito (2)	Muito insatisfeito (1)
		P14	Sua capacidade de realizar atividades diárias?	+	5	4	3	2	1
		P15	A frequência com que você se exercita?	+	5	4	3	2	1
		P16	Com os exercícios físicos que você pratica?	+	5	4	3	2	1

Quadro 2. Instrumento adaptado (Continuação)

Domínios	Indicadores	Perguntas	Sentido						
Uso do tempo (D3)	Uso do tempo (I5)	Assinale com X o grau de frequência relativo a		Sempre (5)	Frequentemente (4)	Ocasionalmente (3)	Raramente (2)	Nunca (1)	
		P17 Quanto tempo você passa fazendo as coisas de que gosta?	+	5	4	3	2	1	
		Considerando o último mês, assinale com X o seu grau de concordância		Concordo totalmente (5)	Concordo (4)	Nem concordo, nem discordo (3)	Discordo (2)	Discordo totalmente (1)	
		P18 Minha vida tem sido muito corrida	-	1	2	3	4	5	
		P19 Consegui levar a vida num ritmo tranquilo	+	5	4	3	2	1	
		P20 Tenho tempo suficiente para fazer o que preciso	+	5	4	3	2	1	
		P21 Tenho bastante tempo livre	+	5	4	3	2	1	
Vitalidade comunitária (D4)	Relação com a comunidade (I6)	Assinale com X o grau de sua concordância		Concordo totalmente (5)	Concordo (4)	Nem concordo, nem discordo (3)	Discordo (2)	Discordo totalmente (1)	
		P22 Me considero parte de minha comunidade	+	5	4	3	2	1	
		Assinale com X com que frequência você		Sempre (1)	Frequentemente (2)	Ocasionalmente (3)	Raramente (4)	Nunca (5)	
		P23 Se sente desconfortável devido a situações preconceituosas?	-	1	2	3	4	5	
		Assinale com X o quanto você confia nos		Confio muito (5)	Confio (4)	Nem confio nem desconfio (3)	Confio pouco (2)	Não confio (1)	
		P24 conhecidos em sua vizinhança?	+	5	4	3	2	1	
	P25 desconhecidos em sua vizinhança?	+	5	4	3	2	1		
	Segurança (I7)	Assinale com X quão satisfeito você está com		Muito Satisfeito (5)	Satisfeito (4)	Nem satisfeito, nem insatisfeito (3)	Insatisfeito (2)	Muito insatisfeito (1)	
		P26 a segurança em sua vizinhança?	+	5	4	3	2	1	
	Apoio à comunidade (I8)	Considerando os últimos 12 meses, assinale com X com que frequência		Sempre (5)	Frequentemente (4)	Ocasionalmente (3)	Raramente (2)	Nunca (1)	
		P27 você doou dinheiro?	+	5	4	3	2	1	
P28 você doou seu tempo?		+	5	4	3	2	1		

Continua

Quadro 2. Instrumento adaptado (Continuação)

Domínios	Indicadores	Perguntas	Sentido						
Educação e cultura (D5)	Educação e cultura (I9)		Assinale com X o seu grau de satisfação em relação		Muito Satisfeito (5)	Satisfeito (4)	Nem satisfeito, nem insatisfeito (3)	Insatisfeito (2)	Muito insatisfeito (1)
		P29	ao acesso a atividades esportivas ou recreativas?	+	5	4	3	2	1
		P30	ao acesso a atividades culturais?	+	5	4	3	2	1
		P31	ao acesso a atividades educativas?	+	5	4	3	2	1
Relação social (D6)	Relação social (I10)		Assinale com X o seu grau de concordância		Concordo totalmente (5)	Concordo (4)	Nem concordo, nem discordo (3)	Discordo (2)	Discordo totalmente (1)
		P32	Acredito que as pessoas em minha vida se importam comigo	+	5	4	3	2	1
			Assinale com X quão satisfeito você está com		Muito Satisfeito (5)	Satisfeito (4)	Nem satisfeito, nem insatisfeito (3)	Insatisfeito (2)	Muito insatisfeito (1)
		P33	suas relações pessoais?	+	5	4	3	2	1
		P34	o apoio que recebe de seus amigos?	+	5	4	3	2	1
			Considerando o último mês, assinale com X com que frequência		Sempre (5)	Frequentemente (4)	Ocasionalmente (3)	Raramente (2)	Nunca (1)
		P35	Você se sentiu amado?	+	5	4	3	2	1
		P36	Você se sentiu sozinho?	-	1	2	3	4	5
Diversidade e preservação ambiental (D7)	Ambiente urbano (I11)		Assinale com X o seu grau de concordância		Muito saudável	Saudável	Moderadamente saudável	Pouco saudável	Nada saudável
		P37	Quão saudável você considera o meio ambiente em que vive?	+	5	4	3	2	1
	Poluição (I12)		Considerando sua comunidade, assinale com X quão satisfeito você está em relação		Muito Satisfeito (5)	Satisfeito (4)	Nem satisfeito, nem insatisfeito (3)	Insatisfeito (2)	Muito insatisfeito (1)
		P38	à qualidade do ar?	+	5	4	3	2	1
	Preservação ambiental (I13)	P39	à preservação do meio-ambiente?	+	5	4	3	2	1
Convívio com a natureza (I14)	P40	às oportunidades de aproveitar a natureza?	+	5	4	3	2	1	

Continua

Quadro 2. Instrumento adaptado (Continuação)

Domínios	Indicadores	Perguntas	Sentido						
Bom governo (D8)	Desempenho do governo (I15)		Considerando sua comunidade, assinale com X quão satisfeito você está com		Muito Satisfeito (5)	Satisfeito (4)	Nem satisfeito, nem insatisfeito (3)	Insatisfeito (2)	Muito insatisfeito (1)
		P41	as políticas de gestão da UESB?	+	5	4	3	2	1
		P42	o trabalho dos governantes locais?	+	5	4	3	2	1
			Considerando o Governo Federal, assinale com X o seu grau concordância		Concordo totalmente (5)	Concordo (4)	Nem concordo, nem discordo (3)	Discordo (2)	Discordo totalmente (1)
		P43	Há muita corrupção no governo	-	1	2	3	4	5
	P44	O governo tem políticas de desenvolvimento social eficientes	+	5	4	3	2	1	
	Participação política (I16)	P45	A população não tem influência sobre o governo	-	1	2	3	4	5
Padrão de vida (D9)	Renda (I17)		Assinale com X o seu grau de estresse		Muito estressante	Estressante	Medianamente estressante	Pouco estressante	Nenhum pouco estressante
		P46	No geral, quão estressante você considera suas finanças?		1	2	3	4	5
			Assinale com X o seu grau de concordância	-	Concordo totalmente	Concordo	Nem concordo, nem discordo	Discordo	Discordo totalmente
	P47	Você diria que sua renda (ou do responsável) é suficiente para viver tranquilamente?	+	5	4	3	2	1	
	Bens materiais (I18)	P48	Tenho dinheiro bastante para comprar o que quero	+	5	4	3	2	1
Moradia (I19)	P49	Estou satisfeito com a minha moradia atual	+	5	4	3	2	1	

Continua

Quadro 2. Instrumento adaptado (Continuação)

Domínios	Indicadores	Perguntas	Sentido						
Experiência de trabalho (D10)	Satisfação com o curso (I20)	Assinale com X com que frequência		Sempre	Frequentemente	Ocasionalmente	Raramente	Nunca	
		P50	você acha seu curso interessante?	+	5	4	3	2	1
		Assinale com X quão satisfeito você está com		Muito Satisfeito	Satisfeito	Nem satisfeito, nem insatisfeito	Insatisfeito	Muito insatisfeito	
		P51	seu curso?	+	5	4	3	2	1
	P52	proporção entre o tempo de estudo e o tempo disponível?	+	5	4	3	2	1	
	Satisfação com a vida profissional (I21)	Assinale com X o seu grau de concordância		Concordo totalmente	Concordo	Nem concordo, nem discordo	Discordo	Discordo totalmente	
		P53	A minha vida me permite ser o mais produtivo possível	+	5	4	3	2	1
		P54	Eu sinto que o meu esforço é recompensado	+	5	4	3	2	1
		P55	Eu defino como fazer meu trabalho	+	5	4	3	2	1

3.1.2 Abordagem qualitativa (entrevista em grupo)

A pesquisa na perspectiva qualitativa (Schwandt, 2000) busca aprofundar a compreensão do fenômeno investigado por meio da análise detalhada de dados descritivos. Conforme Vianna (2003), essa abordagem permite identificar relações complexas e múltiplas dimensões da realidade. Duarte (2002) destaca a natureza exploratória da pesquisa qualitativa, na qual o tamanho da amostra não é fixado a priori, mas sim determinado pela saturação dos dados, ou seja, quando novas informações deixam de emergir.

- **Locus da pesquisa**

O local escolhido para a aplicação desta pesquisa qualitativa foi o mesmo já descrito anteriormente na pesquisa quantitativa: a Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia.

- **Participantes**

A pesquisa contou com a participação de 27 discentes universitários, distribuídos em três grupos: os Grupos 1 e 2 foram compostos por discentes do campus de Jequié e o Grupo 3 do campus de Vitória da Conquista. Todos manifestaram interesse em participar das entrevistas e, após a leitura, concordaram e assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE).

- **Procedimento da Coleta de Dados e Instrumento de Pesquisa**

Neste contexto, a pesquisa foi realizada por meio de entrevistas semiestruturadas em grupo, cuja estrutura se baseou nas dez Dimensões da Felicidade Interna Bruta (FIB): Bem-estar psicológico; Saúde; Uso do tempo; Vitalidade comunitária; Educação e cultura; Relações sociais; Diversidade e preservação ambiental; Bom governo; Padrão de vida; e Experiência de trabalho. Embora essas dimensões tenham orientado a construção do roteiro, o foco central da investigação foi a UESB. Dentre as dimensões abordadas, a pesquisa deu ênfase especial às relações sociais — conforme roteiro de entrevista — com o objetivo de compreender como se estabelecem as relações interindividuais e os vínculos institucionais, especialmente no que diz respeito aos aspectos de coerção e cooperação, e seus impactos no bem-estar, na felicidade e na aprendizagem significativa dos participantes.

Segundo Morgan (1997), entrevistas semiestruturadas permitem a coleta de informações a partir da interação grupal. Sua organização segue critérios previamente definidos pelo

pesquisador, em consonância com os objetivos do estudo, sendo responsabilidade deste criar um ambiente propício à discussão, que favoreça a expressão das percepções e pontos de vista dos participantes.

ROTEIRO DE ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA

Bem-estar psicológico (D1)

→ De modo geral, você se sente feliz atualmente? E, mais especificamente, como se sente em relação à sua experiência no ensino superior?"

→ Durante sua trajetória acadêmica, você já se sentiu discriminado(a), excluído(a) ou submetido(a) a situações autoritárias ou coercitivas em sala de aula? De que forma essas experiências impactaram o seu bem-estar emocional, sua motivação ou seu processo de aprendizagem?

Saúde (D2)

→ A universidade proporciona condições que favorecem o seu bem-estar e felicidade no ambiente acadêmico?

De que maneira a vida universitária tem impactado sua saúde física, mental e emocional?

Uso do Tempo (D3)

→ Pensando no seu tempo de vida como um todo e, mais especificamente, no tempo que você passa na universidade, quanto desse tempo você sente que é dedicado a atividades que realmente lhe dão prazer ou fazem sentido para você?

Vitalidade Comunitária (D4)

→ Em que medida você se considera parte integrante da comunidade universitária?

→ Você já se sentiu desconfortável no ambiente universitário devido a situações de preconceito?

Educação e Cultura (D5)

→ Como você avalia seu acesso às atividades esportivas, culturais e recreativas oferecidas pela universidade?

Relações Sociais (D6)

→ A sua relação com os professores em sala de aula é pautada principalmente pelo medo, pelo afeto, pelo respeito ou pela justiça? Essas relações contribuem, ou não, para o seu bem-estar, felicidade e aprendizado.

→ Há algo que vocês gostariam de mudar ou melhorar no curso de vocês?

→ Existe interação entre você e seus colegas? Como você percebe a relação com eles? Há diálogo entre vocês e os outros discentes? Como esse diálogo acontece no ambiente

ROTEIRO DE ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA

acadêmico?

→ A experiência na universidade possibilitou a vocês refletirem e decidirem com mais liberdade, autonomia e consciência? Por quê?

Diversidade e Preservação Ambiental (D7)

→ Quão saudável você considera o ambiente em que você vive e, em particular, a universidade onde estuda?

Bom Governo (D8)

→ Como você avalia as políticas de assistência estudantil da UESB (como bolsas, auxílio alimentação, moradia e transporte) e seu impacto na sua permanência e bem-estar na universidade?

→ Na sua percepção, as políticas de gestão da UESB promovem inclusão, respeito à diversidade e equidade entre os discentes?

→ Como você avalia a atuação da gestão da UESB em relação à infraestrutura física, tecnológica e aos serviços oferecidos à comunidade acadêmica?

Padrão de Vida (D9)

→ Em que medida a experiência na universidade influenciou a sua percepção e suas escolhas sobre o que constitui um padrão de Vida desejável?

→ De que modo a vivência universitária possibilitou que você tomasse decisões com mais autonomia e consciência em relação aos seus objetivos de vida?

Experiência de Trabalho (D10)

→ Como você avalia seu curso de graduação em relação ao seu nível de interesse, à qualidade da formação oferecida e à proporção entre o tempo necessário para os estudos e o tempo disponível em sua rotina?

Fonte: elaborada pelo pesquisador e orientadores

As falas dos participantes foram gravadas com o auxílio de um celular com a função de captação de áudio, e cada participante teve uma identificação por meio de um código e senha, que antes de sua fala deveria informar para facilitar sua posterior identificação no processo de análise dos dados. Após as gravações, as mídias foram imediatamente transferidas para o *notebook* e, posteriormente, feitas cópias de segurança, enviando para o *drive* do *Google* e para um *e-mail* criado especificamente para armazenar dados da pesquisa.

- **Procedimentos de Análise de Dados**

Com isso, optou-se pela Análise de Conteúdo, uma ferramenta utilizada para a abordagem do documento escolhido e das entrevistas realizadas. Para Bardin (2011), o termo Análise de Conteúdo refere-se a um conjunto de técnicas de análise das comunicações, visando obter, por procedimentos sistemáticos e objetivos, a descrição do conteúdo das mensagens, e indicadores que permitiram inferir conhecimentos relativos às condições de produção/recepção dessas mensagens. Foram definidas três categorias de análise: relação professor/discentes, relação discentes/discentes e relação discentes/instituição. Para cada uma delas, estabelecemos duas subcategorias: Cooperação e Coerção.

- **Aspectos Éticos**

A fase de coleta de dados, tanto da abordagem quantitativa quanto da qualitativa, foi iniciada após a aprovação do projeto de pesquisa pelo Comitê de Ética da UESB, Campus de Jequié, sob o número 6.610.935. Assim, o estudo seguiu as diretrizes éticas para pesquisas com seres humanos, garantindo o anonimato dos participantes e a confidencialidade das informações. A participação foi voluntária, com consentimento informado no início do questionário e previamente obtido dos discentes.

CAPÍTULO 4

PRINCIPAIS RESULTADOS (Quantitativos)

Neste capítulo, apresentamos os principais resultados obtidos na pesquisa quantitativa. Na seção 5.1, descrevemos o perfil dos entrevistados; na seção 5.2, apresentamos as respostas às variáveis das dez dimensões analisadas; na seção 5.3, analisamos o FIB e suas respectivas dimensões; na seção 5.4, relacionamos o FIB com as variáveis do perfil dos respondentes, buscando possíveis interações; e, por fim, na seção 5.5, analisamos o FIB a partir das categorias de felicidade, comparando os resultados com os encontrados por Valentin *et al.* (2014), em estudo realizado na Unicamp.

4.1 PERFIL DOS ENTREVISTADOS

Ao todo, 361 discentes preencheram o formulário, sendo 205 (51,1%) do campus de Jequié, 154 (42,9%) do campus de Vitória da Conquista e dois do campus de Itapetinga. Estes dois últimos não foram incluídos na base de dados para análise, por representarem um número muito reduzido de participantes, o que poderia comprometer o anonimato das informações. Dessa forma, a amostra final analisada foi composta por 359 discentes universitários.

Na Tabela 1, apresentamos a distribuição dos respondentes por campus e curso, agrupados por área do conhecimento.

Tabela 1. Composição da amostra por curso e área de conhecimento por campus

Área do conhecimento	Curso	Campus		Total	
		Jequié	Vitória da Conquista	por curso	por área
Ciências Exatas	Física	0	20	20	74
	Matemática	12	13	25	
	Química	29	0	29	
Ciências Humanas	Ciências Sociais	0	2	2	101
	Filosofia	0	5	5	
	Geografia	0	14	14	
	História	0	2	2	
	Pedagogia	44	34	78	
Ciências Biológicas	Ciências Biológicas	76	33	109	109
Linguagens	Dança	2	0	2	75
	Educação Física	27	0	27	
	Letras	15	0	15	
	Letras Modernas	0	20	20	
	Letras Vernáculas	0	11	11	
Total		205	154	359	359

Fonte: Dados da pesquisa

A idade dos respondentes variou entre 17 e 68 anos, com média de 24,5 anos e desvio padrão de 8,6 anos. A mediana foi de 22 anos, ou seja, 50% dos participantes tinham 22 anos ou menos. O terceiro quartil foi de 25 anos, indicando que 25% dos respondentes tinham 25 anos ou mais.

Na Tabela 2, apresentamos a distribuição dos participantes por faixa etária adotada neste estudo.

Tabela 2. Distribuição dos respondentes por faixa etária e campus universitário

Faixa etária	Jequié		Vitória da Conquista		Total	
	N	%	n	%	n	%
De 17 a 24 anos	158	77,5	108	70,1	266	74,3
De 25 a 40 anos	35	17,2	29	18,8	64	17,9
41 anos ou mais	11	5,4	17	11,0	28	7,8
Total	204	100,0	154	100,0	358	100,0

Fonte: Dados da pesquisa

A maioria dos respondentes foi do gênero feminino (65,2%), seguida do gênero masculino (33,4%), dois respondentes se indicaram como não binários e três preferiram não responder, como ilustrado na Tabela 3.

A maioria dos respondentes pertence ao gênero feminino (65,2%), seguida pelo gênero masculino (33,4%). Dois participantes se identificaram como não binários, e três preferiram não responder. Esses dados estão apresentados na Tabela 3.

Tabela 3. Distribuição dos respondentes por gênero e campus universitário

Gênero	Jequié		Vitória da Conquista		Total	
	N	%	n	%	n	%
Feminino	133	64,9	101	65,6	234	65,2
Masculino	68	33,2	52	33,8	120	33,4
Não-binário	2	1,0	0	0,0	2	0,6
Prefiro não dizer	2	1,0	1	0,6	3	0,8
Total	204	100,0	154	100,0	359	100,0

Fonte: Dados da pesquisa

Na Tabela 4, apresentamos a distribuição dos respondentes por área de conhecimento. Observa-se que, no campus de Jequié, a maioria dos participantes estava matriculada em cursos da área de Ciências Biológicas, enquanto no campus de Vitória da Conquista predominavam discentes da área de Ciências Humanas.

Tabela 4. Distribuição dos respondentes por área de conhecimento e campus universitário

Área de conhecimento	Jequié		Vitória da Conquista		Total	
	N	%	n	%	n	%
Ciências Exatas	41	20,0	33	21,4	74	20,6
Ciências Humanas	44	21,5	57	37,0	101	28,1
Ciências Biológicas	76	37,1	33	21,4	109	30,4
Linguagens	44	21,5	31	20,1	75	20,9
Total	205	100,0	154	100,0	359	100,0

Fonte: Dados da pesquisa

Na próxima seção, apresentamos a análise do FIB por domínio, com foco na distribuição das respostas de cada variável de forma univariada, ou seja, considerando cada variável individualmente.

4.2 RESPOSTAS ÀS VARIÁVEIS DAS DEZ DIMENSÕES

Nesta seção, apresentamos a distribuição de cada uma das variáveis, agrupadas por indicador e pelo domínio ao qual pertencem.

4.2.1 Análise das variáveis do Domínio 1: D1 Bem-estar psicológico

O primeiro domínio do FIB refere-se ao D1: Bem-estar Psicológico, que coincide com o primeiro indicador (I1), composto por nove perguntas (variáveis). Os resultados estão apresentados na **Tabela 5** e ilustrados na **Figura 1**.

A Figura 1 revela que a maioria dos respondentes (mais de 50%) se declarou satisfeita ou muito satisfeita com sua vida, enquanto menos de um quinto manifestou-se insatisfeito ou muito insatisfeito. Destaca-se ainda que cerca de 75% dos participantes concordam ou concordam totalmente com a afirmação: “*Possuo uma vida significativa*”.

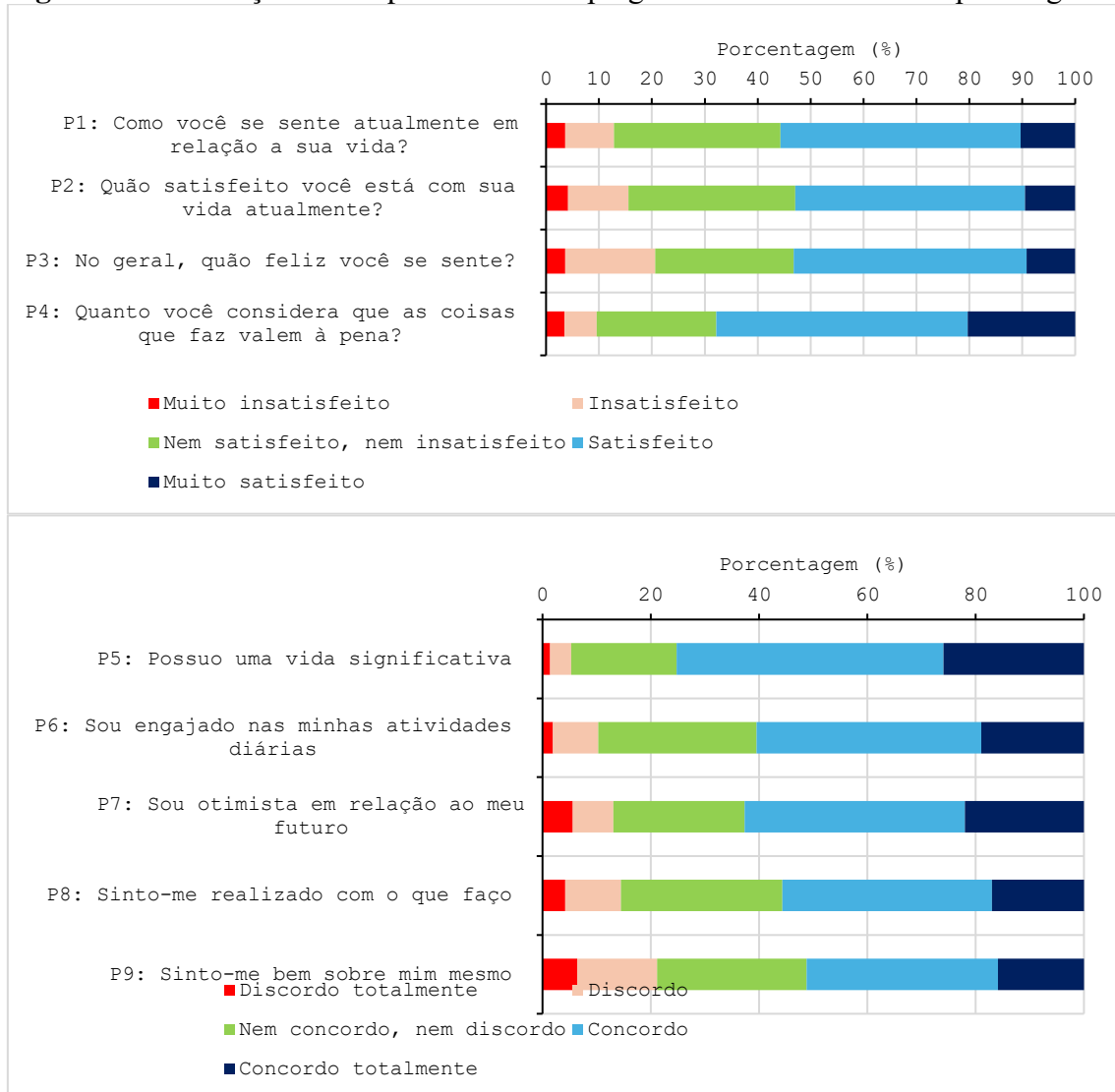
Tabela 5. Distribuição das respostas dadas às perguntas do D1 “Bem-estar psicológico”

Perguntas (assinale seu grau de satisfação)	Grau de satisfação					Total
	Muito insatisfeito	Insatisfeito	Nem satisfeito, nem insatisfeito	Satisfeito	Muito satisfeito	
P1: Como você se sente atualmente em relação a sua vida?	3,62	9,19	31,48	45,40	10,31	100,00
P2: Quão satisfeito você está com sua vida atualmente?	4,18	11,42	31,48	43,45	9,47	100,00
P3: No geral, quão feliz você se sente?	3,62	16,99	26,18	44,01	9,19	100,00

Perguntas (assinale seu grau de concordância)	Grau de concordância					Total
	Discordo totalmente	Discordo	Nem concordo, nem discordo	Concordo	Concordo totalmente	
P4: Quanto você considera que as coisas que faz valem a pena?	3,48	6,09	22,61	47,54	20,29	100,00
P5: Posso uma vida significativa	1,39	3,90	19,50	49,30	25,91	100,00
P6: Sou engajado nas minhas atividades diárias	1,95	8,36	29,25	41,50	18,94	100,00
P7: Sou otimista em relação ao meu futuro	5,57	7,52	24,23	40,67	22,01	100,00
P8: Sinto-me realizado com o que faço	4,18	10,31	29,81	38,72	16,99	100,00
P9: Sinto-me bem sobre mim mesmo	6,41	14,76	27,58	35,38	15,88	100,00

Fonte: Dados da pesquisa

Figura 1. Distribuição das respostas dadas às perguntas do D1 “Bem-estar psicológico”



Fonte: Dados da pesquisa

4.2.2 Análise das variáveis do Domínio 2: D2 Saúde

O segundo domínio do FIB refere-se à D2: Saúde, composto por três indicadores, que abrangem sete variáveis:

- I2 – Autoavaliação da saúde: 1 variável;
- I3 – Habilitação e desabilitação: 3 variáveis, sendo duas de cunho negativo;
- I4 – Saúde física e prática de atividades físicas: 3 variáveis.

Os resultados desse domínio estão apresentados na Tabela 6 e ilustrados na Figura 2.

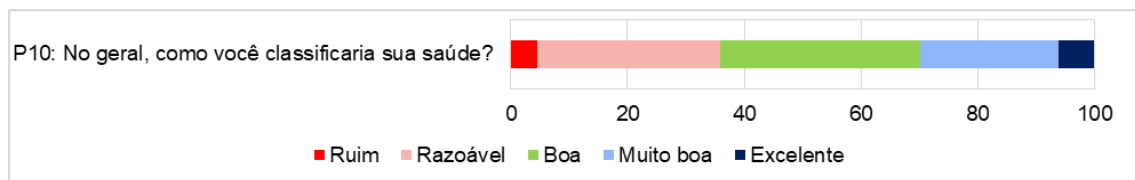
Tabela 6. Distribuição das respostas dadas às perguntas do D2 “Saúde”

I2: Autoavaliação da saúde	Grau de satisfação					Total
	Ruim	Razoável	Boa	Muito boa	Exce-lente	
P10: No geral, como você classificaria sua saúde?	4,46	31,48	34,26	23,68	6,13	100,00
I3: Habilitação e desabilitado	Considerando o último mês, assinale com X a frequência com que você:					Total
	Nunca	Raramente	Ocasionalmente	Frequente-mente	Sempre	
P11: Esteve doente?	11,70	26,46	45,13	15,04	1,67	100,00
P12: Se sentiu disposto?	3,06	16,16	36,21	37,05	7,52	100,00
P13: Esteve inapto devido a dores físicas?	25,07	32,31	28,41	12,26	1,95	100,00
I4: Saúde física e prática de atividades físicas	Grau de satisfação					Total
	Muito insatisf-eito	Insatisfeito	Nem satisfeito, nem insatisfeito	Satisfeito	Muito satisfeit-o	
P14: Sua capacidade de realizar atividades diárias?	8,64	22,84	21,45	30,36	16,71	100,00
P15: A frequência com que você se exercita?	22,01	26,74	18,66	18,94	13,65	100,00
P16: Com os exercícios físicos que você pratica?	19,50	23,12	18,94	19,78	18,66	100,00

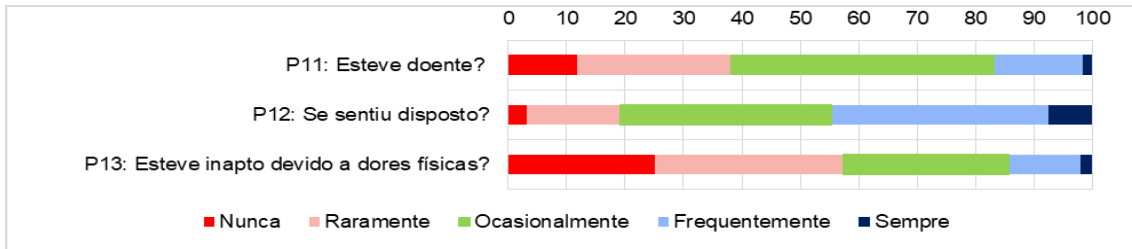
Fonte: Dados da pesquisa
P11 e P13 são de sentido negativo

Figura 2. Distribuição das respostas dadas às perguntas do D2 “Saúde”, agrupadas pelos indicadores que a compõem

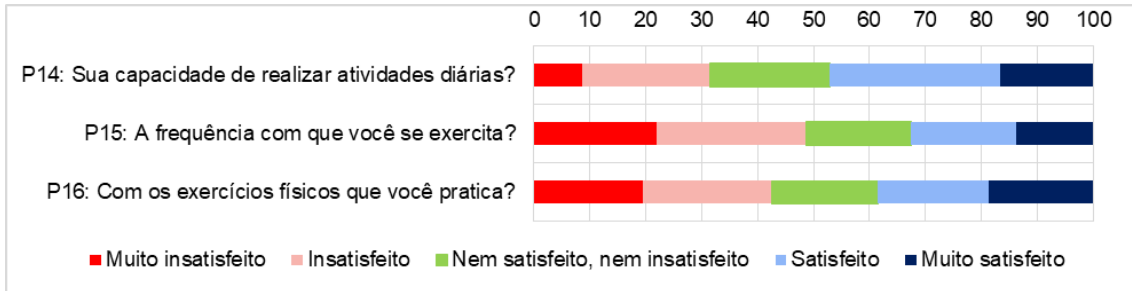
I2: Autoavaliação da saúde



I3: Habilitação e desabilitado



I4: Saúde física e prática de atividades físicas



Fonte: Dados da pesquisa

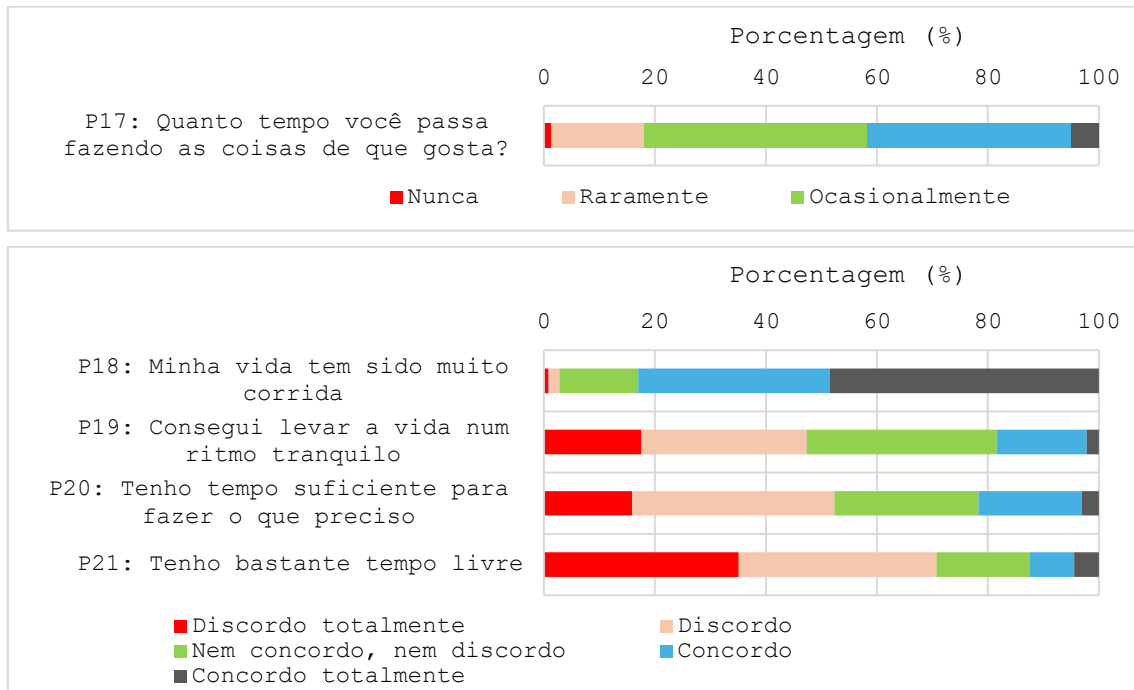
4.2.3 Análise das variáveis do Domínio 3: D3 Uso do tempo

O terceiro domínio do FIB refere-se ao D3: Uso do Tempo, que coincide com o indicador I5, composto por cinco variáveis. Os resultados estão apresentados na Tabela 7 e ilustrados na Figura 3.

Tabela 7. Distribuição das respostas dadas às perguntas da D3 “Uso do tempo”

I5: Uso do tempo	Grau de frequência					Total
	Nunca	Raramente	Ocasional-mente	Frequen-temente	Sempre	
P17: Quanto tempo você passa fazendo as coisas de que gosta?	1,39	16,71	40,11	36,77	5,01	100,00
	Grau de concordância					Total
	Discordo totalmente	Discordo	Nem concordo, nem discordo	Concordo	Concordo totalmente	
P18: Minha vida tem sido muito corrida	0,84	1,95	14,21	35,54	48,47	100,00
P19: Consegui levar a vida num ritmo tranquilo	17,55	29,81	34,26	16,16	2,23	100,00
P20: Tenho tempo suficiente para fazer o que preciso	15,88	36,49	25,91	18,66	3,06	100,00
P21: Tenho bastante tempo livre	35,10	35,65	16,71	8,08	4,46	100,00

Fonte: Dados da pesquisa
P18 tem sentido negativo

Figura 3. Distribuição das respostas dadas às perguntas da D3 “Uso do tempo”

4.2.4 Análise das variáveis do Domínio 4: D4 Vitalidade comunitária

O quarto domínio do FIB refere-se à D4: Vitalidade Comunitária, composto por três indicadores:

I6 – Relação com a comunidade: 4 variáveis;

I7 – Segurança: 1 variável;

I8 – Apoio à comunidade: 2 variáveis.

No total, são sete variáveis analisadas, cujos resultados estão apresentados na Tabela 8 e ilustrados na Figura 4.

Tabela 8. Distribuição das respostas dadas às perguntas da D4 “Vitalidade comunitária” e seus três indicadores

I6 - Relação com a comunidade

	Grau de concordância					Total
	Discordo totalmente	Discordo	Nem concordo, nem discordo	Concorde	Concorde totalmente	
P22: Se considera parte de minha comunidade	5,01	15,04	28,13	39,00	12,81	100,00
	Grau de Frequência					
	Nunca	Raramente	Ocasionalmente	Frequentemente	Sempre	
P23: Se sente desconfortável devido a situações preconceituosas	15,32	23,68	20,89	16,71	23,40	100,00

	Grau de confiança					
	Não confio	Confio pouco	Nem confio, nem desconfio	Confio	Confio muito	
P24: conhecidos em sua vizinhança	16,43	20,33	41,50	18,94	2,79	100,00
P25+: desconhecidos em sua vizinhança	52,4	18,7	25,9	1,9	1,1	100,00

I7 - Segurança

	Grau de satisfação					
	Muito insatisfeito	Insatisfeito	Nem satisfeito, nem insatisfeito	Satisfeito	Muito satisfeito	
P26: com a segurança em sua vizinhança	5,29	11,14	40,67	36,77	6,13	100,00

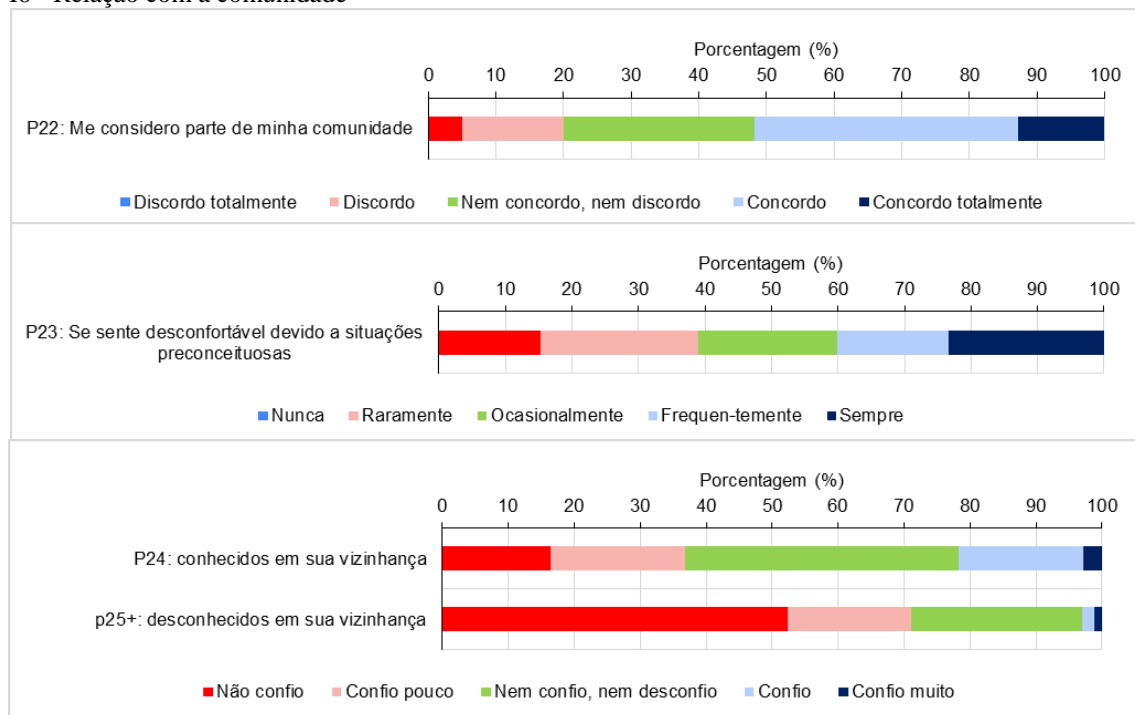
I8 - Apoio à comunidade

	Grau de frequência					
	Nunca	Raramente	Ocasionalmente	Frequentemente	Sempre	
P27: você doou dinheiro	19,22	35,93	34,82	8,08	1,95	100,00
P28: você doou seu tempo	6,69	14,76	31,48	34,82	12,26	100,0

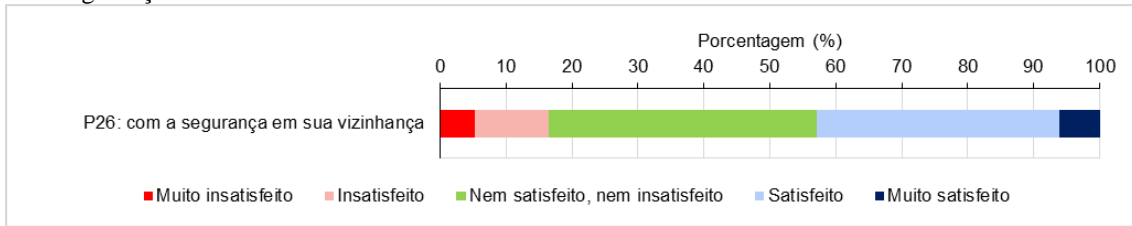
Fonte: Dados da pesquisa
P23 tem sentido negativo
P25 foi definido como positivo

Figura 4. Distribuição das respostas dadas às perguntas da D4 “Vitalidade comunitária” e seus três indicadores

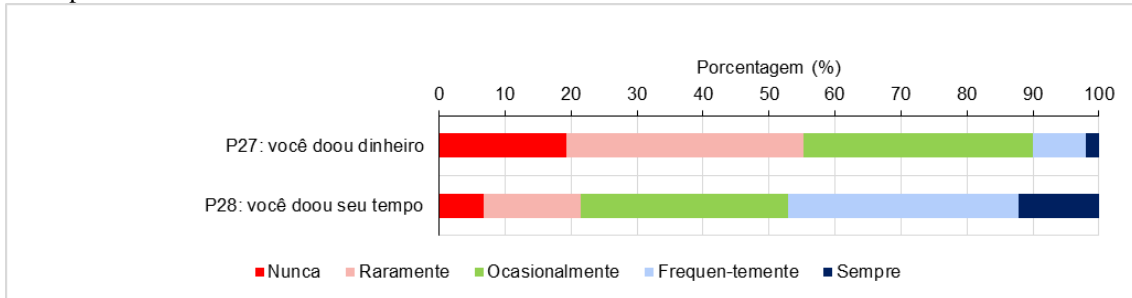
I6 - Relação com a comunidade



I7 – Segurança



I8 - Apoio à comunidade



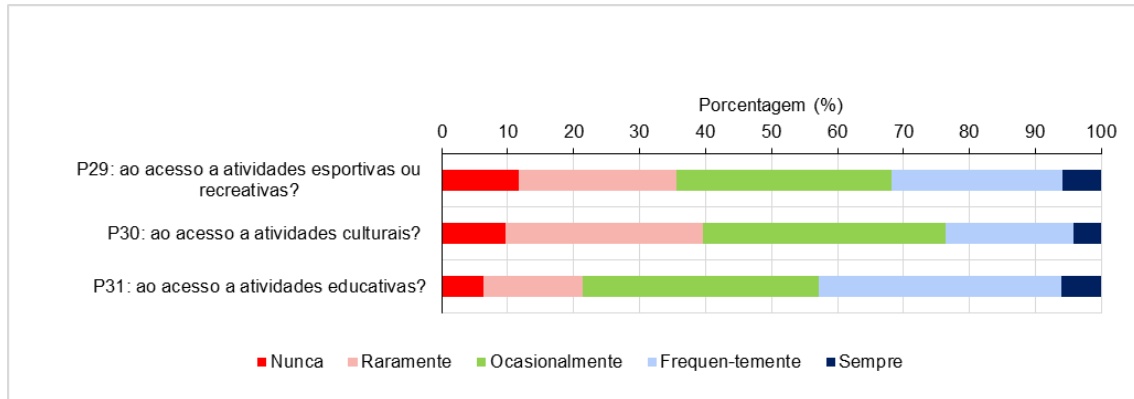
4.2.5 Análise das variáveis do Domínio 5: D5 Educação e Cultura

O quinto domínio do FIB refere-se à D5: Educação e Cultura, que coincide com o indicador I9, composto por três variáveis. Os resultados estão apresentados na Tabela 9 e ilustrados na Figura 5.

Tabela 9. Distribuição das respostas dadas às perguntas da D5 “Educação e cultura”

I9: Educação e Cultura	Grau de satisfação em relação					Total
	Muito insatisfeito	Insatisfeito	Nem satisfeito, nem insatisfeito	Satisfeito	Muito satisfeito	
P29: ao acesso a atividades esportivas ou recreativas?	11,70	23,96	32,59	25,91	5,85	100,00
P30: ao acesso a atividades culturais?	9,75	29,81	36,77	19,50	4,18	100,00
P31: ao acesso a atividades educativas?	6,41	15,04	35,65	36,77	6,13	100,00

Fonte: Dados da pesquisa

Figura 5. Distribuição das respostas dadas às perguntas da D5 “Educação e cultura”

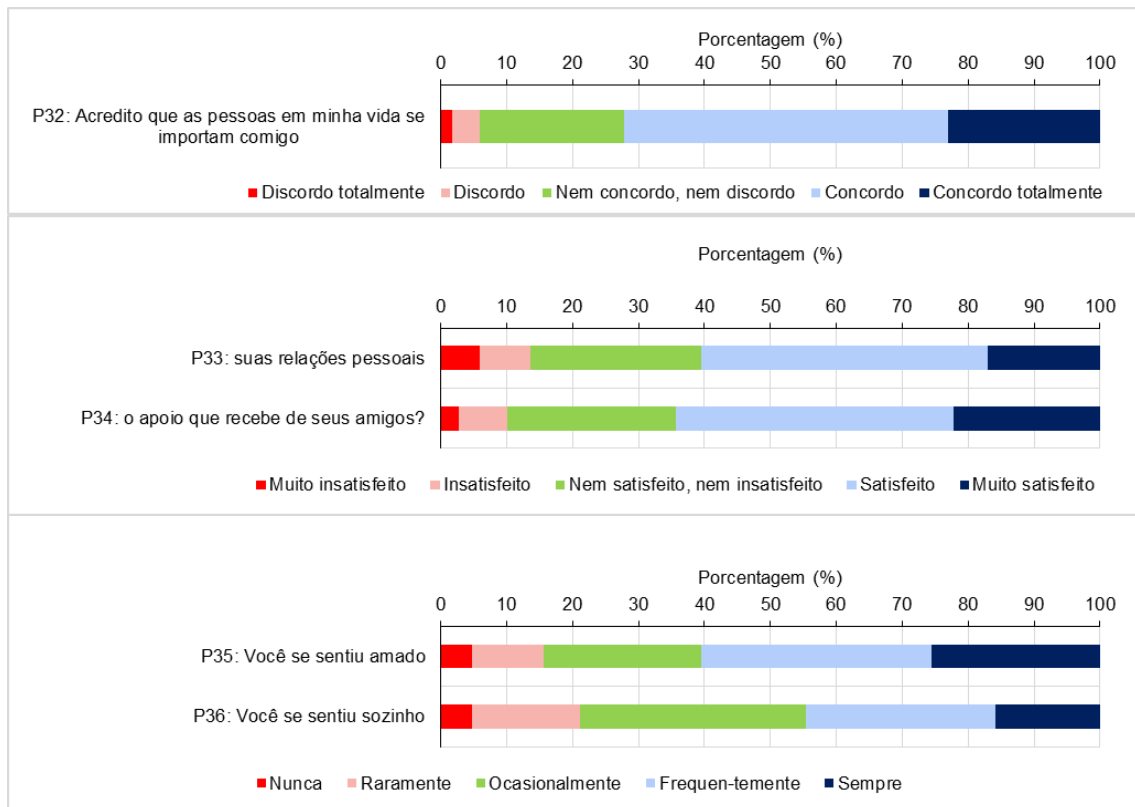
4.2.6 Análise das variáveis do Domínio 6: D6 Relação social

O sexto domínio do FIB, D6: Relação Social, coincide com o indicador I10, composto por cinco variáveis. Os resultados estão apresentados na Tabela 10 e ilustrados na Figura 6.

Tabela 10. Distribuição das respostas dadas às perguntas da D6 “Relação social”

	Grau de concordância					Total
	Discordo totalmente	Discordo	Nem concordo, nem discordo	Concordo	Concordo totalmente	
P32: Acredito que as pessoas em minha vida se importam comigo	1,67	4,18	22,01	49,03	23,12	100,00
	Grau de satisfação com					Total
	Muito insatisfeito	Insatisfeito	Nem satisfeito, nem insatisfeito	Satisfeito	Muito satisfeito	
P33: suas relações pessoais	5,85	7,80	25,91	43,45	16,99	100,00
P34: o apoio que recebe de seus amigos	2,79	7,24	25,63	42,06	22,28	100,00
	Grau de frequência					Total
	Nunca	Raramente	Ocasionalmente	Frequentemente	Sempre	
P35: Você se sentiu amado	4,74	10,86	23,96	34,82	25,63	100,00
P36: Você se sentiu sozinho	4,74	16,43	34,26	28,69	15,88	100

Fonte: Dados da pesquisa
P36 tem sentido negativo

Figura 6. Distribuição das respostas dadas às perguntas da D6 “Relação social”

4.2.7 Análise das variáveis do Domínio 7: D7 Diversidade e preservação ambiental

O sétimo domínio do FIB refere-se à D7: Diversidade e Preservação Ambiental, composto por quatro indicadores — I11, I12, I13 e I14 —, cada um representado por uma variável, totalizando quatro variáveis. Os resultados estão apresentados na Tabela 11 e ilustrados na Figura 7.

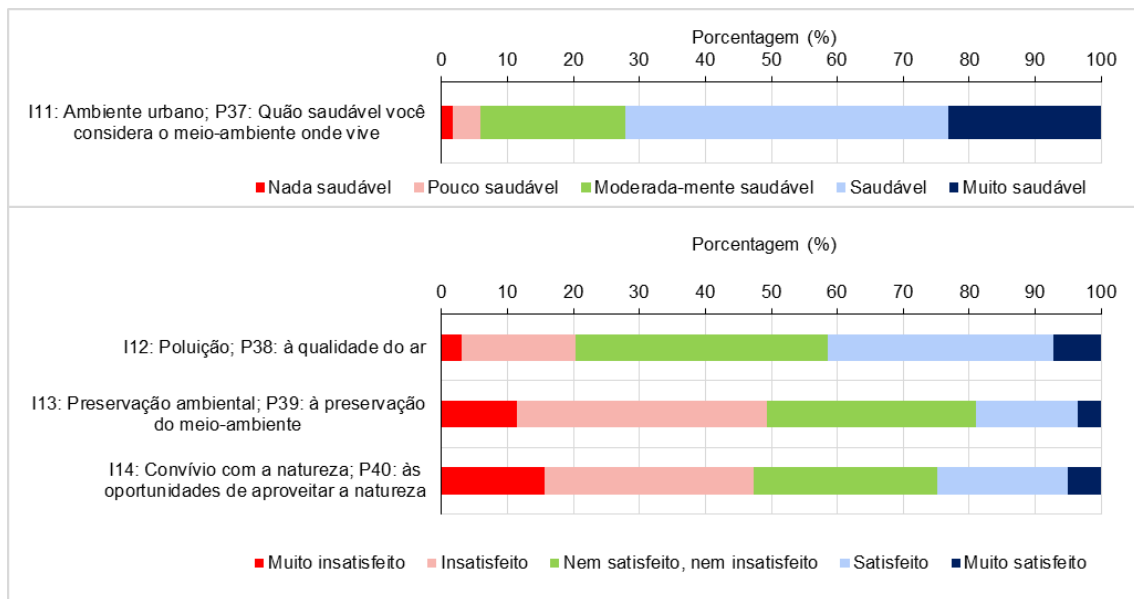
Tabela 11. Distribuição das respostas dadas às perguntas do D7 “Diversidade e preservação ambiental” e seus quatro indicadores

I11: Ambiente urbano	Grau de salubridade do meio ambiente em que vive					Total
	Nada saudável	Pouco saudável	Moderadamente saudável	Saudável	Muito saudável	
P37: Quão saudável você considera o meio ambiente em que vive?	1,67	4,18	22,01	49,03	23,12	100,00
I12: Poluição; P38: a qualidade do ar	Grau de satisfação com					Total
	Muito insatisfeito	Insatisfeito	Nem satisfeito, nem insatisfeito	Satisfeito	Muito satisfeito	
	3,06	17,27	38,16	34,26	7,24	100,00

I13: Preservação ambiental; P39: a preservação do meio ambiente	11,42	37,88	31,75	15,32	3,62	100,00
I14: Convívio com a natureza; P40: as oportunidades de aproveitar a natureza	15,60	31,75	27,86	19,78	5,01	100,00

Fonte: Dados da pesquisa

Figura 7. Distribuição das respostas dadas às perguntas do D7 “Diversidade e preservação ambiental” e seus quatro indicadores



4.2.8 Análise das variáveis do Domínio 8: D8 Bom governo

O oitavo domínio do FIB refere-se ao D8: Bom Governo, composto por dois indicadores:

- I15 – Desempenho do governo: 4 variáveis;
- I16 – Participação política: 1 variável.

No total, são cinco variáveis, cujos resultados estão apresentados na Tabela 12 e ilustrados na Figura 8.

Tabela 12. Distribuição das respostas dadas às perguntas da D8 “Bom governo” e seus dois indicadores

I15: Desempenho do governo

	Grau de satisfação com					Total
	Muito insatisfeito	Insatisfeito	Nem satisfeito, nem insatisfeito	Satisfeito	Muito satisfeito	
P41: as políticas de gestão da UESB	8,91	22,28	46,24	21,17	1,39	100,00
P42: o trabalho dos governantes locais	11,98	29,25	39,00	17,55	2,23	100,00

	Grau de concordância					Total
	Discordo totalmente	Discordo	Nem concordo, nem discordo	Concordo	Concordo totalmente	
P43: Há muita corrupção no governo	0,84	4,46	22,01	33,98	38,71	100,00
P44: O governo tem políticas de desenvolvimento social eficientes	11,98	31,75	38,16	15,04	3,06	100,00

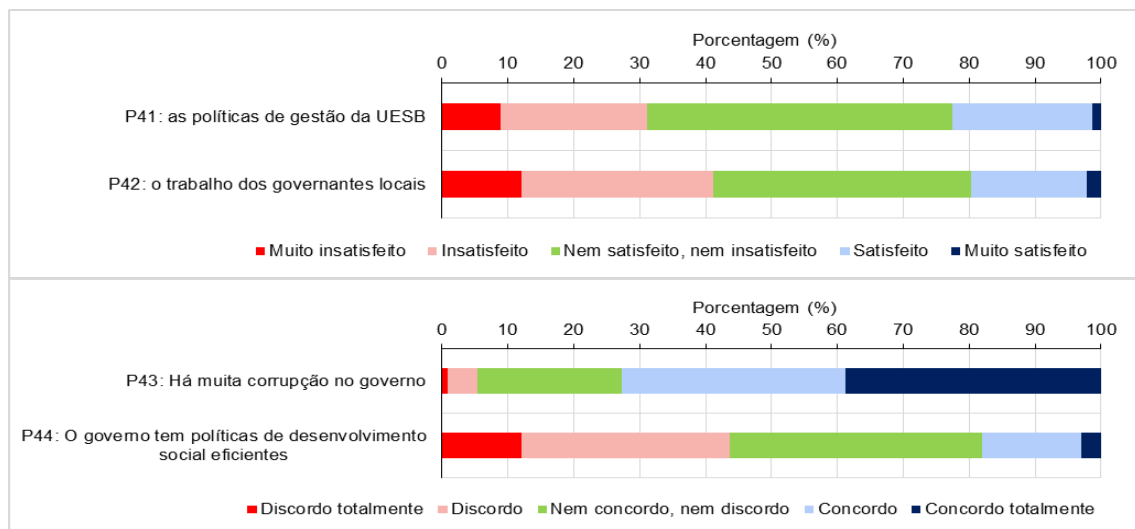
I16: Participação política

	Grau de concordância					Total
	Discordo totalmente	Discordo	Nem concordo, nem discordo	Concordo	Concordo totalmente	
P45: A população não tem influência sobre o governo	18,38	27,86	27,58	16,16	10,02	100,00

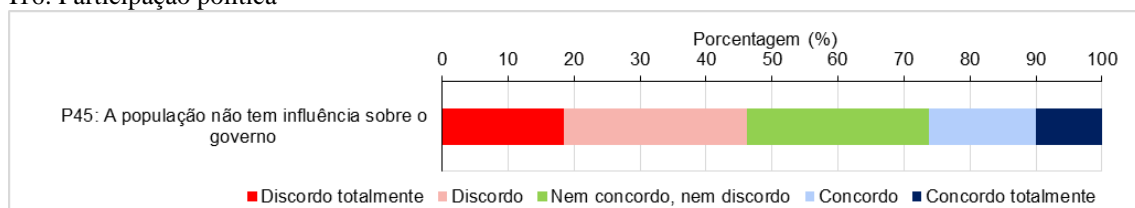
Fonte: Dados da pesquisa

Figura 8. Distribuição das respostas dadas às perguntas da D8 “Bom governo” e seus dois indicadores

I15: Desempenho do governo



I16: Participação política



4.2.9 Análise das variáveis do Domínio 9: D9 Padrão de vida

O nono domínio do FIB refere-se ao D9: Padrão de Vida, composto pelos seguintes indicadores:

I17 – Renda: 2 variáveis;

I18 – Bens materiais: 1 variável;

I19 – Moradia: 1 variável.

No total, são quatro variáveis, cujos resultados estão apresentados na Tabela 13 e ilustrados na Figura 9.

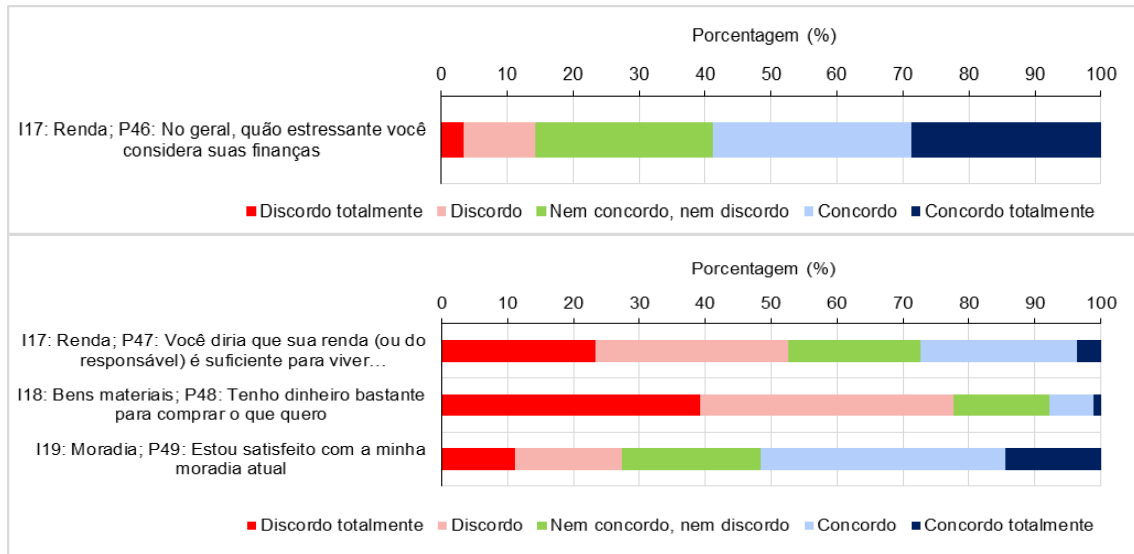
Tabela 13. Distribuição das respostas dadas às perguntas da D9 “Padrão de vida” e seus dois indicadores

I17: Renda

	Grau de estresse					Total
	Nem um pouco estressante	Pouco estressante	Medianamente estressante	Estressante	Muito estressante	
P46: No geral, quão estressante você considera suas finanças?	3,34	10,86	27,02	30,08	28,69	100,00
	Grau de concordância					Total
	Discordo totalmente	Discordo	Nem concordo, nem discordo	Concordo	Concordo totalmente	
P47: Você diria que sua renda (ou do responsável) é suficiente para viver tranquilamente	23,40	29,25	20,06	23,68	3,62	100,00
	Grau de concordância					Total
	Discordo totalmente	Discordo	Nem concordo, nem discordo	Concordo	Concordo totalmente	
I18: Bens materiais; P48: Tenho dinheiro bastante para comprar o que quero	39,28	38,44	14,48	6,69	1,11	100,00
I19: Moradia; P49: Estou satisfeito com a minha moradia atual	11,14	16,16	21,17	37,05	14,48	100,00

Fonte: Dados da pesquisa

Figura 9. Distribuição das respostas dadas às perguntas da D9 “Padrão de vida” e seus dois indicadores



4.2.10 Análise das variáveis do Domínio 10: D10 Experiência de trabalho

O décimo domínio do FIB refere-se à D10: Experiência de Trabalho, composto por dois indicadores:

I20 – Satisfação com o curso: 3 variáveis;

I21 – Satisfação com a vida profissional: 3 variáveis.

No total, são seis variáveis, cujos resultados estão apresentados na Tabela 14 e ilustrados na Figura 10.

Tabela 14. Distribuição das respostas dadas às perguntas da D10 “Experiência de trabalho” e seus dois indicadores

I20: Satisfação com o curso

	Grau de frequência					Total
	Nunca	Raramente	Ocasionalmente	Frequente mente	Sempre	
P50: acha seu curso interessante	1,39	5,29	14,76	35,65	42,90	100,00
	Grau de satisfação com					Total
	Muito insatisfeito	Insatisfeito	Nem satisfeito, nem insatisfeito	Satisfeito	Muito satisfeito	
P51: seu curso	2,79	6,96	20,61	45,13	24,51	100,00
P52: a proporção entre o tempo de estudo e o tempo disponível	13,09	32,87	30,36	18,11	5,57	100,00

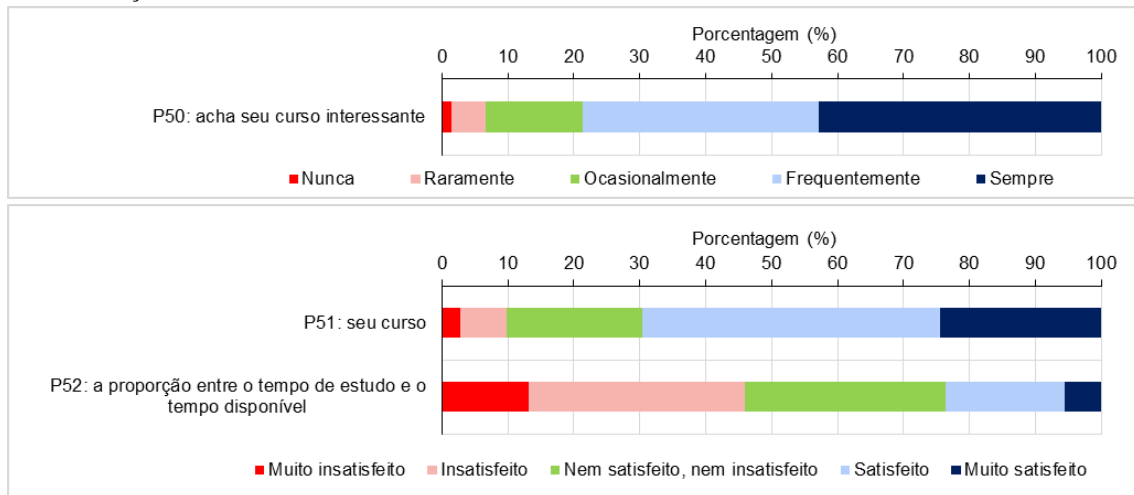
I21-Satisfação com a vida profissional

	Grau de concordância					Total
	Discordo totalmente	Discordo	Nem concordo, nem discordo	Concordo	Concordo totalmente	
P53: A minha vida me permite ser o mais produtivo possível	13,65	33,15	30,92	18,66	3,62	100,00
P54: Eu sinto que o meu esforço é recompensado	8,08	22,56	33,43	28,41	7,52	100,00
P55: Eu defino como fazer meu trabalho	13,93	25,63	31,75	23,12	5,57	100,00

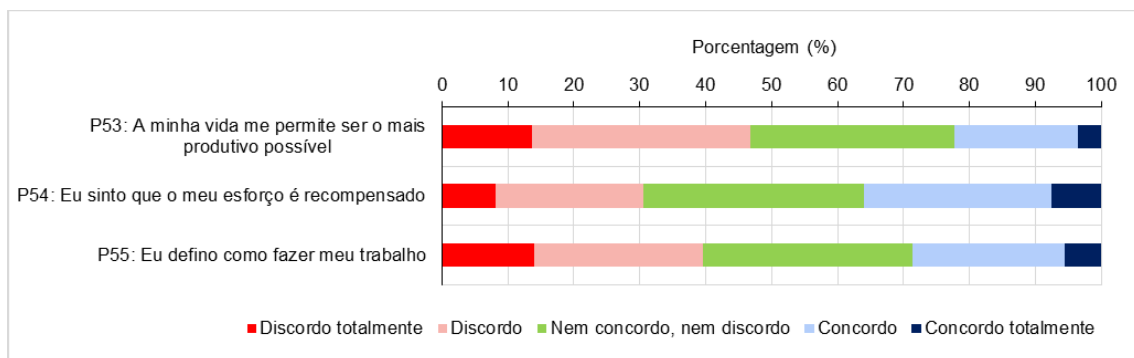
Fonte: dados da pesquisa

Figura 10. Distribuição das respostas dadas às perguntas da D10 “Experiência de trabalho” e seus dois indicadores

I20: Satisfação com o curso



I21-Satisfação com a vida profissional



4.3 ANÁLISE DO FIB E SEUS DOMÍNIOS

Nesta seção, apresentamos a análise geral dos domínios do FIB. A Tabela 15 exhibe as estatísticas descritivas de cada uma das dimensões, enquanto a Figura 11 ilustra a distribuição desses resultados.

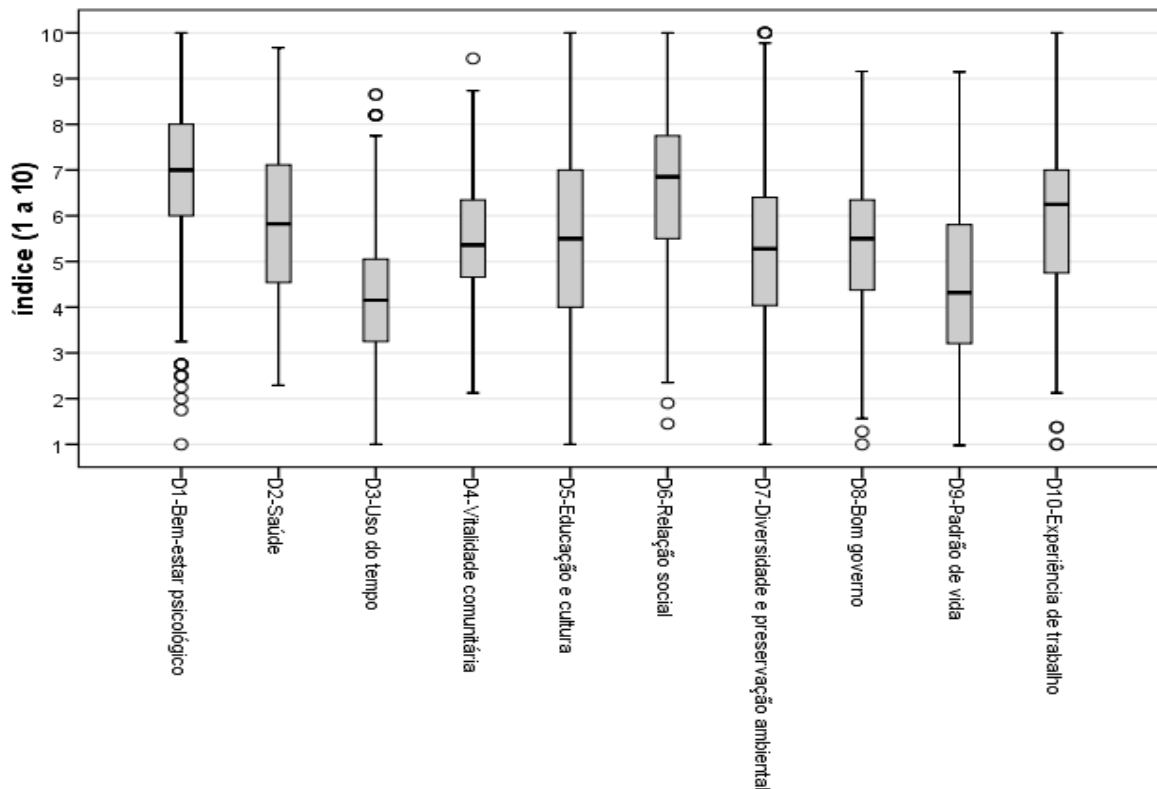
Observa-se que os menores índices estão nas dimensões Uso do Tempo (D3) e Padrão de Vida (D9). Por outro lado, as melhores pontuações foram registradas nas dimensões Bem-estar Psicológico (D1) e Relação Social (D6).

Tabela 15. Estatísticas das dimensões do FIB

Dimensões	N	Mínimo	Máximo	Média	Desvio Padrão
D1-Bem-estar psicológico	359	1,00	10,00	6,8174	1,69605
D2-Saúde	359	2,29	9,68	5,8785	1,68336
D3-Uso do tempo	359	1,00	8,65	4,2528	1,63141
D4-Vitalidade comunitária	359	2,13	9,44	5,4334	1,29721
D5-Educação e cultura	359	1,00	10,00	5,4248	1,95335
D6-Relação social	359	1,45	10,00	6,6281	1,77368
D7-Diversidade e preservação ambiental	359	1,00	10,00	5,3389	1,72805
D8-Bom governo	359	1,00	9,16	5,2932	1,58959
D9-Padrão de vida	359	,98	9,15	4,4077	1,83910
D10-Experiência de trabalho	359	1,00	10,00	5,9356	1,67502
FIB (10 a 100)	359	21,76	86,04	55,4104	9,95986

Fonte: dados da pesquisa

Figura 11. Distribuição dos índices nos 10 domínios dos participantes da UESB



Fonte: dados da pesquisa

A correlação entre as dimensões do FIB é apresentada na Tabela 16, na qual se observa que a dimensão D1 – Bem-estar Psicológico apresenta forte correlação com D6 – Relação Social ($r = 0,645$) e com D10 – Experiência de Trabalho ($r = 0,522$). Da mesma forma, destaca-se a correlação entre D3 – Uso do Tempo e D10, com um coeficiente de ($r = 0,538$).

Também é possível notar que a dimensão D8 – Bom Governo apresenta correlação muito baixa com as demais dimensões, indicando menor associação com os outros aspectos avaliados.

Em relação à correlação entre cada domínio e o FIB total, é natural que exista associação, uma vez que os domínios compõem o índice. No entanto, chama atenção o fato de que alguns domínios influenciam mais fortemente o FIB do que outros. Especificamente, os domínios D10 – Experiência de Trabalho e D1 – Bem-estar Psicológico apresentam correlações próximas de 0,7, consideradas elevadas em contextos dessa natureza. Por outro lado, o D8 – Bom Governo é o domínio que apresenta a menor correlação com o FIB total, sugerindo baixa influência sobre o índice geral de felicidade dos discentes.

Tabela 16. Matriz de correlação entre os domínios do FIB e com o FIB

Domínios	Domínios									FIB
	D2	D3	D4	D5	D6	D7	D8	D9	D10	
D1-Bem-estar psicológico	0,325** 0,000	0,321** 0,000	0,311** 0,000	0,263** 0,000	0,645** 0,000	0,260** 0,000	0,146** 0,005	0,306** 0,000	0,522** 0,000	0,698** 0,000
D2-Saúde		0,313** 0,000	0,134* 0,011	0,441** 0,000	0,247** 0,000	0,220** 0,000	0,039 0,463	0,280** 0,000	0,280** 0,000	0,567** 0,000
D3-Uso do tempo			0,197** 0,000	0,307** 0,000	0,294** 0,000	0,278** 0,000	0,023 0,667	0,300** 0,000	0,538** 0,000	0,607** 0,000
D4-Vitalidade comunitária				0,259** 0,000	0,350** 0,000	0,403** 0,000	0,099 0,061	0,306** 0,000	0,258** 0,000	0,537** 0,000
D5-Educação e cultura					0,244** 0,000	0,274** 0,000	0,100 0,059	0,282** 0,000	0,396** 0,000	0,625** 0,000
D6-Relação social						0,212** 0,000	0,125* 0,018	0,282** 0,000	0,395** 0,000	0,647** 0,000
D7-Diversidade e preservação ambiental							0,116* 0,028	0,263** 0,000	0,354** 0,000	0,571** 0,000
D8-Bom governo								0,055 0,297	0,141** 0,007	0,304** 0,000
D9-Padrão de vida									0,346** 0,000	0,591** 0,000
D10-Experiência e trabalho										0,722** 0,000

O valor de cima de cada célula se refere à correlação, o de baixo, ao p-valor

** A correlação é significativa no nível 0,01 (2 extremidades).

* A correlação é significativa no nível 0,05 (2 extremidades).

4.4 ANÁLISE DO FIB PELAS VARIÁVEIS DO PERFIL DOS RESPONDENTES

A escala utilizada no questionário foi do tipo Likert de cinco pontos, variando de 1 a 5, representada na equação por x . Para fins de padronização e análise, essa escala foi transformada para uma escala de 1 a 10 (representada por y), por meio de uma transformação linear com normalização, conforme a seguinte fórmula:

$$y = \frac{x - 1}{4} * 9 + 1$$

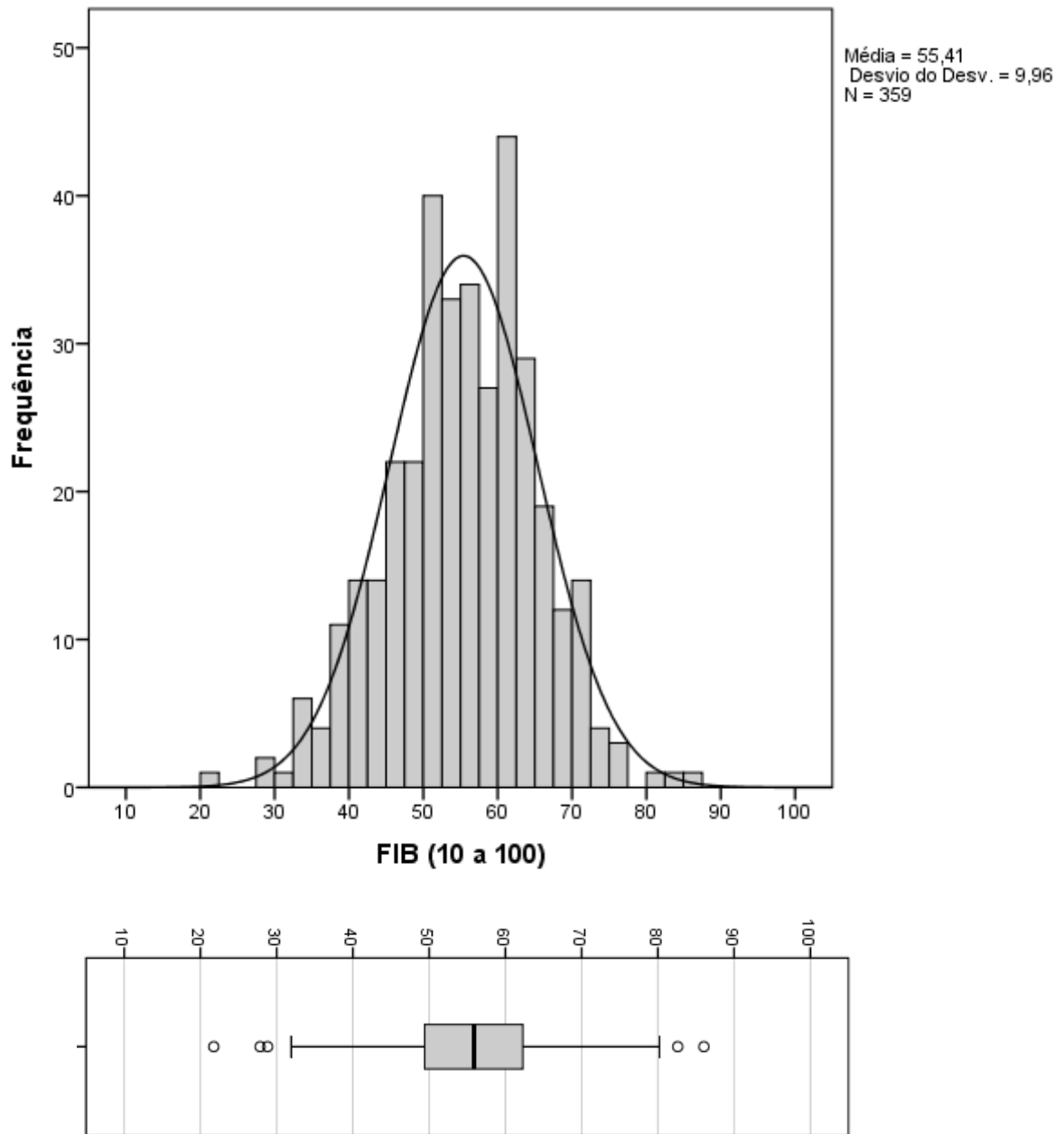
Considerando que o FIB varia de 10 a 100, observou-se que o índice entre os discentes participantes da pesquisa variou de 21,76 a 86,04, com média de 55,41 e desvio padrão de 9,96. O primeiro quartil foi de 49,39, a mediana, de 55,88, e o terceiro quartil, de 62,32. Isso indica que:

25% dos discentes apresentaram FIB menor ou igual a 49,39;

50% estavam no intervalo entre 49,39 e 55,88;

25% apresentaram FIB maior ou igual a 62,32.

A distribuição do FIB mostrou-se aproximadamente normal, conforme demonstrado pelo teste de Kolmogorov-Smirnov (Estatística = 0,37; $g1 = 359$; $p = 0,200$). A Figura 12 ilustra graficamente essa distribuição.

Figura 12: Distribuição do FIB

Fonte: Dados da pesquisa.

A seguir, analisamos a distribuição do FIB com base nas variáveis gênero, faixa etária, campus universitário e área de conhecimento.

No caso da variável gênero, a análise estatística considerou apenas as categorias masculino e feminino, excluindo as categorias não binário e não quis responder, devido ao número reduzido de participantes (três em cada uma), o que inviabiliza inferências estatísticas confiáveis.

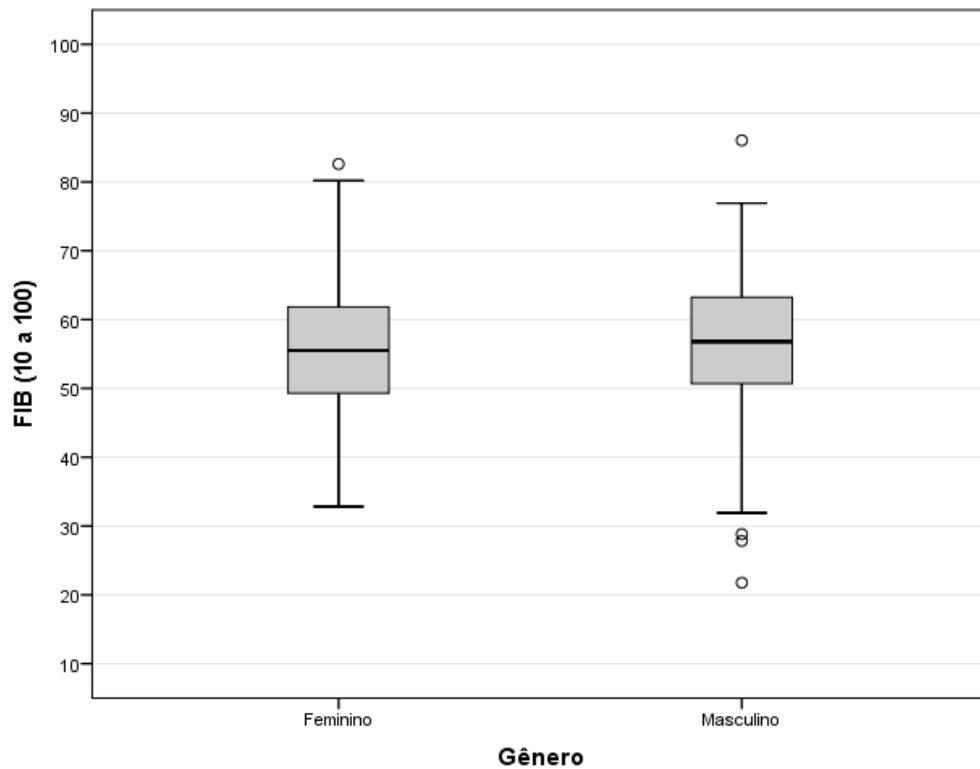
Na Tabela 17, apresentamos as estatísticas descritivas do FIB por gênero, e na Figura 13, a distribuição do índice entre as categorias dessa variável. Observa-se que, embora os

homens apresentem um índice ligeiramente superior, essa diferença não é estatisticamente significativa, o que nos permite concluir que homens e mulheres apresentam níveis de felicidade semelhantes (igualmente felizes ou infelizes), dentro dos parâmetros avaliados.

Tabela 17. Distribuição do FIB por gênero

Gênero	Estatísticas			Teste t-student	
	N	Média	Desvio Padrão	Estatística	p-valor
Feminino	234	55,2326	9,53399	$t_{(351)} = -0,694$	0,488
Masculino	119	56,0096	10,70482		

Figura 13. Distribuição do FIB por gênero



Fonte: Dados da pesquisa

Como já mencionado, a idade dos participantes variou de 17 a 68 anos, com média de 24,49 anos e desvio padrão de 8,76. Na Tabela 18, apresentamos as estatísticas do FIB por idade, agrupada em três faixas etárias, além dos resultados do teste F (ANOVA), que indicou diferença estatisticamente significativa entre as médias.

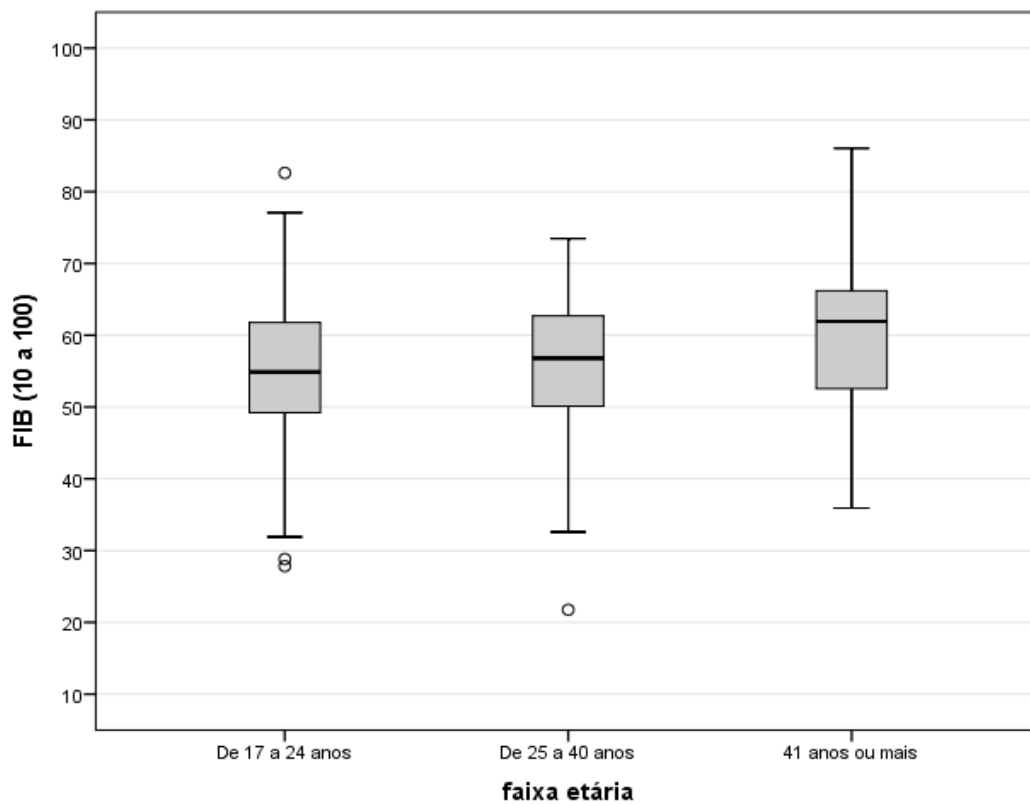
Observa-se que os discentes mais velhos tendem a apresentar maiores índices de felicidade, conforme demonstrado pelo teste de comparações múltiplas de Duncan. A Figura 14 ilustra graficamente a distribuição do FIB entre as faixas etárias analisadas.

Tabela 18. Distribuição do FIB por faixa etária

Faixa etária	Estatísticas			Teste F (ANOVA)	
	N	Média (*)	Desvio Padrão	Estatística	p-valor
De 17 a 24 anos	266	54,9668a	9,55194	$F_{(2,355)}=3,141$	0,044
De 25 a 40 anos	64	55,2607a	10,28317		
41 anos ou mais	28	59,8968b	12,24979		

(*) médias com letras iguais não diferem estatisticamente segundo o teste de Duncan

Fonte: dados da pesquisa

Figura 14. Distribuição do FIB por faixa etária

Fonte: dados da pesquisa

Na Tabela 19, apresentamos a distribuição por campus universitário e, na Tabela 20, apresentamos a distribuição por área de conhecimento. Observamos que, em ambas as variáveis, não há evidências de diferenças estatísticas entre as médias de suas categorias.

Na Tabela 19, apresentamos a distribuição do FIB por campus universitário e, na Tabela 20, a distribuição por área de conhecimento. Em ambas as variáveis, não foram encontradas evidências de diferenças estatisticamente significativas entre as médias de suas respectivas categorias, indicando que o índice de felicidade dos discentes se mantém relativamente constante entre os diferentes campi e áreas acadêmicas.

Tabela 19. Distribuição do FIB por campus universitário

Campus	Estatísticas			Teste t-student	
	N	Média	Desvio Padrão	Estatística	p-valor
Jequié	205	55,9239	10,61559	T(357) = 1,127	0,260
Vitória da Conquista	154	54,7269	9,00190		

Fonte: dados da pesquisa

Tabela 20. Distribuição do FIB por área de conhecimento.

Área de conhecimento	Estatísticas			Teste F (ANOVA)	
	N	Média (*)	Desvio Padrão	Estatística	p-valor
Ciências Exatas	74	55,7710	10,98827	F _(3,355) =1,233	0,297
Ciências Humanas	101	53,9615	9,72452		
Ciências Biológicas	109	56,5606	10,31477		
Linguagens	75	55,3341	8,53091		

Fonte: dados da pesquisa

4.5 ANÁLISE DO FIB PELAS CATEGORIAS DE FELICIDADE

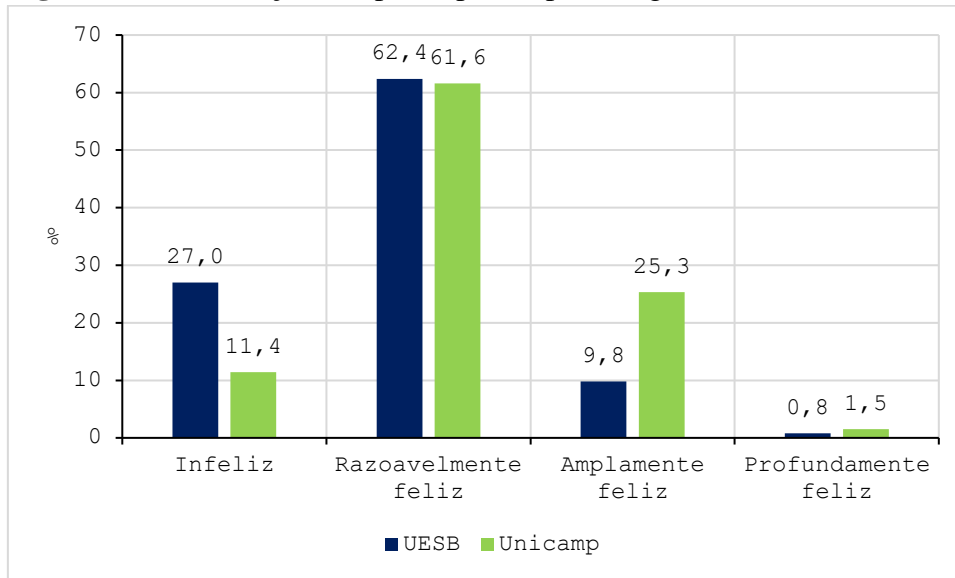
Nesta seção, analisamos a distribuição dos respondentes pelas categorias do FIB e comparamos os resultados obtidos com os encontrados por Valentim *et al.* (2014) em estudo semelhante realizado na Unicamp.

Conforme apresentado na Tabela 21 e na Figura 15, observa-se que os discentes da UESB tendem a apresentar níveis mais baixos de felicidade, quando comparados aos discentes da Unicamp, indicando uma maior concentração nas categorias de menor FIB.

Tabela 21. Distribuição dos participantes por categorias de felicidade da UESB e da Unicamp

Categorias de felicidade	Valor do FIB	UESB (%)	Unicamp (%)
Infeliz (Menor que 50)	FIB \leq 49,99	27,0	11,4
Razoavelmente feliz (Entre 50 e 66)	50,00 \leq FIB \leq 66,99	62,4	61,6
Amplamente feliz (Entre 67 e 77)	67,00 \leq FIB \leq 77,99	9,8	25,3
Profundamente feliz (A partir de 78)	FIB \geq 78	0,8	1,5

Fonte: Dados da Pesquisa e Figura 1 da Pesquisa de Valentin et al (2014)

Figura 15. Distribuição dos participantes por categorias de felicidade da UESB e da Unicamp

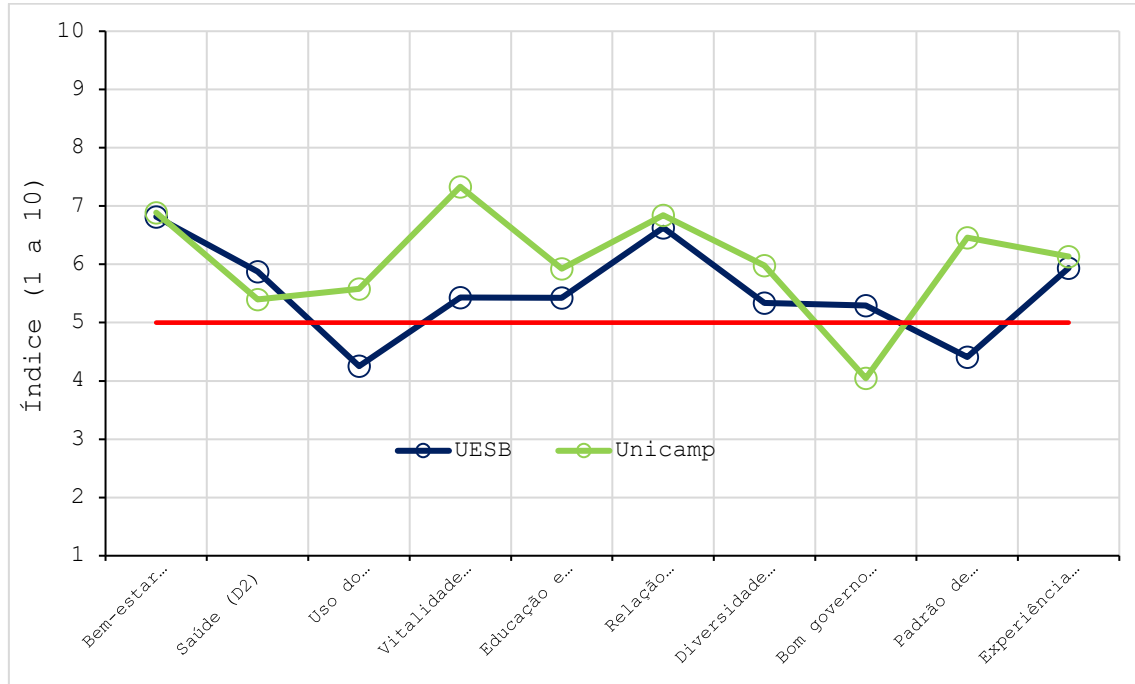
Fonte: Tabela 21

A seguir, analisamos em quais categorias os participantes se enquadram em cada um dos domínios do FIB e comparamos os resultados com os encontrados por Valentim *et al.* (2014). As informações estão apresentadas na Tabela 22 e ilustradas na Figura 16.

Tabela 22. Nível médio em cada uma das dimensões dos discentes da UESB e da Unicamp

Dimensões	UESB		Unicamp	
	Valor médio	Nível de felicidade	Valor médio	Nível de felicidade
Bem-estar psicológico (D1)	6,8174	Amplamente feliz	6,8845	Amplamente feliz
Saúde (D2)	5,8785	Razoavelmente feliz	5,4000	Razoavelmente feliz
Uso do tempo (D3)	4,2528	Infeliz	5,5779	Razoavelmente feliz
Vitalidade comunitária (D4)	5,4334	Razoavelmente feliz	7,3320	Amplamente feliz
Educação e cultura (D5)	5,4248	Razoavelmente feliz	5,9266	Razoavelmente feliz
Relação social (D6)	6,6281	Razoavelmente feliz	6,8444	Razoavelmente feliz
Diversidade e preservação ambiental (D7)	5,3389	Razoavelmente feliz	5,9788	Razoavelmente feliz
Bom governo (D8)	5,2932	Razoavelmente feliz	4,0451	Infeliz
Padrão de vida (D9)	4,4077	Infeliz	6,4603	Razoavelmente feliz
Experiência de trabalho (D10)	5,9356	Razoavelmente feliz	6,1322	Razoavelmente feliz

Fonte: Dados da pesquisa e Tabela 3 de Valentim et al (2014)

Figura 16. Nível médio em cada uma das dimensões dos participantes da UESB e da Unicamp

Fonte: Tabela 22

Na Tabela 22 e na Figura 16, observamos que, em seis das dez dimensões, os resultados são bastante semelhantes entre os participantes da UESB e da Unicamp. No entanto, em três dimensões — D3 (Uso do Tempo), D4 (Vitalidade Comunitária) e D9 (Padrão de Vida) —, os discentes da UESB apresentaram índices inferiores, sendo classificados como "Infelizes" nas dimensões D3 e D9. Por outro lado, os discentes da Unicamp foram classificados como "Infelizes" apenas na dimensão D8 (Bom Governo), enquanto os da UESB não apresentaram esse resultado.

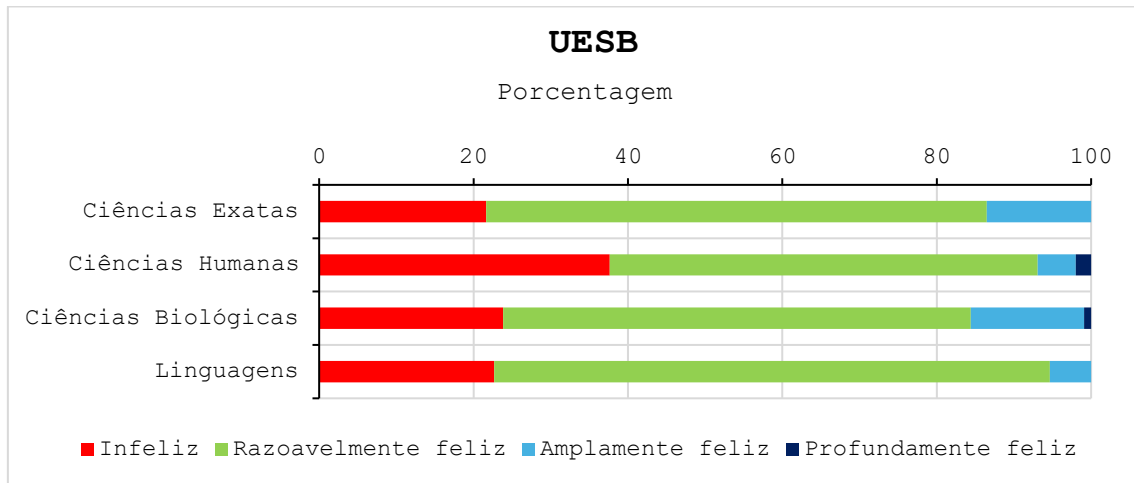
Na Tabela 23, apresentamos a distribuição dos participantes da UESB por categorias de felicidade e área de conhecimento e verificamos que os discentes da área de Ciências Humanas tendem a ser mais infelizes em comparação com os das demais áreas, como ilustrado na Figura 17.

Tabela 23. Distribuição dos participantes por categorias de felicidade e área de conhecimento

Área de conhecimento	Infeliz	Razoavelmente feliz	Amplamente feliz	Profundamente feliz	Total
Ciências Exatas	21,62	64,86	13,51	0,00	100,00
Ciências Humanas	37,62	55,45	4,95	1,98	100,00
Ciências Biológicas	23,85	60,55	14,68	0,92	100,00
Linguagens	22,67	72,00	5,33	0,00	100,00

Fonte: dados da pesquisa

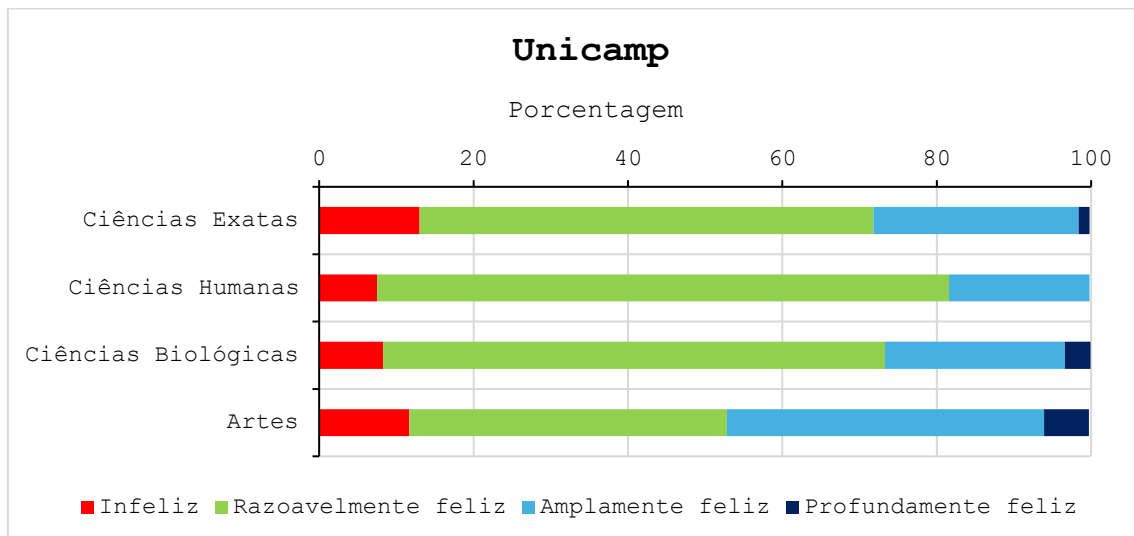
Figura 17. Distribuição dos participantes da UESB, por categorias de felicidade e área de conhecimento



Fonte: dados da pesquisa

A título de ilustração, apresentamos, na Figura 18, a distribuição dos participantes da Unicamp por categorias de felicidade e área de conhecimento.

Figura 18. Distribuição dos participantes da Unicamp por categorias de felicidade e área de conhecimento



Fonte: Adaptado da Figura 2 de Valentin et al (2014)

CAPÍTULO 5

PRINCIPAIS RESULTADOS (qualitativos)

Neste capítulo, apresentamos os principais resultados obtidos na pesquisa qualitativa.

Foi apresentado aos discentes um conjunto de perguntas norteadoras (Quadro 1), que serviram de base para as respostas e debates ao longo das entrevistas. As respostas evidenciaram um panorama complexo das relações sociais no contexto universitário, abrangendo as interações instituição–discente, discente–discente e professor–discente. Os relatos evidenciaram a relevância de analisar de forma aprofundada as relações de poder estabelecidas entre a instituição e os discentes, o papel da coerção e da cooperação no processo de ensino-aprendizagem e a forma como esses elementos se articulam com o bem-estar e a felicidade dos discentes.

A partir desse entendimento, apresentamos as análises das respostas dos discentes organizadas nas seguintes categorias: relação professor–discentes, discentes–instituição e a subcategoria coerção e cooperação.

Categoria: Relação discentes x professor

Subcategoria: coerção

A partir da análise das falas dos discentes dos cursos de ciências exatas, observamos relações coercitivas na relação discentes-professor, que impactam negativamente o bem-estar e favorecem a formação de uma consciência moral heterônoma, que representa um obstáculo à construção da autonomia e, conseqüentemente, da felicidade.

Entrevistador: A experiência universitária possibilitou a vocês refletir e tomar decisões com maior liberdade, autonomia e consciência? Por quê?

Eu acredito que não, até porque, normalmente, a maioria dos professores seguem uma emenda e acabam muitas vezes ficando enrijecidos naquilo. Outros entendem o lado da gente, entendem as necessidades, entendem nossas demandas para além da sala de aula também. Enquanto outros não se importam, acham que, na verdade, a gente tem que estar à total disposição da universidade para o professor daquela disciplina, e ele não se importa se, em algum momento, eu perdi algum parente, se, em algum momento, eu precisei trabalhar, se, em algum momento, eu não estava bem comigo mesmo. (Discente M3, 2025)

A coerção aparece de forma marcante no trecho em que M3 relata que muitos professores se mantêm enrijecidos em relação à ementa, o que sugere práticas pedagógicas

pouco flexíveis, verticalizadas e alheias às realidades dos discentes. A exigência de que os discentes estejam à "total disposição da universidade" revela uma relação assimétrica de poder, em que não há espaço para diálogo, negociação ou reconhecimento da condição humana dos discentes (discente M3, 2025).

Esse tipo de conduta se aproxima daquilo que Piaget (1994) descreve como moral heterônoma, em que o sujeito apenas obedece à autoridade sem compreender ou questionar as razões por trás das normas. Ao não considerar as experiências e dificuldades dos discentes — como luto, trabalho ou questões emocionais —, o professor impõe uma lógica de funcionamento marcada por uma ausência de empatia, o que fere os princípios de justiça, igualdade e equidade, inerentes à autonomia. A cooperação para o autor implica empatia, se colocar no lugar do outro, e, para isso, as relações não podem ser verticalizadas, hierarquizadas.

Vejamos a formulação verbal do discente:

Entrevistador: Durante sua trajetória acadêmica, você já se sentiu discriminado(a), excluído(a) ou submetido(a) a situações autoritárias ou coercitivas em sala de aula? De que forma essas experiências impactaram o seu bem-estar emocional, sua motivação ou seu processo de aprendizagem?

A gente tem uma professora que a gente já conhecia a fama dela, sobre as provas e tudo o mais. [...] E a última vez que ela deu aula, ela falou: Então, gente, a data da final com certeza deve ter final. E aquilo ficou rodando na minha cabeça. E eu falei: na primeira, eu não fui bem, e agora eu não estou conseguindo. Eu estava passando por uma coisa pessoal. Não estou conseguindo, e ela já afirmou que vai ter final. Então, na minha cabeça, eu já estava lá. Eu já estava lá, fazendo as provas da final, na verdade. Eu me sentei para fazer uma prova de segunda unidade com a cabeça de que já estava na final. Aí, pronto. Aquilo virou um gatilho em mim, eu passei muito mal e tudo o mais. Fiz a prova de qualquer jeito (Discente M12, 2025).

A formulação verbal do discente implica um processo coercitivo nas relações pedagógicas universitárias, principalmente no que diz respeito ao clima de ameaça, à antecipação da punição e à fragilidade emocional desencadeada por uma postura docente autoritária. A experiência narrada é marcada por tensão, insegurança e sofrimento, evidenciando os efeitos negativos de um modelo de ensino que privilegia o controle e o medo, em vez da escuta, empatia e diálogo.

Vejamos a formulação verbal do discente M4:

Entrevistador: A experiência universitária possibilitou a vocês refletir e decidir com maior liberdade, autonomia e consciência? Por quê?

Alguns professores até dão essa liberdade (Discente M4, 2025).

Isso! Alguns têm, eu digo assim, durante a minha jornada, outros não tiveram. Então a gente fica naquela dualidade (Discente M3, 2025).

Embora não haja um exemplo direto de coerção nesse trecho, sua ausência torna-se significativa. A fala contrasta implicitamente com contextos mais tradicionais e autoritários, em que os discentes não têm voz ativa, e o planejamento didático é centralizado exclusivamente no professor. Quando M4 diz que "alguns professores até dão essa liberdade" e M3 ressalta que "alguns têm, eu digo assim, durante a minha jornada, outros não tiveram", evidencia que nem todos os docentes atuam com base na cooperação, o que indica a existência de práticas ainda marcadas por relações mais coercitivas ou heterônomas, que impactam diretamente no psicológico dos discentes.

Subcategoria: cooperação

A partir da análise das falas dos participantes, observamos a presença de relações cooperativas entre discentes e professores, que impactam positivamente no bem-estar e na formação de uma consciência moral autônoma, condição necessária para construção da felicidade. Vejamos a fala da discente M3:

Entrevistador: A experiência na universidade possibilitou a vocês refletir e decidir com mais liberdade, autonomia e consciência? Por quê?

[...] eu tive um professor que eu tive a liberdade de conversar com ele e falar que o método que ele estava avaliando a gente eu não achei que não estava conseguindo alcançar o meu melhor pelo método da avaliação dele. E ele conseguiu rever aquilo e tentou outras formas de avaliação e assim eu consegui me sair melhor (Discente M3, 2025).

A cooperação torna-se evidente na fala de M3 a partir do momento em que ocorre um diálogo entre ele o professor sobre o método de avaliação. Esse encontro dialógico revela o que Piaget (1994) denomina de reciprocidade afetiva, condição essencial à cooperação, caracterizada por um desejo de escuta entre ambos e disposição para considerar o ponto de vista do outro. Ao acolher a crítica do aluno e repensar sua prática avaliativa, o professor abandona uma postura centralizadora e autoritária, inserindo-se em um processo interdependente, no qual ambos (professor x discentes) se respeitam mutuamente e se reconhecem como sujeitos ativos da aprendizagem (Discente M3, 2025).

Vejamos a seguir a fala do discente:

Entrevistador: A experiência na universidade possibilitou a vocês refletir e decidir com mais liberdade, autonomia e consciência? Por quê?

A gente teve uma experiência, alguns professores, que uma das atividades que a gente tem que fazer no semestre foi construir junto com eles o plano da unidade de disciplina. A gente só não podia mudar a ementa, que é imutável,

mas a gente pode, cada um, construir a ementa da disciplina e no final lá dizer como a gente gostaria de ser avaliado durante a participação. Então, acho que foi uma das aulas que a gente teve mais liberdade de mostrar nosso ponto de vista, de debater, e no final todo mundo debateu e cada um foi avaliado da maneira que escolheu durante a ementa da disciplina. A gente está passando até por um agora parece, que o professor pediu para a gente também construir, também junto com ele, o plano da unidade da disciplina, só que ainda não evoluiu ainda, só nas próximas aulas que a gente vai saber como é que vai ser o desenrolar (Discente M4, 2025).

A cooperação se expressa em diversos momentos na formulação verbal do discente (discente, M4 2025). Destacam-se: a) construção participativa do plano de unidade - mesmo respeitando os limites da ementa oficial, há um ambiente de deliberação conjunta, em que os discentes deixam de ser apenas espectadores e passam a co-construtores do processo formativo; b) valorização dialógica - o relato de que “todo mundo debateu”, ou “foi uma das aulas que a gente teve mais liberdade de mostrar nosso ponto de vista” indica um espaço de fala plural permeado pelo respeito mútuo, que favorece a coordenação de pontos de vistas, aspectos essenciais para a formação de sujeitos críticos e autônomos; c) Liberdade de escolha na avaliação: A possibilidade de cada discente sugerir como gostaria de ser avaliado reforça uma relação mais simétrica, baseada na solidariedade, reciprocidade e no reconhecimento mútuo — aspectos fundamentais para a cooperação, segundo Piaget (1994). Isso estimula a tomada de consciência, pois os discentes precisam refletir criticamente sobre seus próprios processos de aprendizagem.

As experiências relatadas nas formulações verbais de M3 e M4 exemplificam um ambiente formativo com predomínio da cooperação, condição necessária para a construção da autonomia, o que Piaget e La Taille reconhecem como condição para o bem-estar e a felicidade no processo educativo. Quando há abertura para o diálogo, os discentes se sentem respeitados, ouvidos e engajados, e tendem a vivenciar a aprendizagem com mais significação, motivação e desejo - elementos que contribuem para uma aprendizagem significativa e uma formação mais humanizada e emancipadora (Discentes M3 e M4, 2025).

Assim, a construção da felicidade implica a formação de sujeitos autônomos, cujas condutas estão baseadas nos princípios de justiça, respeito mútuo e solidariedade. Um ambiente universitário cooperativo é essencial, pois, conforme afirma Piaget, opõe-se à coerção. Para promover uma educação universitária autônoma – ou, em minhas palavras, para se galgar uma vida feliz, é preciso um ambiente democrático, no qual todos os atores universitários possam cooperar. Como ressalta Piaget (1994, p. 276): "A autonomia é um poder que só se conquista dentro e que só se exerce no seio da cooperação".

Categoria: relação discentes x instituição

Subcategoria: coerção

A partir da análise das falas dos participantes, observamos relações coercitivas e cooperativas na relação discentes-professor e discentes-instituição, que impactam negativamente no bem-estar e na formação de uma consciência moral autônoma, condição necessária para a construção da felicidade.

A seguir, vejamos as respostas *ipsis litteris* de M6, M2 e M1.

Entrevistador: **Há algo que vocês gostariam de mudar ou melhorar no curso de vocês?**

Eu só tenho uma coisa, eu acho que é uma coisa mais técnica, porque eu observo outros cursos de outras universidades e eu sinto que a nossa grade daqui é muito bagunçada. Sim. É muito bagunçada (discente M1, 2025).

Tudo é pré-requisito. É. Eu acho que tem coisas que não são necessárias. Tem algumas matérias que são muito amarradas e tem outras que deveriam estar amarradas e não estão (Discente M2, 2025).

Na fala dos discentes: M1 e M2, podemos observar coerção nas estruturas rígidas e inflexíveis do currículo e nas exigências de pré-requisitos que eles descrevem. Eles sentem que⁴: i) O currículo é "bagunçado" e confuso; i) existem disciplinas de pré-requisitos que consideram desnecessárias; i) sentem que não têm controle sobre a organização do currículo e a disponibilidade das disciplinas.

Continuando nossa análise, vejamos a fala de M6:

[...] não seria nem só essa questão do pré-requisito das disciplinas e o fato de elas serem bagunçadas. É o fato das ofertas também. Tem disciplinas que são de grade longa, tipo, de cadeia longa, que o povo fala que tranca uma, que tranca a outra, que assim vai. Que só oferta uma vez ao ano. Então, se você perder, né? Em disciplina dessa, só perde em um ano (Discente M6, 2025).

Por outro lado, o discente M6 chama atenção para as "disciplinas de cadeia longa", evidenciando a dificuldade enfrentada pelos discentes quando uma matéria é pré-requisito para várias outras, mas tem oferta limitada. Ele ressalta que, nesse modelo, quando há uma impossibilidade de cursá-la, reprovação ou quando ela é ofertada uma vez por ano, pode resultar

⁴ É importante destacar que o colegiado é um espaço democrático de cooperação entre coordenador, professores e representantes discentes, assegurando uma gestão participativa e alinhada às diretrizes educacionais, com o objetivo de promover melhorias contínuas no curso. Entre suas atribuições, destacam-se a atualização do Projeto Pedagógico do Curso (PPC), a definição das disciplinas e das cargas horárias e a organização de estágios e práticas pedagógicas, especialmente em cursos de Ciências Exatas. Além disso, o colegiado acompanha o desempenho dos discentes, delibera sobre o aproveitamento de disciplinas e homologa as bancas de Trabalhos de Conclusão de Curso (TCC), entre outras responsabilidades.

em atrasos significativos na trajetória acadêmica do estudante, comprometendo sua progressão e aumentando o tempo de conclusão do curso.

Assim, os fatores apontados pelos participantes podem gerar frustrações, sensação de impotência, desânimos e estresse acadêmico, impactando negativamente o bem-estar e a motivação. Vale ressaltar que a construção da felicidade implica a formação de sujeitos críticos e autônomos, cujas condutas estão baseadas nos princípios de justiça, respeito mútuo e solidariedade. Um ambiente universitário cooperativo é essencial, pois, conforme afirma Piaget, opõe-se à coerção. Para promover uma educação autônoma – ou, em nossas palavras, para se galgar uma vida feliz, é preciso um ambiente democrático, no qual todos os atores universitários possam cooperar. Como ressalta Piaget (1994, p. 276): "A autonomia é um poder que só se conquista dentro e que só se exerce no seio da cooperação".

Em uma pesquisa realizada por Ozturk (2020), foi constatado que as instituições de ensino superior da Turquia sofrem pressão do Estado, por meio do Conselho de Educação Superior, que, embora possa ter como objetivo garantir a uniformidade e a qualidade da educação, acaba por limitar a autonomia das instituições, restringir a liberdade dos discentes e gerar um ambiente de coerção não apenas em termos de regulamentos disciplinares, mas também devido à falta de oportunidades educacionais mais justas.

Nessa perspectiva, não afirmamos que na universidade e nos cursos analisados inexistam ambientes cooperativos. Pelo contrário, a universidade constitui um espaço democrático, propício ao diálogo e à promoção de ações transformadoras — razão pela qual regimes autoritários frequentemente buscam atacá-la e enfraquecê-la. No entanto, para Piaget, existem diferentes níveis de cooperação, e a felicidade tem mais relação com liberdade e autonomia do que com heteronomia. As falas dos discentes nos ajudam a refletir e a buscar níveis maiores de liberdade, cooperação e democratização.

Continuando nossa análise, vejamos as falas *ipsis litteris* dos participantes M2, M6, M7, M8 e M9 sobre o ambiente universitário, bem-estar e felicidade.

Entrevistador: **A universidade proporciona condições que favorecem o seu bem-estar e felicidade no ambiente acadêmico?**

Eu acho que não (Discente M9, 2025).

Não (Discente M2, 2025).

Não (Discente M8, 2025).

Eu acho que pelo fato do curso ser noturno, eu acho que até o próprio ambiente não auxilia nisso. Porque, geralmente, quem está fazendo curso noturno trabalha. Trabalha (Discente M6, 2025)

Aí já chega aqui... (Discente M8, 2025)

Exausto, cansado e não tem nem um lugar para descansar (Discente M7, 2025).

As falas dos licenciandos revelam uma percepção negativa de um ambiente coercitivo, caracterizado por uma estrutura institucional rígida que restringe a capacidade dos discentes de influírem em sua própria formação, comprometendo a cooperação e o desenvolvimento da autonomia. Essas condições desfavoráveis impactam o bem-estar, o engajamento e a aprendizagem dos discentes. Em consonância com a literatura, a pesquisa de Smolikevych *et al.* (2024) demonstra que um campus estruturado, com instalações adequadas, como bibliotecas e espaços de estudo, otimiza as experiências de aprendizagem dos discentes. Ademais, compreende-se que a coerção presente no ambiente acadêmico pode afetar a aprendizagem e a construção da felicidade dos discentes.

Para La Taille (2006), bem-estar, felicidade e aprendizagem estão profundamente interligados, e a verdadeira aprendizagem acontece quando o indivíduo está motivado e engajado no processo educativo. No entanto, para que isso seja possível, o ambiente universitário precisa ser concebido como um espaço democrático e vivo, que favoreça a construção coletiva do conhecimento.

Como você avalia a atuação da gestão da UESB em relação à infraestrutura física, tecnológica e aos serviços oferecidos à comunidade acadêmica?

Em relação à estrutura, acho que hoje deixa a desejar, na aula de anatomia mesmo, quando vamos pro laboratório, já está tudo aos pedaços, o corpo de estudo, e também pista de passagem, tudo cheio de buraco e coisas interessantes que estão faltando (Discente M12, 2025).

O depoimento de M12 revela uma insatisfação clara com a infraestrutura da UESB, especialmente no que se refere ao laboratório de anatomia e às condições físicas de circulação no campus. Podemos interpretar que a precariedade estrutural pode criar um ambiente de desmotivação, sentimento de impotência que impacta no bem-estar, limitando as possibilidades de aprendizagem.

Por outro lado, podemos pensar num processo coercitivo, pois as condições impostas não permitem a participação ou negociação. Vejamos a formulação verbal do discente M15:

A experiência na universidade possibilitou a vocês refletirem e decidirem com mais liberdade, autonomia e consciência? Na UESB, nossa participação nas decisões é muito limitada. Não me recordo de ter sido consultada ou de ter opinado sobre questões como reformas ou construções e outros itens. Nunca fomos ouvidos em relação às nossas necessidades — falo especificamente da minha experiência pessoal (Discente M15, 2025).

Segundo Piaget, a coerção ocorre quando o sujeito é colocado diante de regras, normas ou condições impostas sem possibilidade de participação ou negociação, gerando relações assimétricas. Nesse caso, a falta de manutenção e de recursos adequados funciona como uma forma de coerção indireta: os discentes são obrigados a adaptar seu aprendizado às condições físicas inadequadas, sem que tenham poder de decisão para mudar a situação.

Subcategoria: cooperação

Como você avalia a atuação da gestão da UESB em relação à infraestrutura física, tecnológica e aos serviços oferecidos à comunidade acadêmica?

Gosto muito do meu curso, especialmente em relação ao meu nível de interesse. É uma área com a qual me identifico bastante, e ao longo da graduação, esse interesse só tem aumentado. A qualidade da formação oferecida também me agrada bastante (Discente M13, 2025).

Apesar de a UESB ter suas limitações, acredito que a estrutura seja muito boa, principalmente considerando que se trata de uma universidade pública. A instituição oferece muitas oportunidades que contribuem de forma significativa para nossa formação e para nossa vida como um todo (Discente M17, 2025).

As formulações verbais de M13 e M17 expressam um aspecto cooperativo na relação discentes–instituição, pois demonstra reconhecimento e valorização dos esforços da universidade, mesmo diante de limitações. Ao reconhecer as oportunidades oferecidas — e não apenas apontar falhas —, o estudante estabelece uma relação de reciprocidade: ele se orgulha do curso e percebe a instituição como parceira no processo formativo, não apenas como provedora de serviços.

Essa perspectiva fortalece o vínculo de cooperação institucional, pois se baseia em um olhar construtivo que potencializa a participação ativa e a corresponsabilidade no uso e valorização dos recursos disponíveis. Além disso, evidencia confiança na gestão e abertura para um diálogo, elementos que, segundo Piaget, sustentam as relações cooperativas genuínas.

Em síntese, a análise das respostas dos discentes permitiu aprofundar a compreensão sobre os impactos da coerção e da cooperação na formação dos discentes. Os resultados obtidos poderão subsidiar a elaboração de estratégias e ações voltadas à promoção de um ambiente acadêmico mais acolhedor, cooperativo e favorável ao desenvolvimento integral dos discentes.

A interpretação das formulações verbais dos participantes evidenciou que as relações no contexto universitário — tanto entre discentes e professores quanto entre discentes e a instituição — são permeadas por um constante desequilíbrio entre práticas coercitivas e

cooperativas. Essa tensão repercute diretamente na construção de uma consciência moral autônoma, no bem-estar e na aprendizagem, dificultando a consolidação de uma felicidade duradoura.

No que tange à relação discentes-professor, as práticas coercitivas ainda são predominantes em muitos contextos, caracterizadas por rigidez curricular, ausência de escuta, relações hierarquizadas e desconsideração das singularidades dos discentes. Essas condutas revelam-se como obstáculos à construção da autonomia moral, pois, como evidenciado por Piaget (1994), reforçam a obediência cega à autoridade, dificultando o desenvolvimento de uma consciência ética e reflexiva. Esse tipo de ambiente impacta negativamente o bem-estar emocional, a motivação e o processo de aprendizagem dos discentes, muitas vezes gerando frustração, ansiedade e sentimento de impotência.

No que tange à relação discentes-professor, as práticas coercitivas ainda são predominantes em muitos contextos, caracterizadas por rigidez curricular, ausência de escuta, relações verticalizadas e hierarquizadas e desconsideração das singularidades dos discentes. Tais condutas revelam-se como obstáculos à construção da autonomia moral e intelectual, pois, como evidenciado por Piaget (1994), reforçam a obediência cega à autoridade, dificultando o desenvolvimento de uma consciência ética e reflexiva. Esse tipo de ambiente impacta negativamente o bem-estar emocional, a motivação e o processo de aprendizagem dos discentes, muitas vezes gerando frustração, estresse, ansiedade e sentimento de impotência.

Para Becker (2012), a sala de aula ainda se mantém como um espaço marcado por práticas autoritárias e por um ambiente que insiste em reproduzi-las como forma de exercício de poder. É, sobretudo, nesse espaço de produção social — nas relações entre docente e discente — que pode se ancorar, muitas vezes de forma camuflada, a reprodução das relações que sustentam a estrutura da sociedade.

Por outro lado, diversos autores (Andrade, 2003; Becker, 2001, 1993; Freire, 1979; Fleuri, 2001) destacam a relação entre práticas autoritárias e aprendizagem. Nessa perspectiva, Krauss, Andrade e Duarte (2024) identificaram, em seu estudo, a necessidade de uma formação continuada de professores que inclua, de forma explícita, a aprendizagem de valores.

Pensar numa educação moral é ajudar na construção de uma escola ética e democrática – espaço no qual podemos combater o ódio contra as diferenças, a opressão, o obscurantismo, o descaso com o meio ambiente e suas diversas formas de vida. É também onde podemos aprender a compreender e a respeitar melhor a natureza em seus aspectos físicos, químicos e biológicos, na busca pela paz (Krauss; Andrade e Duarte, 2024, p. 3317).

Entretanto, também foram identificadas práticas pedagógicas baseadas na cooperação, nas quais o diálogo, a escuta ativa e a construção conjunta do processo de ensino-aprendizagem se fazem presentes. Essas experiências foram vivenciadas de forma positiva pelos discentes, favorecendo o desenvolvimento da autonomia, da consciência crítica e de uma aprendizagem mais significativa e humanizada. Essas práticas, segundo Piaget e La Taille, são condições fundamentais para a construção da felicidade no contexto educativo, pois promovem relações baseadas no respeito mútuo, na solidariedade e na justiça.

Quanto à relação discentes-instituição, ao analisarmos os impactos da coerção na formação do bem-estar e da felicidade de estudantes da UESB, constatamos, por meio dos depoimentos, a presença de um ambiente institucional marcado por práticas coercitivas. Na percepção dos licenciandos, essa coerção se manifesta, sobretudo, em um currículo prescritivo e inflexível, no qual se sentem excluídos dos processos de organização curricular e da definição da oferta de disciplinas. Além disso, a ausência de uma infraestrutura que valorize o bem-estar dos discentes⁵ intensifica essa realidade, tornando o ambiente acadêmico ainda mais desafiador. E não podemos deixar de salientiar a situação de o discente ser um trabalhador que passa o dia inteiro em suas funções laborais e, quando chega para as aulas, já apresenta efeitos de estresse que influenciam negativamente no seu bem-estar enquanto estudante.

Para mitigar esses efeitos coercitivos, é fundamental que a universidade amplie suas políticas de apoio, promovendo maior flexibilidade na oferta de disciplinas, incluindo horários alternativos, e criando espaços adequados para convivência e descanso. Além disso, a ampliação de programas de apoio acadêmico e psicológico, bem como a valorização da participação ativa dos discentes na organização curricular e na definição da oferta de disciplinas, configuram medidas essenciais para tornar a experiência universitária mais democrática e inclusiva. Soma-se a isso a necessidade de assegurar a representatividade dos estudantes do curso noturno no colegiado do curso de Ciências Exatas.

Embora a atual gestão tenha realizado investimentos significativos em infraestrutura — totalizando mais de R\$ 12,7 milhões nos três campi — e a universidade tenha alcançado reconhecimento no cenário nacional, evidenciado pela nota 4 no Índice Geral de Cursos Avaliados da Instituição (IGC) do Ministério da Educação (MEC), é importante destacar que

⁵ Gostaríamos de destacar que a atual gestão da universidade tem demonstrado uma preocupação significativa com os investimentos em infraestrutura, totalizando mais de R\$ 12,7 milhões destinados aos três campi. Em comparação com gestões anteriores, observa-se um esforço maior para criar um ambiente mais acolhedor para os discentes, com iniciativas como a instalação de mesas e cadeiras nas áreas externas. No entanto, muitos discentes permanecem o dia todo na universidade, e ainda é comum encontrá-los dormindo no chão ou sobre mesas e cadeiras. Por isso, reforçamos a importância de continuar investindo em uma infraestrutura que priorize o acolhimento e o bem-estar dos discentes, promovendo um ambiente mais digno e confortável para todos.

tais avanços, ainda que relevantes, constituem condição necessária, mas não suficiente, para a consolidação de um ambiente verdadeiramente democrático e cooperativo. A criação de espaços que promovam a autonomia, o bem-estar e a felicidade dos discentes vai além da melhoria física ou do desempenho em indicadores quantitativos.

CAPÍTULO 6

DISCUSSÃO DOS RESULTADOS (*INTERFACE QUANTI-QUALI*)

Neste capítulo, discutimos os resultados de cada dimensão do Índice de Felicidade Interna Bruta (FIB), iniciando pela análise dos dados quantitativos e seu confronto com a literatura apresentada no Capítulo 1. Em seguida, enriquecemos a discussão com fragmentos de falas dos discentes participantes da pesquisa, interpretados à luz da literatura revisada no Capítulo 2.

O enfoque principal foi estabelecer relações entre os dados quantitativos e qualitativos, considerando especificamente mais as críticas apontadas pelos discentes no contexto universitário. Essa abordagem permite compreender não apenas os índices gerais de bem-estar e felicidade, mas também os fatores institucionais e organizacionais que impactam diretamente o bem-estar psicológico, a aprendizagem e o desenvolvimento da autonomia dos discentes.

Bem-estar psicológico (D1)

O índice médio dessa dimensão no questionário foi de 6,82, situando os discentes da UESB na categoria "amplamente felizes", semelhante aos achados da Unicamp. Estudos apontam que fatores como propósito de vida, satisfação pessoal e engajamento nas atividades acadêmicas são determinantes do bem-estar psicológico. Por um lado, a pesquisa de Diener *et al.* (2009) destaca que indivíduos com maior resiliência emocional apresentam maior bem-estar subjetivo, o que pode justificar a pontuação positiva. O Bhutaneses Gross National Happiness Index também mostra que comunidades com forte senso de propósito e espiritualidade pontuam alto nessa dimensão. Por outro lado, o estudo de Baumeister, Campbell, Krueger e Vohs (2003) pontua efeitos ambíguos que podem decorrer de uma autoestima elevada, pois ela não garante, por si só, sucesso acadêmico, profissional ou melhoria nas relações interpessoais.

Vejamos as formulações verbais dos discentes sobre esse domínio:

De que forma essas experiências impactaram o seu bem-estar emocional, sua motivação ou seu processo de aprendizagem (P1)?

A gente tem uma professora que a gente já conhecia a fama dela, sobre as provas e tudo mais [...] E a última vez que ela deu aula, ela falou: Então, gente, a data da final com certeza deve ter final. E aquilo ficou rodando na minha cabeça. E eu falei, na primeira eu não fui bem e agora eu não estou conseguindo. Eu estava passando por uma coisa pessoal. Não estou conseguindo, e ela já afirmou que vai ter final. Então, na minha cabeça, eu já estava, lá. Eu já estava lá fazendo as provas da final, na verdade. Eu me sentei

para fazer uma prova de segunda unidade com a cabeça de que já estava na final. Aí, pronto. Aquilo virou um gatilho em mim, eu passei muito mal e tudo mais. Fiz a prova de qualquer jeito (Discente M8, 2025).

A formulação verbal do estudante M8 (indicador P1) evidencia impactos de fatores pessoais e institucionais: “Eu estava passando por uma coisa pessoal... e ela já afirmou que vai ter final”. A sobreposição de um sofrimento pessoal com um discurso institucional compromete o bem-estar psicológico. O comentário da professora talvez não fosse intencionalmente negativo, mas funcionou como elemento desestabilizador em um momento de fragilidade. Isso evidencia como relações institucionais marcadas por coerção podem atuar como agentes de sofrimento psíquico impactando a construção da autonomia, conforme proposto por Piaget.

Vejamos as discussões dos discentes M8, M11, M12 e M13:

De modo geral, você se sente feliz atualmente? E, mais especificamente, como se sente em relação à sua experiência no ensino superior (P3)?

Eu acho que na universidade pelo fato do curso ser noturno, eu acho que até o próprio ambiente não auxilia nisso. Porque, geralmente, quem está fazendo curso noturno trabalha. Trabalha. Aí já chega aqui... exausta, cansado e não tem nem um lugar para descansar (discente M8, 2025). Eu acho que não (discente M11, 2025).

Não (discente M12, 2025).

Não (discente M13, 2025).

As formulações verbais destes discentes (indicador P3) revela um quadro de insatisfação e baixa percepção de felicidade no contexto universitário, com predominância de respostas negativas à pergunta sobre bem-estar geral e experiência no ensino superior.

Vejamos a formulação verbal do estudante M2:

E, mais especificamente, como se sente em relação à sua experiência no ensino superior (P4)?

[...] as disciplinas de cadeia longa causam muito estresse na gente. Não seria nem só essa questão do pré-requisito das disciplinas e o fato de elas serem bagunçadas. É o fato das ofertas também. Tem disciplinas que são de grade longa, tipo, de cadeia longa, que o povo fala que tranca uma, que tranca a outra, que assim vai. Que só oferta uma vez ao ano. Então, se você perder, né? Em disciplina dessa, só pega no próximo e isso é muito estressante (discente M2, 2025).

A formulação verbal do discente M2 (indicador 4) evidencia um conjunto de fatores estruturais e organizacionais no ensino superior que afetam diretamente o bem-estar e a experiência acadêmica, com foco nas chamadas disciplinas de cadeia longa.

Nesse sentido, o bem-estar psicológico é moldado por uma série de desafios institucionais. A infraestrutura precária, a sobrecarga física e mental, a necessidade de conciliar

trabalho e estudo, a desorganização na oferta de disciplinas e a falta de apoio psicopedagógico criam um ambiente exaustivo. Embora sintam orgulho de fazer parte de uma universidade pública, muitos enfrentam um sistema pouco acolhedor, o que gera sentimentos de cansaço, frustração e até sofrimento emocional.

A falta de condições adequadas compromete diretamente a saúde mental dos discentes. Sob a perspectiva de Piaget, um ambiente baseado na coerção prejudica o equilíbrio emocional e impacta diretamente no bem-estar, na aprendizagem e no desenvolvimento da autonomia, condição necessária para a felicidade.

Em síntese, o índice médio de bem-estar psicológico dos discentes da UESB (6,82 – “amplamente felizes”) indica uma percepção positiva geral, alinhada a estudos que relacionam engajamento acadêmico, propósito de vida e resiliência emocional à felicidade. No entanto, a análise qualitativa revela um panorama mais complexo, no qual fatores institucionais e pessoais podem comprometer a aprendizagem, o bem-estar e o desenvolvimento da autonomia, condição necessária, ainda que não suficiente para a construção da felicidade.

Saúde (D2)

Os resultados estatísticos mostram que o índice médio dessa dimensão foi de 5,88, classificando os discentes como "razoavelmente felizes". Embora a percepção geral de saúde seja positiva, o impacto do estresse acadêmico pode reduzir a autopercepção de saúde. Estudos como os de Silva, Marques e Fornari (2021) indicam que a rotina acadêmica, a demanda por apoio psicológico e a falta de hábitos saudáveis, como qualidade de sono, prejudicam o bem-estar físico dos universitários. Nesse sentido, o estudo de Kahneman & Deaton (2010) mostra que a percepção da saúde tem correlação direta com a renda e acesso a serviços médicos, o que pode ser um fator limitante para discentes da UESB.

Vejamos a seguir as formulações verbais desse domínio:

De que maneira a vida universitária tem impactado sua saúde física, mental e emocional (P10)?

Eu tive um colega na época que teve síndrome do pânico. Veio de outra cidade, veio morar aqui, não tinha familiares, não tinha conhecidos. E acabou passando por diversos problemas. E praticamente eu digo assim, eu não vou dizer nem a própria sala de aula, mas eu vou dizer a UESB, não se importou em abraçar. Quando a gente estava no final do curso, que ele veio descobrir que aqui tinha um psicólogo (Discente M3, 2025).

Esse depoimento do discente M3 (indicador P10) evidencia um déficit na comunicação institucional sobre os serviços de apoio psicológico e uma fragilidade nos mecanismos de acolhimento e inclusão. A falta de visibilidade e acesso aos serviços de saúde mental compromete diretamente a percepção dos discentes sobre seu bem-estar e pode levar a situações de adoecimento que impactam tanto a permanência quanto a aprendizagem acadêmica. No caso citado, a descoberta tardia da existência de atendimento psicológico reforça uma experiência de abandono institucional, uma vez que não reconhecer ou apoiar adequadamente discentes em sofrimento psicológico equivale, simbolicamente, a uma forma de abandono institucional (Discente M3, 2025).

Assim, essa formulação verbal reforça a leitura de que a universidade precisa assumir com mais responsabilidade o cuidado com a saúde integral de seus discentes, não apenas oferecendo serviços, mas comunicando-os de forma eficaz, promovendo uma cultura de cuidado e pertencimento, especialmente para discentes deslocados de seus contextos de origem. O silêncio institucional diante do sofrimento compromete o ideal de um ambiente universitário cooperativo, inclusivo e saudável.

Uso do tempo (D3)

Essa dimensão apresentou um índice de 4,25, classificando os discentes como "infelizes" nesta dimensão. O FIB na UESB reflete um problema comum a discentes universitários: falta de equilíbrio entre estudo, lazer e vida pessoal. Pesquisas como as de Silva, Marques e Fornari (2021) e de Ito et. al. (2014) evidenciam que jovens relatam sobrecarga de compromissos acadêmicos, o que afeta negativamente sua satisfação com o tempo disponível. Em contraste, o FIB do Butão demonstra altos índices nessa dimensão, pois a cultura local valoriza equilíbrio e tempo livre como elementos fundamentais da felicidade.

Vejamos as formulações verbais sobre o domínio:

Pensando no seu tempo de vida como um todo e, mais especificamente, no tempo que você passa na universidade, quanto desse tempo você sente que é dedicado a atividades que realmente lhe dão prazer ou fazem sentido para você (P20)?

Eu acho que tem muita falta de comunicação entre os discentes e a UESB em si. Porque, por exemplo, essa questão do calendário, como ele falou. A gente ficou três meses parado no início do ano, de férias. A gente voltou a ter aula em março. Aí, quando chegou em junho, para passar de um semestre para o outro, a gente ficou apertado. Sem férias nenhuma, praticamente. Então, isso acaba afetando o bem-estar da gente. Porque a gente ficou um tempão parado, que já dava para a gente estar adiantando algumas disciplinas. Para quando chegar agora, estar embolando tudo e sem tempo para nada (discente M6, 2025).

E aí, esse tempo, que eram só 15 dias que todo mundo teve, eu acho. Não foi muito, foi 15 dias? A gente estava fazendo prova, prática, saindo do ônibus para ir para lá. Aí, tudo isso em nossa cabeça (discente M8, 2025).

As formulações verbais de M6 e M8 (indicador 20) evidenciam falta de tempo para cumprir serviços e para executar as tarefas, o que é uma fragilidade nos mecanismos de acolhimento e inclusão.

Pensando no seu tempo de vida como um todo e, mais especificamente, no tempo que você passa na universidade, quanto desse tempo você sente que é dedicado a atividades que realmente lhe dão prazer ou fazem sentido para você (P17)?

Dentro da universidade, acredito que, em relação a prazer, nenhum, mas todo o tempo me faz ter um sentido, já que observo que os meus objetivos de vida estão alinhados ao que busco dentro da universidade (discente M21, 2025).

Sobre a proporção entre o tempo necessário para os estudos e o tempo disponível na minha rotina, confesso que é um desafio. A carga horária do curso é alta, o que dificulta um pouco a conciliação com outras atividades e isso é estressante (discente M19, 2025).

A formulação verbal dos discentes M21 e M19 (indicador P17) evidencia a dificuldade de conciliar o tempo com as atividades pessoais, além da ausência de prazer no contexto universitário. O discente M21, entretanto, destaca uma distinção relevante entre prazer e sentido no contexto universitário: embora as atividades acadêmicas não lhe proporcionem satisfação imediata, ele as reconhece como dotadas de valor instrumental e existencial, por estarem alinhadas a seus objetivos de vida.

No caso do discente M21, percebe-se que suas ações estão guiadas mais pelo sentido de dever do que pela busca de prazer imediato. Em termos piagetianos, isso mostra que ele age racionalmente quando precisa escolher entre duas tendências: uma tendência mais fraca, mas superior (o raciocínio lógico, voltado para metas e objetivos de vida), e uma tendência mais forte, mas inferior (o desejo de satisfação imediata, ligado ao prazer do momento). Quando o discente prioriza o dever, ele mostra que a razão consegue corrigir as aparências imediatas e manter o foco em algo mais estável e duradouro (Piaget, 2009).

Do ponto de vista psicológico, manter o engajamento apenas pelo sentido e pelo dever é possível — racional. Todavia, em longo prazo, pode levar à fadiga emocional e ao estresse devido à coerção e aos excessos de atividades no ambiente universitário.

Em síntese, a baixa pontuação obtida nesta dimensão do FIB na UESB e as formulações verbais dos sujeitos revelam não apenas uma desarmonia entre estudo, lazer e vida pessoal, mas também uma fragilidade estrutural nos mecanismos institucionais de planejamento e diálogo

com os discentes. A sobrecarga acadêmica, associada à má gestão do calendário e à insuficiência — ou mesmo ausência — de canais de escuta e acolhimento, compromete o bem-estar e a satisfação dos discentes, dificultando a construção de uma experiência universitária verdadeiramente cooperativa, capaz de favorecer uma aprendizagem significativa e o desenvolvimento da autonomia. Esse cenário reforça a necessidade de ações institucionais que priorizem a comunicação, a organização acadêmica e a valorização do tempo livre como componentes essenciais da qualidade de vida estudantil.

Vitalidade comunitária (D4)

Esta dimensão apresentou um índice de 5,43, classificando os discentes como "razoavelmente felizes". A conexão social é essencial para o bem-estar emocional. Autores como Ribeiro (2015), Santos (2015) e Berghauser (2023), Dela Coleta, Lopes, Ferreira e Dela Coleta (2012) apontam que o capital social (envolvimento em comunidades, redes de suporte social e confiança interpessoal) aumentam o bem-estar e influenciam diretamente na felicidade. O estudo da Unicamp apresentou índices mais elevados nessa dimensão, o que sugere que, na UESB, pode haver menor integração comunitária ou insuficiência de apoio social. Dados globais indicam que comunidades mais coesas tendem a registrar maiores níveis de felicidade. Nesse sentido, é pertinente retomar a pesquisa de Trindade (2023), que evidencia a felicidade como um fenômeno relacional, enraizado no contexto histórico e nas condições culturais dos sujeitos.

Vejamos a seguir as falas dos discentes sobre o domínio:

Em que medida você se considera parte integrante da comunidade universitária (P22)?

Temos também os professores que isso só traz, apresenta na sala de aula, a gente vai trabalhar isso aqui e acabou. Não tem um diálogo para a gente perguntar se ele tem como mudar a avaliação [...] parece que o professor tem seus queridos dentro da sala e tem aqueles que às vezes passam por diversos problemas familiares [...] é questão até às vezes de abandono (discente M3, 2025).

Eu não acho que a gente tenha liberdade dentro da sala de aula [...] A gente não tem liberdade dentro da sala (discente M7, 2025).

[...] A gente perguntou, poxa, não pode fazer outra coisa? Não, vocês têm que se acostumar [...] (discente M8, 2025).

[...] o professor ser visto como uma figura superior na sala e não ter essa relação entre professor e discentes igual. Então, às vezes, ele até cria um bloqueio até para os discentes (discente M21, 2025).

Os relatos dos discentes M3, M7, M8, M21 (indicador P22) evidenciam que muitos discentes não se sentem plenamente integrados à comunidade universitária, em grande parte devido às relações hierárquicas rígidas e à falta de diálogo com o corpo docente. A percepção do professor como figura superior e autoritária cria barreiras na comunicação, dificultando a construção de um ambiente cooperativo e democrático. Esse autoritarismo se manifesta na imposição unilateral de métodos e avaliações, sem abertura para negociação ou adaptação às necessidades dos discentes. Além disso, há uma clara sensação de exclusão e abandono, especialmente para aqueles que enfrentam desafios pessoais e familiares, os quais não recebem a devida atenção ou acolhimento institucional. Esse cenário compromete o sentimento de pertencimento e autonomia dos discentes dentro da universidade, refletindo um ambiente que, para muitos, é marcado pela falta de empatia e equidade.

Vejamos a seguir as formulações verbais dos discentes M3 e M21:

Você já se sentiu desconfortável no ambiente universitário devido a situações de preconceito?

[...] acham que na verdade a gente tem que estar à total disposição da universidade para o professor daquela disciplina, e ele não se importa se em algum momento eu perdi algum parente, se em algum momento eu precisei trabalhar, se em algum momento eu não estava bem comigo mesmo [...] durante a minha jornada, outros não tiveram [empatia] (discente M3, 2025).

e

[...] tive uma crise de ansiedade no meio da prova. A professora ficou olhando para ver se eu não estava pescando... e não estava olhando para ver se eu estava passando mal (discente M21, 2025).

Esses trechos das falas, relativos ao indicador P23, evidenciam a percepção de falta de acolhimento, insensibilidade e rigidez nas relações acadêmicas, aspectos que geraram desconforto e, possivelmente, uma sensação de exclusão. Trata-se de interações marcadas por hierarquia e inflexibilidade, que criam barreiras à comunicação e configuram relações assimétricas. Esse contexto impacta negativamente tanto o processo de aprendizagem quanto o desenvolvimento da autonomia discente.

Em resumo, a dimensão da conexão social entre os discentes da UESB, com índice de 5,43, indica um nível razoável de felicidade, porém as formulações verbais dos discentes revelam desafios significativos quanto à integração comunitária e ao apoio social. Esses relatos evidenciam a rigidez das relações acadêmicas, marcadas por hierarquias e pela escassez de diálogo entre professores e discentes, fatores que dificultam a construção de um ambiente verdadeiramente cooperativo e democrático. Assim, a insuficiência de empatia e equidade na

comunidade universitária compromete não apenas o bem-estar emocional dos discentes, mas também o processo de aprendizagem e o desenvolvimento da autonomia do sujeito, condição necessária, ainda que insuficiente, para uma felicidade mais duradoura.

Educação e cultura (D5)

O índice dessa dimensão foi de 5,42, "razoavelmente felizes", indicando que a insatisfação pode estar ligada à dificuldade de acesso a atividades extracurriculares e culturais. Nesse sentido, uma educação transformadora e acessível contribui para o desenvolvimento pessoal e social. Países com forte investimento cultural e educacional, como Finlândia e Canadá, apresentam maiores índices de FIB nessa dimensão.

Vejamos a seguir as formulações dos discentes sobre esse domínio:

Como você avalia seu acesso às atividades esportivas, culturais e recreativas oferecidas pela universidade (P29)?

É a área de convivência, como a academia aberta para os universitários frequentarem. Aqui, existe muita burocracia para poder utilizá-la, então a gente acaba não usando a academia. É só para aula e micro distribuição, apenas. Tem também uma piscina, mas, se não me engano, também é restrita apenas para aulas. Então, acho que falta ofertar esses espaços para os discentes, até para melhorar a condição de saúde. Essa preocupação não existe (discente M14, 2025).

A formulação verbal do discente M14 (indicador 29) evidencia uma percepção sobre o acesso às atividades esportivas oferecidas pela universidade, especialmente no que se refere ao uso de instalações como academia e piscina. O acesso dos discentes aos espaços físicos — como áreas de convivência, academia e piscina — é limitado por barreiras burocráticas e restrições que dificultam sua participação em atividades para além das aulas formais. Essa burocratização reduz as oportunidades de usufruir desses espaços para fins de lazer, saúde e bem-estar, o que, segundo o respondente, representa uma lacuna na oferta institucional, já que a universidade não demonstra preocupação suficiente com a promoção da saúde dos discentes. A formulação verbal sugere que a instituição precisa flexibilizar o acesso a esses ambientes, reconhecendo sua importância para melhorar a qualidade de vida dos universitários, indo além do aspecto estritamente acadêmico e incluindo a promoção do bem-estar físico e mental.

Como você avalia seu acesso às atividades esportivas, culturais e recreativas oferecidas pela universidade (P29)?

A gente faz parte da organização que a gente está tendo agora, a Liga das Atletas. Tem discentes que ficam, tipo assim, enquanto não tem, fica perguntando quando é que volta, quando é que volta. Só para estar lá

assistindo, assim, porque é uma coisa que distrai. É um passa tempo que se distrai, a pessoa desestressa, a pessoa brinca, faz resenha. E a gente vê a galera dar esse feedback para a gente. Enquanto não tem, fica preocupado, quando é que vai ter, quando é que começa. E até os objetivos da Liga, que a gente trabalha, é justamente essa integração. E aí, acho que a universidade, ela não oferta, não pega nesse quesito. Acha que é a sala de aula e da sala de aula para casa e acabou (discente M8, 2025).

Na formulação verbal de M8 (indicador P29), ele destaca a importância das atividades organizadas por discentes, como a Liga das Atletas, que funciona como um espaço de integração, lazer e alívio do estresse para os universitários. A fala revela que essas atividades são valorizadas pelos discentes, que as enxergam como um momento para distração, socialização ("brinca, faz resenha") e fortalecimento do vínculo afetivo entre colegas, aspectos fundamentais para o bem-estar emocional e social dentro do ambiente acadêmico.

Em síntese, a dimensão avaliada obteve um índice de 5,42, indicando que os discentes se consideram "razoavelmente felizes", mas a insatisfação está relacionada à dificuldade de acesso às atividades esportivas, culturais e recreativas oferecidas pela universidade. A formulação verbal dos discentes evidencia que, apesar da existência de espaços como academia e piscina, o acesso é limitado por burocracias e restrições institucionais, o que compromete o uso desses ambientes para lazer, saúde e bem-estar. Além disso, iniciativas estudantis como a Liga das Atletas têm papel importante na promoção da integração social e alívio do estresse, sendo valorizadas pelos discentes como espaços de convivência e descontração.

Contudo, há uma percepção evidente de que a universidade não oferece apoio adequado às atividades extracurriculares, restringindo-se ao ensino formal e negligenciando sua relevância para o bem-estar emocional dos estudantes. Essa lacuna reforça a necessidade de ampliar e flexibilizar o acesso a tais atividades, de modo a promover uma educação que valorize a cooperação e se constitua como exercício democrático — elemento essencial para a manutenção do bem-estar e para o desenvolvimento da autonomia, condição necessária à felicidade.

Relação social (D6)

O índice dessa dimensão foi de 6,63, "razoavelmente felizes". A literatura indica que relacionamentos positivos estão diretamente ligados ao bem-estar. Os estudos de Silva e Heleno (2012), e mais tarde o de Duarte (2022), apoiando-se em Diener, destacam que o bem-estar subjetivo integra conexões sociais, afirmam que indivíduos com fortes conexões sociais tendem a ser mais felizes. Em comparação com outros países, essa pontuação é considerada mediana.

Estudos sobre felicidade em países nórdicos mostram que redes de apoio social bem desenvolvidas são cruciais para o bem-estar populacional.

Vejamos a seguir a percepção de M3 sobre esse domínio:

A sua relação com os professores em sala de aula é pautada principalmente pelo medo, pelo afeto, pelo respeito ou pela justiça? Essas relações contribuem, ou não, para o seu bem-estar, felicidade e aprendizado (P36)?

Poucos professores na universidade conseguem pautar sua atuação pela justiça e pelo respeito. Predomina uma relação hierárquica nas salas de aula, em que o medo acaba sendo mais presente do que a construção de um ambiente saudável de aprendizagem. Em grande parte, falta empatia por parte dos professores, que muitas vezes não compreendem plenamente a realidade do estudante e os fatores que influenciam seu desempenho acadêmico (discente M3, 2025).

A coerção torna-se evidente no relato de M3 (indicador P36), ao observar que poucos professores se pautam pela justiça e pelo respeito, revelando, assim, a ausência de relações horizontais e cooperativas. A ênfase na relação hierárquica, no respeito unilateral e no medo mostra que a autoridade do professor é exercida mais como imposição do que como construção mútua de regras e acordos.

Esse tipo de conduta se aproxima daquilo que Piaget (1994) descreve como moral heterônoma, em que o sujeito apenas obedece à autoridade sem compreender ou questionar as razões por trás das normas. Ao não considerar as experiências e dificuldades dos discentes — como luto, trabalho ou questões emocionais —, o professor impõe uma lógica de funcionamento marcada por uma ausência de empatia, o que fere os princípios de justiça, igualdade e equidade, inerentes à autonomia. A cooperação para o autor implica empatia, se colocar no lugar do outro e, para isso, as relações não podem ser verticalizadas, hierarquizadas.

Vejamos outros exemplos marcados pela coerção, em detrimento da cooperação:

O professor traz [...] vai ser trabalho dessa forma e acabou.

Vocês têm que se acostumar. A partir de agora é isso [...] errar uma alternativa já tira um ponto da média (discente M8, 2025).

Não se importa se perdi um parente [...] se precisei trabalhar [...] se não estava bem comigo mesmo (discente M3, 2025).

Tive uma crise de ansiedade no meio da prova [...] a professora achou que eu estava colando [...] (discente M6, 2025).

Errar uma alternativa já tira um ponto da média [...]. O professor ficou falando da minha roupa boa parte da aula (discente M4, 2025).

Ligou fora do horário de aula para dar bronca e mandar vir na UESB (discente M3, 2025).

Três provas no semestre [...] se não passar, repete (discente M7, 2025).

Os trechos de fala dos discentes M3, M4, M6, M7 e M8 estão marcados por: rigidez, fala de participação, desvalorização da contribuição do discente, avaliação punitiva, fala de empatia. Essas relações evidenciam coerção na interação entre discentes e professores, impactando negativamente o bem-estar e constituindo um obstáculo à aprendizagem, ao desenvolvimento da autonomia e, conseqüentemente, à promoção da felicidade.

Vejamos, a seguir, como os discentes se posicionam na relação entre seus pares:

Existe interação entre você e seus colegas? Como você percebe a relação com eles? Há diálogo entre vocês e os outros discentes? Como esse diálogo acontece no ambiente acadêmico?

A interação entre colegas tende a ser conflituosa, e o diálogo, em muitos casos, só ocorre quando não há uma alternativa para resolver problemas. Conversas costumam ser evitadas, mas há grupos com maior afinidade, nos quais a comunicação flui melhor e a interação na turma se torna mais harmoniosa (discente M3, 2025).

Tem uns colegas que são muito competitivos, não gostam de compartilhar informação, parece que tudo é uma disputa (discente M4, 2025).

Ele falou que era uma questão pessoal [...] mas também porque ele não conseguiu se encaixar na turma dele [...] você vê seus outros colegas avançando no semestre você ainda repetindo uma matéria, isso influencia muito (discente M8, 2025).

Enquanto está com o grupo estudando, eu me sinto feliz. Agora, quando está em outros momentos, eu não me sinto tão feliz assim. Demonstra dependência momentânea do grupo, mas ausência de diálogo ou empatia consistente fora do contexto de estudo (discente M24, 2025).

Cada avaliação, cada semestre é um desafio novo. Cada estudante percebe o curso como um desafio individual; o foco é na performance própria, não na cooperação. E, à medida que avançamos no curso, nos tornamos mais isolados (discente M25, 2025).

Os trechos de fala dos discentes M3, M4, M8, M24 e M25 estão marcados por: competição – retenção de informação, ausência de diálogo, empatia. Essas relações demonstram pouca cooperação (mediada apenas por afinidades pessoais ou circunstâncias específicas de estudo).

Em síntese, a dimensão avaliada apresentou um índice de 6,63, indicando que os discentes se consideram “razoavelmente felizes” e revelando um nível mediano de satisfação em relação ao ambiente acadêmico e às interações sociais. Apesar desse índice, as formulações verbais dos discentes evidenciam que as relações professor-discentes estão pautadas por coerção e hierarquização, ainda persistindo práticas pautadas no respeito unilateral, ausência de empatia e justiça. Já as relações discentes-discentes, marcada por competição – retenção de informação, pouco diálogo, ausência de empatia, presentes em contextos específicos de estudo. Esses padrões limitam a formação de redes sociais efetivas dentro da turma, elemento chave para o bem-estar, conforme estudos de Diener (2009).

Como resultado, o desenvolvimento da autonomia e o engajamento dos discentes são prejudicados, limitando a percepção de bem-estar e felicidade, o que contribui para que o índice médio não seja mais elevado.

Diversidade Preservação Ambiental (D7)

Esta dimensão apresentou um índice de 5,34, indicando que os discentes se consideram “razoavelmente felizes”. A preocupação com o meio ambiente influencia diretamente o bem-estar emocional. De acordo com Paneli (2024), a felicidade está estreitamente relacionada ao meio ambiente e à sustentabilidade, evidenciando que ambientes naturais favorecem uma maior sensação de felicidade e de pertencimento. Em países como o Butão e Nova Zelândia, onde há forte incentivo à preservação ambiental, essa dimensão apresenta escores elevados.

Vejamos as formulações verbais dos discentes sobre essa dimensão:

Quão saudável você considera o ambiente em que vive e, em particular, a universidade onde estuda (P37)?

Acredito que, pelo fato de o curso ser noturno, o próprio ambiente não favorece tanto, já que, geralmente, quem estuda nesse turno também trabalha, o que aumenta o cansaço e dificulta a vivência acadêmica (discente M7, 2025).

Considero o ambiente universitário moderadamente saudável, mas com necessidade de melhorias. Há carência de espaços adequados para descanso e convivência entre os discentes, e, em alguns momentos, a pressão acadêmica contribui para o desgaste emocional comprometendo nosso sono (discente M22, 2025).

Os relatos dos discentes M7 e M22 (indicadores P37) evidenciam um ambiente universitário marcado pela pressão acadêmica e por condições físicas limitadas, fatores que

impactam diretamente o bem-estar, a aprendizagem e o desenvolvimento da autonomia, influenciando, conseqüentemente, a percepção de felicidade. M7 ressalta que o turno noturno, ao conciliar estudo e trabalho, gera cansaço e sobrecarga, dificultando a participação plena nas atividades acadêmicas e reduzindo a percepção de qualidade do ambiente. Já M22 reforça essa percepção, apontando ausência de espaços adequados para descanso e convivência, o que compromete a socialização e o suporte emocional entre discentes.

As formulações verbais evidenciam que o bem-estar no ambiente universitário não depende apenas do conteúdo ou da qualidade do ensino, mas também da infraestrutura, dos horários, de uma boa qualidade de sono e da qualidade das interações sociais. A ausência de espaços de convivência, sonos REM (do inglês *Rapid Eye Movement*) e de pausas adequadas pode comprometer o bem-estar, a aprendizagem e o desenvolvimento da autonomia.

Em síntese, o índice de 5,34, classificado como “razoavelmente felizes”, indica que, embora haja aspectos positivos no ambiente universitário, ainda persistem fatores que limitam o bem-estar e aprendizagem dos discentes. Segundo Paneli (2024), ambientes saudáveis favorecem a sensação de pertencimento e satisfação. Entretanto, relatos como o de M7 evidenciam que, em cursos noturnos, a sobreposição entre atividades acadêmicas e profissionais compromete a qualidade de vida. De forma complementar, M22 destaca que a pressão acadêmica atua como fator estressante, impactando inclusive a qualidade do sono e a saúde geral dos discentes.

La Taille (2006) aponta que bem-estar e felicidade dependem de um ambiente que promova autonomia, respeito mútuo, solidariedade interna e reciprocidade. Assim, carga horária, infraestrutura, qualidade do sono e suporte ao estudante influenciam diretamente na aprendizagem dos discentes.

Bom governo (D8)

O índice desta dimensão foi de 5,29, "razoavelmente felizes". A percepção da governança influencia diretamente no bem-estar subjetivo. Pesquisas sugerem que a confiança nas instituições públicas está positivamente correlacionada com níveis de felicidade. As políticas públicas devem promover serviços essenciais de qualidade, como saúde, lazer e educação (Ribeiro, 2015; Santos, 2015; Berghauser, 2023), incorporar estratégias para promover emoções positivas como parte fundamental do cuidado à saúde mental (Ferraz; Tavares; Zilberman, 2007) e promover uma visão de desenvolvimento que valorize o ser humano em sua totalidade (Sales *et al.*, 2013; Ferreira; Queiroz, 2021). Em países escandinavos,

onde a transparência governamental é alta, essa dimensão do FIB tende a ser significativamente superior.

Vejamos as formulações verbais dos discentes sobre essa dimensão:

Como você avalia a atuação da gestão da UESB em relação à infraestrutura física, tecnológica e aos serviços oferecidos à comunidade acadêmica (41)?

No campus de Jequié, está atrasada, começou algumas reformas agora, mas a infraestrutura, laboratório de informática (que ninguém pode usar) e a internet ofertada está muito defasado e é necessária uma atualização em toda a estrutura do campus (discente M1, 2025).

A formulação verbal do discente M1 (indicador 41) revela uma percepção crítica e insatisfatória quanto à atuação da gestão da UESB no que se refere à infraestrutura física, tecnológica e aos serviços oferecidos à comunidade acadêmica, especificamente no campus de Jequié.

Na sua percepção, as políticas de gestão da UESB promovem inclusão, respeito à diversidade e equidade entre os discentes (42)?

Não há representatividade estudantil na construção das políticas de gestão da UESB, o que, em minha visão, compromete a promoção de inclusão, respeito à diversidade e equidade (discente M23, 2025).

Eu não sei exatamente como funciona para conseguir esses auxílios, pois nunca utilizei, mas acredito que eles sejam muito importantes para quem realmente precisa, já que, sem esse apoio, muitos não conseguiriam se manter na faculdade (discente, M10, 2025).

As formulações verbais dos discentes M23 e M10 (indicador P42) evidenciam duas dimensões sobre inclusão na UESB: a primeira, de caráter crítico, aponta a ausência de representatividade estudantil na formulação das políticas de gestão, o que compromete a promoção de inclusão, respeito à diversidade e equidade. A segunda reconhece a importância dos auxílios estudantis para a permanência na universidade, embora destaque a falta de conhecimento sobre seu funcionamento. Em conjunto, as falas revelam que, além de políticas institucionais, é necessária uma participação cooperativa, democrática e ampla comunicação para que as ações sejam efetivamente inclusivas.

2) Na sua percepção, as políticas de gestão da UESB promovem inclusão, respeito à diversidade e equidade entre os discentes (P 41)?

Sim, acredito que a UESB tem avançado na promoção da inclusão, diversidade e equidade. Ainda assim, considero necessário aprimorar os critérios de seleção e fortalecer o comprometimento institucional, especialmente por meio de mais iniciativas que valorizem as identidades

diversas. Com maior investimento e continuidade, esses avanços podem se tornar ainda mais efetivos (discente M13, 2025).

As percepções dos discentes sobre inclusão, diversidade e equidade na UESB revelam tanto avanços quanto desafios. Para M23 (indicador 41), a ausência de representatividade estudantil na formulação das políticas compromete a efetividade dessas ações. M10 reconhece a importância dos auxílios estudantis para a permanência de quem mais precisa, mas aponta desconhecimento sobre seu funcionamento. Já M13 avalia que a instituição tem avançado na promoção da inclusão e diversidade, mas defende o aprimoramento dos critérios de seleção, maior comprometimento institucional e a valorização das identidades diversas. Em conjunto, as falas indicam que, embora haja progressos, é necessária maior participação cooperativa e democrática, melhor divulgação e políticas permanentes para consolidar a inclusão.

Em síntese, o índice dessa dimensão (5,29 – “razoavelmente felizes”) evidencia que a percepção da governança universitária influencia diretamente o bem-estar subjetivo, em linha com estudos que associam confiança institucional à felicidade. As falas discentes aprofundam a compreensão desse índice ao evidenciar críticas à gestão da UESB, onde há atrasos em reformas, infraestrutura defasada e limitações no uso de recursos como laboratório de informática e internet. No campo da inclusão, diversidade e equidade, M23 aponta a ausência de representatividade estudantil na formulação das políticas, M10 destaca a importância dos auxílios estudantis para a permanência, mas reconhece desconhecimento sobre seu funcionamento, e M13 reconhece avanços institucionais, defendendo aprimoramento dos critérios de seleção, fortalecimento do comprometimento institucional e valorização das identidades diversas. De modo geral, as percepções indicam a necessidade de maior participação cooperativa e democrática, investimento contínuo, comunicação eficaz e políticas permanentes para garantir avanços efetivos em infraestrutura e inclusão.

Padrão de vida (D9)

O índice desta dimensão foi de 4,41, classificando os discentes como "infelizes". A insatisfação financeira pode impactar diretamente a percepção de felicidade. Segundo os estudos de Duarte (2022), com base em Diener, a segurança financeira é um dos principais determinantes do bem-estar. Países com redes de apoio social mais robustas, como Canadá e Suécia, apresentam índices mais elevados nesta categoria.

Vejamos as formulações verbais sobre esse domínio:

Em que medida a experiência na universidade influenciou a sua percepção e suas escolhas sobre o que constitui um padrão de vida desejável? (P41)

Lembro de cerca de dez colegas que desistiram ao longo do curso devido às demandas acadêmicas. No curso de [...] muitos discentes que vêm de outras cidades precisam trabalhar, pois suas famílias não têm condições de sustentá-los. Os professores exigiam dedicação exclusiva, mas o curso era diurno, e os horários, rígidos, muitas vezes inviabilizando até mesmo momentos para refeições. Atrasos mínimos já contavam como faltas, e, após algumas faltas, você era penalizado sem possibilidade de diálogo. Muitos discentes enfrentavam fome enquanto buscavam um futuro melhor, mas não tinham condições de lutar por isso e, por isso, optavam por voltar para casa (discente M3, 2025).

Pensando no tempo de vida como um todo e, especificamente, no tempo dedicado à universidade, percebo que uma parte significativa é consumida por atividades que não contribuem para a construção de um padrão de vida desejável. Às vezes penso, de forma até brincalhona, em desistir, mas não de verdade. Manter a rotina é muito difícil, especialmente conciliando trabalho e estudo, e sustentar-se sozinho é um grande desafio (discente M6, 2025).

As falas dos discentes M3 e M6 (indicador P41) revelam como a experiência universitária impacta a percepção sobre padrões de vida desejáveis. M3 relata que diversos colegas desistiram do curso de Ciências Exatas devido às demandas acadêmicas combinadas com a necessidade de trabalhar, já que muitas famílias não conseguem sustentar os discentes. A rigidez dos horários, a exigência de dedicação exclusiva e a penalização por pequenas faltas aumentam o desgaste, tornando inviável até mesmo cuidados básicos, como refeições. Manter a rotina é difícil, principalmente ao conciliar trabalho e estudo, ressaltando os desafios de sustentar-se sozinho. Já para M6, a universidade ocupa muito tempo com atividades que não melhoram sua qualidade de vida nem ajudam a alcançar o que entende como um padrão de vida ideal.

Em síntese, o índice de 4,41, que classificou os discentes como “infelizes” nesta dimensão, encontra sustentação nas formulações verbais de M3 e M6. A insatisfação financeira, já destacada por Duarte (2022) como determinante central do bem-estar, aparece nas falas como fator que compromete a permanência e a qualidade de vida universitária. Para M3, a combinação entre demandas acadêmicas rígidas, necessidade de trabalho e falta de assistência estudantil satisfatória levou colegas a desistirem do curso. M6, por sua vez, ressalta o peso de conciliar sustento próprio e estudo, percebendo que grande parte do tempo na universidade não contribui para o padrão de vida que considera desejável. Assim, os dados qualitativos confirmam a tendência revelada pelo índice, demonstrando que a vulnerabilidade financeira e institucional compromete o bem-estar, a aprendizagem — pois ela é multifatorial, e o desenvolvimento da autonomia, condição necessária para a felicidade.

Experiência de trabalho (D10)

O índice desta dimensão foi de 5,93, "razoavelmente felizes". A relação entre trabalho e felicidade está presente em muitos estudos. Vieira *et al.* (2022) destacam que o significado e a autonomia no trabalho impactam positivamente a satisfação. Para os autores, o bem-estar emocional no contexto universitário está fortemente ligado a fatores como relacionamento interpessoal, satisfação profissional e equilíbrio nas diversas áreas da vida. Em países desenvolvidos, onde há maior equilíbrio entre trabalho e vida pessoal, essa dimensão apresenta índices mais altos.

Vejamos as formulações verbais dos discentes referentes a esse domínio.

Como você avalia seu curso de graduação em relação ao seu nível de interesse, à qualidade da formação oferecida e à proporção entre o tempo necessário para os estudos e o tempo disponível em sua rotina (P51)?

Gosto muito do meu curso. É uma área com a qual me identifico bastante, e, ao longo da graduação, esse interesse só tem aumentado (discente M19, 2025).

Bem interessante meu curso [...] sobre a proporção entre o tempo necessário para os estudos e o tempo disponível na minha rotina, confesso que é um desafio. A carga horária do curso é alta, o que dificulta[...] conciliação com outras atividades (discente M26, 2025).

Acho meu curso interessante [...] a gente ficou três meses parado... e agora embolando tudo e sem tempo para nada (discente M7, 2025).

Estou satisfeito com o curso [...] para descansar depois do almoço... alguns chegam às 7h30 e saem às 18h, não têm como ir para casa (discente M8, 2025).

As formulações verbais dos discentes M19, M26, M7 e M8 evidenciam três aspectos sobre seu curso: interesse, qualidade da formação e dificuldades na conciliação do tempo de estudo com outras atividades. Todos apresentam satisfação e interesse pelo curso, refletido na identificação pessoal com a área escolhida e no aumento desse interesse ao longo da graduação, como apontado por M19: “Gosto muito do meu curso... esse interesse só tem aumentado”. Isso demonstra engajamento e motivação intrínseca, elementos importantes para a permanência e o sucesso acadêmico.

Por outro lado, observa-se que a carga horária e a intensidade do curso impactam a rotina dos estudantes. M26 destaca que “a carga horária do curso é alta, o que dificulta a conciliação com outras atividades”, enquanto M7 complementa mencionando períodos paralisados e

acúmulo de atividades: “A gente ficou três meses parado... e agora embolando tudo e sem tempo para nada”. Já M8 reforça o impacto na rotina diária, evidenciando longas jornadas e pouco tempo para descanso: “alguns chegam às 7h30 e saem às 18h, não têm como ir para casa”.

Em síntese, o índice de 5,93, classificado como “razoavelmente felizes”, indica que os discentes apresentam satisfação moderada com seu curso de graduação. As falas dos discentes M19, M26, M7 e M8 corroboram esse resultado, evidenciando três aspectos centrais: interesse pelo curso, qualidade da formação e dificuldades na conciliação do tempo de estudo com outras atividades.

Os estudantes demonstram identificação com a área escolhida e engajamento ao longo da graduação. Por outro lado, as falas revelam que a alta carga horária e a intensidade do curso impactam negativamente a rotina acadêmica, gerando sobrecarga e limitando o tempo disponível para outras atividades. Dessa forma, o resultado quantitativo de “razoavelmente felizes” reflete a combinação entre o interesse e a satisfação com a formação e as dificuldades enfrentadas na gestão do tempo e no equilíbrio da rotina acadêmica.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente dissertação teve como propósito compreender como os diferentes fatores que compõem o Índice de Felicidade Interna Bruta se manifestam e interagem na vida de discentes da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, impactando seu bem-estar, sua aprendizagem e sua trajetória acadêmica.

Em relação ao questionamento, que buscava investigar a correlação entre os domínios do FIB e identificar os fatores de maior impacto na percepção de felicidade e bem-estar, os resultados demonstraram que, embora os discentes apresentem índices médios considerados de razoável felicidade, esses indicadores convivem com fragilidades significativas. Destacam-se, sobretudo, as dificuldades ligadas ao uso do tempo, à vitalidade comunitária e à educação/cultura, dimensões nas quais as condições estruturais e institucionais da universidade se mostraram limitadoras. Além disso, as análises comparativas entre grupos de estudantes — por gênero, idade, campi e área de conhecimento — revelaram diferenças relevantes, indicando que a experiência da felicidade estudantil não é homogênea, mas atravessada por múltiplas variáveis sociais e acadêmicas.

No que se refere ao questionamento, que consistia em comparar os resultados da UESB com os achados na Unicamp, observou-se convergência em alguns domínios, como a valorização das relações sociais e da vitalidade comunitária, que se configuram como fatores de apoio importantes. Entretanto, emergiram também discrepâncias: enquanto na Unicamp a dimensão “bom governo” se apresentou como um dos pontos mais críticos, na UESB, a sobrecarga de atividades, a dificuldade de gestão do tempo e a precariedade da infraestrutura foram mais frequentemente apontadas como fatores que comprometem a felicidade e o bem-estar. Essa comparação, embora não exaustiva, reforça a importância de considerar o contexto institucional e cultural de cada universidade na aplicação do FIB. A comparação desses estudos possibilitou identificar semelhanças e diferenças importantes, fornecendo um panorama que pode inspirar novas iniciativas em outras instituições.

Apesar de apresentarem índices que, em alguns casos, indicam razoável ou ampla felicidade, os discentes da UESB enfrentam desafios significativos ligados à infraestrutura, gestão acadêmica, comunicação institucional e qualidade da relação professor–discentes. As fragilidades identificadas — especialmente nas dimensões de uso do tempo, vitalidade comunitária e educação/cultura — indicam que a promoção de um ambiente universitário saudável e cooperativo requer:

- revisão das práticas docentes para reduzir coerções e ampliar o diálogo;
- maior valorização do cuidado integral à saúde física e mental;
- gestão acadêmica mais organizada e sensível ao equilíbrio entre estudo e vida pessoal;
- incentivo e apoio às atividades culturais, esportivas e recreativas;
- fortalecimento dos mecanismos de participação estudantil e da cultura democrática.

Sob a perspectiva piagetiana, a construção da autonomia e de um bem-estar mais consistente depende de relações baseadas na cooperação, no respeito mútuo e na participação ativa dos discentes nos processos institucionais, elementos que, no cenário atual, ainda carecem de fortalecimento.

A presente dissertação, ao adotar o FIB como lente de análise, buscou superar a limitação dos indicadores tradicionais de desempenho acadêmico. O objetivo central não foi esgotar o tema, mas iluminar a complexidade do bem-estar dos discentes da UESB, reforçando a urgência de uma abordagem mais humana e holística na educação superior, bem como estabelecer um diálogo comparativo com os resultados obtidos na UNICAMP.

A investigação respondeu à questão central ao revelar uma dissonância significativa entre a percepção geral de felicidade e as vulnerabilidades estruturais e emocionais vivenciadas pelos discentes.

A opção pela metodologia quanti-qualitativa mostrou-se acertada, pois possibilitou confrontar dados estatísticos, que indicavam um bom nível de bem-estar, com narrativas e depoimentos que expunham fragilidades e desafios presentes no cotidiano acadêmico. Os resultados evidenciaram que, embora a satisfação com as relações sociais atue como um pilar de apoio fundamental, os discentes enfrentam obstáculos relevantes em outros domínios do FIB, como gestão do tempo e padrão de vida.

A pesquisa também destacou a influência de fatores institucionais, revelando a tensão existente entre coerção e cooperação no ambiente acadêmico. Entre os elementos críticos, identificaram-se infraestrutura precária, sobrecarga de trabalho e insuficiência de apoio psicopedagógico, todos relacionados a quadros de sofrimento psíquico que comprometem tanto a felicidade quanto a aprendizagem significativa.

No plano teórico, esta dissertação contribui para o debate sobre a aplicação do FIB no contexto acadêmico da UESB, oferecendo um estudo de caso sólido e multifacetado. A escassez de pesquisas sobre o tema, identificada na revisão bibliográfica, confere ao trabalho caráter exploratório e inovador. A crítica à Psicologia Positiva e a defesa de uma concepção de felicidade eticamente comprometida — inspirada em pensadores como Aristóteles e Spinoza

— ampliam o alcance reflexivo, posicionando o FIB como um conceito que valoriza o bem-estar coletivo e a autonomia.

No plano prático, os resultados podem subsidiar a formulação de políticas institucionais mais eficazes, direcionadas não apenas ao sucesso acadêmico, mas ao bem-estar integral dos discentes. Entre as medidas sugeridas, destacam-se:

- fortalecimento dos serviços de apoio psicopedagógico;
- melhoria da infraestrutura física;
- promoção de uma cultura universitária mais colaborativa e menos coercitiva;
- ampliação da flexibilidade curricular, com oferta de horários alternativos;
- criação de espaços adequados para convivência e descanso;
- valorização da participação estudantil nos processos de organização curricular.

Ao analisar os impactos da coerção na formação do bem-estar e da felicidade de discentes das Ciências Exatas e Naturais na UESB, constatou-se a prevalência de práticas coercitivas percebidas pelos discentes, especialmente associadas a currículos prescritivos e inflexíveis, de modo que não se sentem incluídos nas decisões. Essa situação é agravada pela precariedade da infraestrutura, tornando o ambiente acadêmico mais hostil e excludente.

Para mitigar tais efeitos, torna-se imprescindível fortalecer a densidade cooperativa e democrática no contexto universitário. Coerção e cooperação, neste cenário, situam-se em polos opostos: enquanto a coerção empobrece as relações sociais, promovendo isolamento e ressentimento, a cooperação fomenta o diálogo, o respeito mútuo, a solidariedade e a generosidade, enriquecendo o processo educativo e fortalecendo a autonomia dos sujeitos.

Assim, a transformação do ambiente universitário em um espaço mais cooperativo e democrático constitui caminho essencial para reduzir os impactos negativos da coerção institucional sobre o bem-estar e a felicidade dos discentes. Além disso, recomenda-se o incentivo e o apoio a novas pesquisas — dissertações, teses e estudos de caso — que aprofundem a compreensão das relações entre coerção, bem-estar e felicidade no ensino superior, fornecendo subsídios para políticas educacionais mais justas, inclusivas e humanizadas.

Em síntese, esta dissertação reafirma que a felicidade no ambiente acadêmico não é um luxo, mas um componente essencial para a aprendizagem significativa e para a formação de cidadãos plenos. Ao integrar o FIB às discussões sobre educação superior, abre-se um caminho fértil para repensar o sentido da universidade e suas responsabilidades éticas diante dos discentes e da sociedade.

Quanto ao questionamento, que propunha integrar dados quantitativos e qualitativos para analisar como relações interindividuais e vínculos institucionais influenciam a felicidade e a aprendizagem significativa, a análise evidenciou uma dissonância marcante entre índices estatísticos, que sugerem níveis satisfatórios de bem-estar, e narrativas dos discentes, que revelam tensões associadas à coerção institucional, à sobrecarga curricular e à ausência de espaços de escuta e apoio. O contraste entre números e falas demonstra que a felicidade acadêmica não pode ser reduzida a indicadores objetivos: ela depende da qualidade das interações, do respeito mútuo e da cooperação como princípios que sustentam a autonomia e o desenvolvimento integral.

A análise integrada dos dados quantitativos e qualitativos revela que o índice médio de satisfação dos discentes com o curso (5,93, classificado como *razoavelmente felizes*) reflete um equilíbrio entre engajamento positivo e desafios acadêmicos. As formulações verbais dos estudantes evidenciam interesse e identificação com a área escolhida e percepção positiva da formação, conforme M19: “Gosto muito do meu curso... esse interesse só tem aumentado”. Ao mesmo tempo, os relatos sobre a carga horária elevada e a dificuldade de conciliar estudo e vida pessoal — como apontado por M26, M7 e M8 — mostram que a gestão do tempo e a intensidade das atividades acadêmicas limitam o bem-estar. Esses elementos indicam que, embora os discentes estejam motivados e valorizem a formação recebida, relações coercitivas e fatores estruturais impactam diretamente sua formação. Assim, os dados sugerem que as relações interindividuais, os vínculos institucionais e a organização do curso, incluindo o aumento da densidade cooperativa, desempenham papel central na promoção do bem-estar, da aprendizagem e no desenvolvimento da autonomia, condição necessária, ainda que não suficiente na construção da felicidade dos participantes.

Dessa forma, torna-se imprescindível fortalecer a densidade cooperativa e democrática no ambiente universitário. Nesse contexto, coerção e cooperação ocupam posições opostas para o bem-estar, aprendizagem e desenvolvimento da autonomia e construção da felicidade. Enquanto a coerção empobrece as relações sociais, isolando tanto quem a impõe quanto quem a sofre, a cooperação favorece a troca de pontos de vista, o respeito mútuo, a solidariedade e a participação ativa de todos os atores sociais, enriquecendo o processo educativo. Transformar a universidade em um espaço mais cooperativo e democrático é essencial para reduzir os impactos negativos da coerção institucional sobre os discentes. Além disso, é fundamental incentivar pesquisas acadêmicas que aprofundem a compreensão sobre as relações entre coerção, cooperação, bem-estar e felicidade no ensino superior, oferecendo subsídios para a construção de políticas educacionais mais justas e humanizadas.

Consideramos que a investigação respondeu ao objetivo geral — analisar o nível de felicidade dos discentes da UESB com base nos indicadores do FIB — ao evidenciar tanto as potencialidades quanto as vulnerabilidades que atravessam a experiência estudantil. Constatou-se que a satisfação com as relações interpessoais constitui um pilar fundamental para o bem-estar, mas que sua efetividade é comprometida por fatores institucionais, estruturais e pedagógicos que ainda limitam a construção de um ambiente universitário mais justo, democrático e cooperativo.

No entanto, é importante destacar as limitações da pesquisa. Entre elas, ressalta-se a impossibilidade de generalizar os resultados para todo o universo discente da UESB, uma vez que a amostra, embora significativa, não contemplou todos os cursos e campi da instituição. Além disso, o caráter transversal do estudo traz suas limitações, haja vista que um acompanhamento longitudinal da evolução dos índices de felicidade ao longo da formação acadêmica poderia trazer outros resultados. Outro limite refere-se à própria natureza do instrumento utilizado, que, apesar de válido e adaptado, ainda demanda aperfeiçoamentos para captar especificidades do contexto universitário brasileiro.

Como perspectivas para futuras pesquisas, recomenda-se o desenvolvimento de estudos comparativos mais amplos, envolvendo diferentes instituições de ensino superior públicas e privadas, de modo a verificar como variáveis institucionais e regionais interferem na felicidade discente. Sugere-se também a realização de investigações longitudinais, que acompanhem os estudantes ao longo de sua trajetória acadêmica, bem como pesquisas qualitativas mais aprofundadas, capazes de captar com maior densidade as vozes, as experiências e os sentidos atribuídos à felicidade no cotidiano universitário. Finalmente, considera-se fundamental ampliar o diálogo entre FIB, políticas públicas e formação docente, de modo que a universidade se consolide como espaço de bem-estar integral, respeito mútuo e construção coletiva de conhecimento, visando reduzir fatores de vulnerabilidade e risco de acabrunhamento. Essa reflexão é fundamental tanto para os discentes de graduação quanto para as próprias instituições de ensino superior, uma vez que o contexto acadêmico envolve diferentes atores e responsabilidades compartilhadas.

REFERÊNCIAS

- ARISTÓTELES. **Ética a Nicômaco**. 2.ed. Editora Universidade de Brasília. 1985.
- BARBOSA, K. M. M. S. **A felicidade na percepção de sujeitos escolares**. 2023. 170f. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2023. Orientadora: Alice Miriam Happ Botler. Disponível em: <https://repositorio.ufpe.br/handle/123456789/54735>
- BARBOZA NETO, A. L. **Pensar além do PIB: mensuração da felicidade no município de Lorena/SP**. 2015. 104f. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento, Tecnologias e Sociedade) – Universidade Federal de Itajubá, Itajubá, 2015. Disponível em: <https://repositorio.unifei.edu.br/jspui/handle/123456789/211> Acesso em 01/01/2025
- BERGHAUSER, N. A. C. **Felicidade na ruralidade: a contribuição do bem-estar subjetivo na permanência do agricultor familiar ao campo**. Tese (Doutorado em Desenvolvimento Rural Sustentável) – Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Marechal Cândido Rondon, 2023. Disponível em: <https://tede.unioeste.br/handle/tede/6625>
- CAMALIONTE, M. A.; BOCCALANDRO, R. C. Felicidade, bem-estar subjetivo e comportamento acadêmico. **Revista Psicologia: Teoria e Prática**, 2017. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pe/a/D3hXTw5pXdRSnN5LPBZQYPP/abstract/?lang=pt>
- CAMARGO, L. S.; BECKER, M. L. R. O percurso do conceito de cooperação na epistemologia genética. **Educação & Realidade**, v. 37, p. 527-549, 2012.
- DECARLI, C. **Educação emocional e educação científica: aproximações e possibilidades com a felicidade e o bem-estar social**. 173 f. Tese (Doutorado em Educação em Ciências: Química da Vida e Saúde) – Instituto de Ciências Básicas da Saúde, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2022. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/253063>
- DECARLI, R. D.; BOLL, R. D. A. **Análise textual de artigos nacionais de Educação Emocional e suas potencialidades em relação ao indicador de Felicidade Interna Bruta. Ensino & Pesquisa**, União da Vitória, v.20, n.1, p. 135-153, jan./abr., 2022. Disponível em: <https://periodicos.unespar.edu.br/index.php/ensinoepesquisa/article/view/4392/3214>. Acesso em: 05 mar. 2024.
- DELA COLETA, J. A.; DELA COLETA, M. F. Felicidade, bem-estar subjetivo e comportamento acadêmico de discentes universitários. **Psicologia em Estudo**, Maringá, v. 11, n. 3, p. 533-539, set./dez. 2006. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pe/a/D3hXTw5pXdRSnN5LPBZQYPP/abstract/?lang=pt>.
- DELA COLETA, José Augusto; LOPES, José Eduardo Ferreira; DELA COLETA, Marília Ferreira. Felicidade, bem-estar subjetivo e variáveis sociodemográficas, em grupos de discentes universitários. **Psico-USF**, Itatiba, v. 17, n. 1, p. 129-139, jan./abr. 2012. DOI: <https://doi.org/10.1590/S1413-82712012000100013>

DUARTE, S. P. S. **Felicidade em estudantes universitários: bem-estar subjetivo e florescimento.** Dissertação (Mestrado em Psicologia da Saúde e Intervenção Comunitária) – Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias, Lisboa, 2022. Disponível em:

FERRAZ, M.; TAVARES, H.; ZILBERMAN, M. Felicidade: uma revisão. **Revista de Psiquiatria Clínica**, v. 34, n. 5, p. 234-242, 2007. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-60832007000500005. Acesso em: 25 nov. 2024.

FERREIRA, C. A. **O nível de felicidade de uma população pelos olhos da gestão pública: um estudo no município de Lavras - MG.** 2016. 108 f. Dissertação (Mestrado em Administração) – Universidade Federal de Lavras, Lavras, 2016. Disponível em: <http://repositorio.ufla.br/handle/1/11080?mode=full>.

FREUD, S. **O mal-estar na civilização (1930).** Cienbook, 2020.

GARRAFA, V.; SOARES, S. P. O princípio da solidariedade e cooperação na perspectiva bioética. **Bioethikos [Internet]**, v. 7, n. 3, p. 247-58, 2013.

GNH CENTRE BHUTAN. The 4 Pillars of GNH. Disponível em: <https://www.gnhcentrebhutan.org/the-4-pillars-of-gnh>. Acesso em: 02. abr. 2025.

GNH CENTRE. Gross National Happiness Index. Thimphu: 2020. Disponível em: <https://www.grossnationalhappiness.com>

GRAZIANO, L. D. **A felicidade revisitada:** um estudo sobre bem-estar subjetivo na visão da Psicologia Positiva. 111f. Tese (Doutorado em Psicologia Escolar e do Desenvolvimento Humano) – Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2005. Disponível em: <https://teses.usp.br/teses/disponiveis/47/47131/tde-23052006-164724/pt-br.php>

ITO, A. A.; MARCHIORI, R. H.; PERISSINOTTO, R. M.; MENDES, V. T. U.; ARIYOSHI, D. G. D. O índice “Felicidade Interna Bruta” e o ambiente universitário brasileiro. **Revista Ciências do Ambiente On-Line**, v. 10, n. 1, p. 81–91, 2014.

JOCHEM, C.; PELLIN, V. Felicidade Interna Bruta (FIB) e desenvolvimento econômico: uma análise no município de Rio do Sul (SC), sul do Brasil. **Observatorio de la Economía Latinoamericana**, n. 9, p. 1, 2019.

KAHNEMAN, D.; DEATON, A. **High income improves evaluation of life but not emotional well-being.** Proceedings of the National Academy of Sciences, v. 107, n. 38, p. 16489-16493, 2010. Disponível em: <https://doi.org/10.1073/pnas.1011492107>.

LA TAILLE, Y. A importância da generosidade no início da gênese da moralidade na criança. **Psicologia: reflexão e crítica**, v. 19, p. 9-17, 2006.

LEAL, S. T. **Direito à felicidade:** história, teoria, positivação e jurisdição. 2013. 357f. Tese (Doutorado em Direito Constitucional) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2013. <https://tede2.pucsp.br/handle/handle/6202>

MOLL, J.; KRUEGER, F.; ZHAN, J. *et al.* Human fronto–mesolimbic networks guide decisions about charitable donation. **Proceedings of the National Academy of Sciences**, v. 103, n. 42, p. 15623–15628, 2006.

MONTOYA, R. I. **Cognition and Bilingualism**. Cambridge: Cambridge University Press, 2011.

MOREL, A. P. S. *et al.* Dinheiro não traz felicidade? Algumas revelações do Indicador de Felicidade Interna Bruta. **REUNA**, Belo Horizonte - MG, v. 20, n. 3, p. 83-108, jul./set. 2015. Disponível em: <https://revistas.una.br/reuna/article/view/680> Acesso em: 19 mar. 2024.

NIETZSCHE, F. **O nascimento da tragédia: ou Os gregos e o pessimismo**. Companhia das Letras, 2020.

PALA, W. **Estudo sobre elementos da Felicidade Interna Bruta (FIB) junto aos acadêmicos do curso de Comércio Internacional da UCS CARVI**. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Comércio Internacional) – Universidade de Caxias do Sul, Bento Gonçalves, 2020. Disponível em: <https://repositorio.ucs.br/xmlui/handle/11338/8631>. Acesso em: 01 abr 2025.

PANELI, C. C. **Qualidade de vida: percepção de diferentes discentes de graduação**. 2014. 109f. Tese (Doutorado em Desenvolvimento Territorial e Meio Ambiente) – Universidade de Araraquara, Araraquara, 2024. Disponível em: <https://m.uniara.com.br/arquivos/file/ppg/desenvolvimento-territorial-meio-ambiente/producao-intelectual/teses/2024/cristiane-cassia-paneli.pdf>. Acesso em: 01 abr 2025.

PEREIRA, R. Dd. **A felicidade no Brasil sob a ótica do ranking mundial da felicidade**. 2023. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Ciências Econômicas) – Universidade de Caxias do Sul, Caxias do Sul, 2023. Disponível em: <https://repositorio.ucs.br/xmlui/bitstream/handle/11338/13356/TCC%20Ricardo%20Dutra%20Pereira.pdf?sequence=1&isAllowed=y>

PIAGET, J. **O juízo moral na criança**. Grupo Editorial Summus, 1994.

PIO, I. O. **Felicidade Interna Bruta: reflexos da realidade no Cerrado Goiano**. 2021. 124f. Dissertação (Mestrado em Recursos Naturais do Cerrado) – Universidade Estadual de Goiás, Campus Anápolis de Ciências Exatas e Tecnológicas – Henrique Santillo, Anápolis, 2021. Disponível em: <https://www.bdt.ueg.br/handle/tede/412>

RIBEIRO, C. A. C. Renda, relações sociais e felicidade no Brasil. **DADOS – Revista de Ciências Sociais**, Rio de Janeiro, v. 58, n. 1, p. 37-78, 2015. <https://www.scielo.br/j/dados/a/sFt6JB4r9STwmM63rsFn9xs/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 01 jan. 2025.

SALES, A.; COSTA, A.; VERONESE, R.; FERREIRA, C.; RESENDE, L. Felicidade interna bruta: aplicação e discussão no contexto de cidades de porte médio brasileiras. **Revista CADE**, 12(1), 2013. Recuperado de <https://editorarevistas.mackenzie.br/index.php/cade/article/view/6330>

SANTOS, B. B. **Índice de Felicidade Local (IFL):** uma proposta teórico-metodológica de construção de uma medida de desenvolvimento social. 358 f. Tese (Doutorado em Sociologia) – Universidade Federal de Pernambuco, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Recife, 2015. Disponível em: <https://repositorio.ufpe.br/handle/123456789/16183>

SANTOS, L. K.; GOBBO, A. Gestão do nível de felicidade interna bruta dos acadêmicos do curso de administração de uma instituição de ensino do norte de Santa Catarina. **Atas do XIX colóquio internacional de gestão universitária.** Universidade e Desenvolvimento Sustentável: desempenho acadêmico e os desafios da sociedade contemporânea. Novembro de 2019, Florianópolis / Santa Catarina / Brasil. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/201679>. Acesso em 01 abr. 2025.

SCHOPENHAUER, A. **O Mundo como Vontade e Representação** (1818). SP: Unesp, 2005.

SILVA, A. C. R.; MARQUES, I. S.; FORNARI, H. J. N.; BONINI, L. M. M. *Felicidade Interna Bruta dos estudantes de Direito da Universidade de Mogi das Cruzes.* **Revista Científica da UMC**, v. 6, n. 2, 2021. Disponível em: <https://seer.umc.br/index.php/revistaumc/article/view/1663> Acesso em: 25 mar. 2025.

SILVA, É. C.; HELENO, M. G. V. Qualidade de vida e bem-estar subjetivo de estudantes universitários. **Revista Psicologia e Saúde**, Campo Grande, v. 4, n. 1, p. 69–76, jan./jun. 2012. Disponível em: <http://www.metodista.br>. Acesso em: 25 mar. 2025.

SOUSA, F. F. *et al.* Níveis de felicidade subjetiva em estudantes de Odontologia e Psicologia. **Research, Society and Development**, v. 11, n. 15, e15111536937, 2022. DOI: <https://doi.org/10.33448/rsd-v11i15.36937>.

TAVARES, L. M. **Transtornos mentais comuns e bem-estar subjetivo em estudantes de medicina:** uma intervenção preventiva baseada na psicologia positiva. 160 f. Tese (Doutorado em Neuropsiquiatria e Ciências do Comportamento) – Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2017. Disponível em: <https://repositorio.ufpe.br/handle/123456789/26477>

THE GUARDIAN. Bhutan's Gross National Happiness index. 2012. Disponível em: <https://www.theguardian.com>

TOBGAY, T.; DOPHU, U.; TORRES, C. E.; NA-BANGCHANG, K. Health and Gross National Happiness: review of current status in Bhutan. *Journal of Multidisciplinary Healthcare*, p. 293-298, 3 ago. 2011. Disponível em: https://www.dovepress.com/front_end/cr_data/cache/pdf/download_1593399340_5ef9582c49490/JMDH-21095-health--gross-national-happiness--a-review-of-currentstatu_080311.pdf. Acesso em: 15 mar. 2020.

TRINDADE, R. N. **Felicidade territorializada em espaços místicos:** o Índice de Felicidade Interna Bruta (FIB) na comunidade Ilé Àse Ojú Oòrún em Caetité (BA). 2023. 134f. Dissertação (Mestrado em Sociedade, Ambiente e Território) – Universidade Federal de Minas Gerais; Universidade Estadual de Montes Claros, Instituto de Ciências Agrárias, Montes Claros, 2023. Disponível em: <https://repositorio.ufmg.br/handle/1843/55848>

URA, K. *et al.* A Short Guide to Gross National Happiness Index. **Thimphu**: The Centre for Bhutan Studies, 2012. <https://ophi.org.uk/publications/GNH-and-GNH-Index-Short-2012>

VALENTIM, C. C.; STREY, D. F.; FERREIRA, E. M.; MACEDO, R. L.; DESSOTTI, V. Adaptação do índice “Felicidade Interna Bruta” e avaliação entre estudantes da UNICAMP. **Revista Ciências do Ambiente On-Line**, v. 10, n. 2, 2014. Disponível em: <https://www.happycounts.org/uploads/2/4/4/6/24468989/427-1534-1-pb.pdf>. Acesso em 15 mar. 2023.

VIEIRA, J. Avaliação do grau de felicidade dos discentes da Faculdade Peruíbe nos cursos Enfermagem e Educação Física. In: **CONGRESSO NACIONAL DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA – CONIC SEMESP**, 18. [s.l.], 2018. **Anais...** São Paulo: Faculdade Peruíbe - FPBE, em andamento. <https://www.conic-semesp.org.br/anais/files/2018/trabalho-1000000764.pdf>.

KRAUSS, C. M. dos S., ANDRADE, J. A. P. de, & DUARTE, A. C. S. (2024). Um perfil das linhas paradigmáticas sobre formação moral apresentado por professores de Ciências da Educação Básica. *Revista De Ensino De Biologia Da SBEnBio*, 17(1), 300–319. <https://doi.org/10.46667/renbio.v17i1.1134>

VIEIRA, J. S. S. *et al.* Avaliação do nível de felicidade dos universitários nos cursos de enfermagem e educação física. **Revista Saúde em Foco**, n. 14, p. 294–305, 2022. Disponível em: <https://portal.unisepe.com.br/unifia/wp-content/uploads/sites/10001/2022/05/AVALIA%C3%87%C3%83O-DO-N%C3%8DVVEL-DE-FELICIDADE-DOS-UNIVERSIT%C3%81RIOS-NOS-CURSOS-DE-ENFERMAGEM-E-EDUCA%C3%87%C3%83O-F%C3%8DSICA-p%C3%A1g-294-a-305.pdf> Acesso em: 12 mar. 2024.

WORLD HAPPINESS REPORT. World Happiness Report 2019. Disponível em: <https://worldhappiness.report/ed/2019> Acesso em: 20 nov. 2024.

ZANGMO, T. **Psychological Well-being**. Gross National Happiness Survey Findings, 2012. Disponível em: <http://www.grossnationalhappiness.com/wpcontent/uploads/2012/05/Psychological-Wellbing.pdf>. Acesso em: 20 nov. 2024.

APÊNDICES

APÊNDICE A: Proposta de Dispensa de TCLE

PROPÕE DISPENSA DE TCLE?	
<input type="checkbox"/> Sim	<input checked="" type="checkbox"/> Não
Justificativa (se resposta anterior for não)	
<p>Aos participantes da pesquisa será garantido que a participação é voluntária e que não serão identificados seus dados pessoais assim como seu local de estudo. Para isso, elaboraremos o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido - TCLE no modelo fornecido pela CEP da UESB.</p> <p>Após aprovação deste projeto junto a CEP, no primeiro contato com os discentes em foco dessa investigação, entregar-se-á em duas vias para assinatura o TCLE que explicará brevemente quem são os pesquisadores responsáveis, a universidade que a pesquisa está vinculada, a estrutura da pesquisa e o comprometimento ético nos questionários garantindo o anonimato das informações.</p>	

Campo da Plataforma Brasil.

HAVERÁ RETENÇÃO DE AMOSTRAS PARA ARMAZENAMENTO EM BANCO?	
<input type="checkbox"/> Sim	<input checked="" type="checkbox"/> Não
Justificativa (se resposta anterior for não)	

Campo da Plataforma Brasil.



A felicidade desempenha um papel fundamental no contexto educacional, impactando o interesse, motivação e perspectiva tanto de professores quanto de discentes. Pesquisas têm sido conduzidas para entender e mensurar os índices oficiais de felicidade, levando em consideração não apenas o desempenho acadêmico, mas também o bem-estar geral dos indivíduos envolvidos no sistema educacional. O objetivo é utilizar essas informações para identificar as melhores práticas e estratégias que promovam o engajamento e a satisfação de professores e discentes (HELLIWELL; LAYARD; SACHS, 2019)

Este questionário objetiva avaliar o nível de felicidade dos discentes da UESB e é uma adaptação do questionário de Valentim *et al.* (2014) para a Happiness Initiative.

O tempo estimado para preenchimento do questionário é de 8 minutos.

<https://docs.google.com/forms/d/e/1FAIpQLSetCqhwOBo5rspjEcmOT8VCGj4y5rAVvZbKgfc8Hmtic00ERg/viewform>

Dois tipos de acesso para responder ao questionário, o discente escolhe: QR code ou link

APÊNDICE B - CÓPIA DO QUESTIONÁRIO UTILIZADO NA COLETA DE DADOS

Nível de felicidade dos estudantes da UESB

A felicidade desempenha um papel fundamental no contexto educacional, impactando o interesse, motivação e perspectiva tanto de professores quanto de alunos.

Pesquisas têm sido conduzidas para entender e mensurar os índices oficiais de felicidade, levando em consideração não apenas o desempenho acadêmico, mas também o bem-estar geral dos indivíduos envolvidos no sistema educacional. O objetivo é utilizar essas informações para identificar as melhores práticas e estratégias que promovam o engajamento e a satisfação de professores e alunos. (HELLIWELL; LAYARD; SACHS, 2019).

Este questionário objetiva **avaliar o nível de felicidade dos estudantes da UESB** e é uma adaptação do questionário de Valentim et al. (2014) para a Happiness Initiative.

O tempo estimado para preenchimento do questionário é de 8 minutos.

rosimarapr@gmail.com [Mudar de conta](#)

 Não compartilhado 

* Indica uma pergunta obrigatória

Pedimos a leitura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) disponível no link <https://docs.google.com/document/d/1k4KhtqjKR0P6VIHQCEdjEMRXNxeKwEkYXabtOAXCaQ/edit?usp=sharing> com informações sobre a pesquisa e, caso concorde, solicitamos a gentileza de assinalar a sua participação.

Autorizo a minha participação na pesquisa. *

Concordo

Não Concordo

[Próxima](#) [Limpar formulário](#)

Nunca envie senhas pelo Formulários Google.

LINK PARA ACESSO AO QUESTIONÁRIO

<https://docs.google.com/forms/d/e/1FAIpQLSetCqhwOBo5rspjEcmOT8VCGj4y5rAVvZbKgfc8Hmtic00ERg/viewform>

ANEXOS

ANEXO A**Termo de Consentimento Livre e Esclarecido - TCLE**

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO – TCLE Conforme Resoluções nº 466/2012 e 510/2016 do Conselho Nacional de Saúde – CNS CARO(A) SENHOR(A),

Este documento é um CONVITE ao(à) Senhor(a) para participar da pesquisa abaixo descrita.

Por favor, leia atentamente todas as informações abaixo e, se você estiver de acordo, rubrique as primeiras páginas e assine a última, na linha “Assinatura do participante”.

1. QUEM SÃO AS PESSOAS RESPONSÁVEIS POR ESTA PESQUISA?**1.1. PESQUISADOR RESPONSÁVEL:**

Prof. Dr. Tânia Cristina Rocha Silva Gusmão

1.2. ORIENTADOR/ORIENTANDO:

1.3 Coorientador: Prof. Dr. Jerry Adriane Pinto de Andrade

1.4 Prof. Dr. Tânia Cristina Rocha Silva Gusmão e José Alexandre

2. QUAL O NOME DESTA PESQUISA? POR QUE E PARA QUE ELA ESTÁ SENDO FEITA?

NÍVEIS DE FELICIDADE E RELAÇÕES INTERINDIVIDUAIS DE FUTUROS PROFESSORES DE MATEMÁTICA.

2.1 POR QUE E PARA QUE ELA ESTÁ SENDO FEITA?

Para analisar o níveis de felicidade e relações interindividuais de futuros professores de matemática, a partir das práticas educativas institucionais e dos indicadores bem-estar psicológico, uso do tempo e educação sobre suas expectativas de permanência na carreira docente, em uma universidade pública no sudoeste da Bahia.

2.2. TÍTULO DA PESQUISA:

NÍVEIS DE FELICIDADE E RELAÇÕES INTERINDIVIDUAIS DE FUTUROS PROFESSORES DE MATEMÁTICA

2.3. POR QUE ESTAMOS FAZENDO ESTA PESQUISA:

(Justificativa): Esse projeto se mostra relevante também, pois direciona um olhar sobre problemas sociais causados pelos afetos perante uma disciplina culturalmente temida e olhar como a educação no contexto atual tem focado para esta temática. A relevância profissional e acadêmica da pesquisa que pretende se discutir a questão da felicidade dos alunos futuros professores de matemática no estudo universitário esclarecendo aspetos importantes a colaborar e entender a presença da felicidade, bem-estar ou prazer na Universidade. Pretende se apresentar dados dos profissionais de matemática que mostre os sofrimentos das emoções por falta da felicidade profissional ou pessoal dos professores no exercício laboral da docência de ensino e mensurar a melhoras quando o equilíbrio entre emoções e felicidade caminhar juntas. Além do mais, professor comprometido emocionalmente pode colocar em risco o processo ensino aprendizagem.

. 2.3. PARA QUE ESTAMOS FAZENDO ESTA PESQUISA (Objetivos):

Analisar o nível de felicidade de estudantes, futuros professores de matemáticas, a partir das práticas educativas institucionais e dos indicadores bem-estar psicológico, uso do tempo e educação sobre suas expectativas de permanência na carreira docente, em uma universidade pública no sudoeste da Bahia.

. 3. O QUE VOCÊ (OU O INDIVÍDUO SOB SUA RESPONSABILIDADE) TERÁ QUE FAZER?

Inicialmente, acompanharei e farei observações dos alunos futuros professores, neste prisma seguiremos o pensamento de Piaget com os delineamentos evolutivos Transversais. Estudo de diferentes grupos de sujeitos de idades distintas, para verificar como as condutas mudam – positivamente ou negativamente em relação ao curso de matemática.

ONDE E QUANDO ISSO ACONTECERÁ?

Pretende-se iniciar a pesquisa após aprovação pelo Comitê de Ética da UESB a partir de 01 de março a abril de 2024. A observação participante ocorrerá em uma sala de uma Universidade do Sudoeste da Bahia, com o tempo de duração de 90 minutos não ultrapassando 120 minutos de entrevista, para cada encontro.

QUANTO TEMPO LEVARÁ?

Pretende-se iniciar a pesquisa após aprovação pelo Comitê de Ética da UESB a partir de 01 de março a abril de 2024

(Procedimentos Metodológicos) 3.1 Neste contexto pretende-se obter dados evolutivos em pouco tempo e examinar muitos sujeitos. Na abordagem qualitativa, realizaremos entrevistas focais. A entrevista será composta por três grupos focais de professores, cada grupo contendo cinco estudantes futuros professores do primeiro semestre, quarto semestre e no último semestre – total 15 professores participarão do grupo focal. Entendemos que

essa delimitação do quantitativo de participantes é válida segundo o que referência Pizzol (2004) onde relata que o tamanho ótimo para um grupo focal é aquele que permite a participação efetiva e discussões adequada dos temas. Na abordagem quantitativa, será aplicado um questionário, com noventa estudantes futuros professores. Serão trinta do primeiro, quarto e do último semestre, totalizando uma amostra de 90 questionários. Em síntese ao todo serão pesquisados 90 estudantes, futuros professores de matemática, sendo que 15 participarão dos grupos focais e responderão também o questionário. Outros 75 responderam somente ao questionário.

3.2 ONDE E QUANDO FAREMOS ISSO:

A observação participante ocorrerá em uma sala de uma Universidade do Sudoeste da Bahia, com o tempo de duração de 90 minutos não ultrapassando 120 minutos de entrevista, para cada encontro.

3.3 QUANTO TEMPO DURARÁ CADA ENCONTRO:

De 90 a 120 minutos

4. HÁ ALGUM RISCO EM PARTICIPAR DESSA PESQUISA?

Segundo as normas que tratam da ética em pesquisa com seres humanos no Brasil, sempre há riscos em participar de pesquisas científicas. No caso desta pesquisa, classificamos o risco como sendo mínimo.

4.1 NA VERDADE, O QUE PODE ACONTECER É:

(detalhamento dos riscos) O participante se sentir desconfortável em responder alguma pergunta.

4.2 MAS PARA EVITAR QUE ISSO ACONTEÇA, FAREMOS O SEGUINTE:

(meios de evitar/minimizar os riscos): Todos os participantes serão respeitados e terão o direito de desistir da participação ou pular qualquer um dos questionamentos, caso não se sinta confortável, precisando apenas relatar ao pesquisador sobre o desconforto.

5. O QUE É QUE ESTA PESQUISA TRARÁ DE BOM?

(Benefícios da pesquisa)

5.1 BENEFÍCIOS DIRETOS (aos participantes da pesquisa): Permitirá o debate sobre um importante assunto que vem sendo pouco debatido na universidade, despertando o interesse e ampliando o horizonte relacionado ao atendimento a uma parcela da população que é pouco reconhecida, mas que vem crescendo cada vez mais.

5.2 BENEFÍCIOS INDIRETOS:

Também esperamos que esta pesquisa contribua, de algum modo, a construção de políticas públicas que tenham como foco as aprendizagens matemáticas garantindo-lhes os direitos constitucionais que todo cidadão tem direito a educação de qualidade.

6. MAIS ALGUMAS COISAS QUE O(A) SENHOR(A) PODE QUERER SABER (Direitos dos participantes):

6.1. Recebe-se dinheiro ou é necessário pagar para participar da pesquisa?

R: Nenhum dos dois. A participação na pesquisa é voluntária.

6.2. Mas e se acabarmos gastando dinheiro só para participar da pesquisa?

R: O pesquisador responsável a precisará ressarcir estes custos.

6.3. E se ocorrer algum problema durante ou depois da participação?

R: Você pode solicitar assistência imediata e integral e ainda indenização ao pesquisador e à universidade.

6.4. É obrigatório fazer tudo o que o pesquisador mandar?

Não (Responder questionário, participar de entrevista, dinâmica, exame...)

Só se precisa participar daquilo em que se sentir confortável a fazer.

6.5. Dá para desistir de participar no meio da pesquisa?

R: Sim. Em qualquer momento. É só avisar ao pesquisador.

6.6. Há algum problema ou prejuízo em desistir?

R: Nenhum. 6.7.

Os participantes não ficam expostos publicamente?

R: Não. A privacidade é garantida. Os dados podem ser publicados ou apresentados em eventos, mas o nome e a imagem dos voluntários são sigilosos e, portanto, só serão conhecidos pelos pesquisadores.

6.8. Depois de apresentados ou publicados, o que acontecerá com os dados e com os materiais coletados?

R: Serão arquivadas por 5 anos com o pesquisador e depois destruídas.

6.9. Qual a "lei" que fala sobre os direitos do participante de uma pesquisa?

R.: São, principalmente, duas normas do Conselho Nacional de Saúde: a Resolução CNS 466/2012 e a 510/2016. Ambas podem ser encontradas facilmente na internet.

6.10. E se eu precisar tirar dúvidas ou falar com alguém sobre algo acerca da pesquisa?

R: Entre em contato com o(a) pesquisador(a) responsável ou com o Comitê de ética. Os meios de contato estão listados no ponto 7 deste documento.

7. CONTATOS IMPORTANTES:

Pesquisador(a) Responsável: Prof. Dr. Tânia Cristina.

Endereço: Av. José Moreira Sobrinho, S/N, Jequié, Bahia Fone: (73) 3528-9654 / E-mail: tania.gusmao@uesb.edu.br

Comitê de Ética em Pesquisa da UESB (CEP/UESB) Avenida José Moreira Sobrinho, s/n, 1º andar do Centro de Aperfeiçoamento Profissional Dalva de Oliveira Santos (CAP). Jequiézinho. Jequié-BA. CEP 45208-091. Fone: (73) 3528-9727 / E-mail: cepjq@uesb.edu.br Horário de funcionamento: Segunda à sexta-feira, das 08:00 às 18:00 h.

CLÁUSULA DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

(Concordância do participante ou do seu responsável) Declaro, para os devidos fins, que estou ciente e concordo em participar do presente estudo. Ademais, confirmo ter recebido uma via deste termo de consentimento e

asseguro que me foi dada a oportunidade de ler e esclarecer todas as minhas dúvidas.

JEQUIÉ, 2023.

9. CLÁUSULA DE COMPROMISSO DO PESQUISADOR Declaro estar ciente de todos os deveres que me competem e de todos os direitos assegurados aos participantes e seus responsáveis, previstos nas Resoluções 466/2012 e 510/2016, bem como na Norma Operacional 001/2013 do Conselho Nacional de Saúde. Asseguro ter feito todos os esclarecimentos pertinentes aos voluntários de forma prévia à sua participação e ratifico que o início da coleta de dados dar-se-á apenas após prestadas as assinaturas no presente documento e aprovado o projeto pelo Comitê de Ética em Pesquisa, competente. Jequié, 2023.

Assinatura do(a)
pesquisador

Jose Alexandre

Assinatura do(a) participante (ou da pessoa por ele responsável) Impressão

Digital

Tania Cristina R.S. Guzman

DECLARAÇÃO DE COMPROMISSOS PARA PESQUISAS COM SERES HUMANOS
(Aprovado em reunião plenária do Comitê de Ética em Pesquisa da UESB em 14/02/2020)

TÍTULO DA PESQUISA: *Níveis de felicidade e relações interindividuais de futuros professores de matemática.*

PESQUISADOR RESPONSÁVEL: *José Alexandre*

O pesquisador responsável pelo estudo supracitado, seu(sua) orientador(a)/orientando(a), bem como os eventuais outros membros e assistentes da pesquisa, DECLARAM ESTAR CIENTES DE QUE LHESSÃO INAFASTÁVEIS A OBSERVÂNCIA E O CUMPRIMENTO de todas as responsabilidades previstas nos princípios e normas estabelecidos pelo Conselho Nacional de Saúde, nas Resoluções nº 466/2012 e nº. 510/2016, na Norma Operacional nº 001/2013, bem como nas demais legislações atinentes à ética em pesquisa com seres humanos, cujos principais termos estão abaixo explicitados:

TÍTULO 1
Compromisso Geral

- I. Cumprir os requisitos da Resolução CNS Nº 466/2012 e da Resolução 510/2016 (nas pesquisas de ciências humanas e sociais) e suas complementares;
- II. Utilizar os materiais e dados coletados exclusivamente para os fins previstos no protocolo;
- III. Publicar os resultados da pesquisa, quando de sua conclusão, independentemente de serem eles favoráveis ou não;
- IV. Conduzir o estudo de acordo com o protocolo, observando e salvaguardando os princípios éticos cabíveis, as Boas Práticas Clínicas e as Boas Práticas de Laboratório;
- V. Conduzir e supervisionar pessoalmente as pesquisas clínicas;
- VI. Informar ao patrocinador do estudo, ao Comitê de Ética em Pesquisa e à Agência Nacional de Vigilância Sanitária sobre os eventos adversos graves que venham a ocorrer durante o desenvolvimento da pesquisa.
- VII. Iniciar a coleta de dados somente após obter as aprovações necessárias por parte do CEP/UESB e da Comissão Nacional de Ética em Pesquisa (CONEP), quando for o caso;
- VIII. No caso de submissão de projeto da modalidade "Relato de Caso", mesmo com a coleta de dados já tendo sido iniciada, divulgar estes dados somente após a aprovação do CEP/UESB;
- IX. Estar devidamente cadastrado na Plataforma Brasil.

TÍTULO 2
Compromissos Financeiro e Orçamentário

- I. Não haverá pagamentos ao participante da pesquisa por conta da sua participação;
 - a) Admite-se, entretanto, o ressarcimento de despesas relacionadas à sua participação no estudo, se necessário, tais como despesas com transporte e alimentação;
- II. Nenhum exame ou procedimento realizado em função da pesquisa pode ser cobrado do participante, do seu responsável ou do agente pagador de sua assistência (no caso de pesquisas clínicas), devendo o pesquisador ou o patrocinador do estudo cobrir tais despesas;

- III. O duplo pagamento pelos procedimentos não pode ocorrer, especialmente envolvendo gasto público não autorizado (pelo SUS);
- IV. A Instituição proponente, as participantes, as coparticipantes e aquelas que figurarem como campo de coleta de dados devem ter conhecimento da pesquisa e de suas repercussões orçamentárias;
- V. O A remuneração do pesquisador deve constar como item específico de despesa no orçamento da pesquisa:
 - a) Este pagamento nunca pode ser de tal monta que induza o pesquisador a provocar alteração da relação riscos/benefícios para os participantes.

TÍTULO 3

Compromisso de Indenização

- I. É garantido aos participantes da pesquisa (e aos seus responsáveis ou acompanhantes, quando cabível) o direito à indenização (cobertura material), em reparação a dano imediato ou tardio, que comprometa o indivíduo ou a coletividade, seja na dimensão física, psíquica, moral, intelectual, social, cultural ou espiritual do ser humano;
- II. Sob hipótese alguma será exigida dos participantes da pesquisa a renúncia ao direito à indenização.

TÍTULO 4

Compromisso Metodológico

- I. Toda a pesquisa envolvendo seres humanos produz riscos. Destarte, serão admissíveis apenas as pesquisas nas quais o risco seja justificado em relação ao benefício esperado. (Resolução CNS Nº 466/2012 – V. I.a);
- II. É eticamente inútil, -e, portanto, inaceitável-, a pesquisa cujo projeto seja inadequado do ponto de vista metodológico;
- III. O arquivo contendo a íntegra do projeto de pesquisa deve, em especial, delinear, claramente, os critérios de inclusão e exclusão referentes ao estudo; descrever, detalhadamente, a metodologia a ser utilizada e informar, de forma adequada e atualizada, a lista de referências bibliográficas utilizada.

TÍTULO 5

Compromisso Documental

- I. É imprescindível entregar, ao CEP/UESB e, quando cabível, à CONEP, relatórios parciais (no mínimo semestrais) e finais da pesquisa, bem como notificações de eventos adversos sérios e imprevistos que venham a ocorrer durante o andamento do estudo.
- II. Cabe ao pesquisador acompanhar todos os trâmites de seu projeto na Plataforma Brasil, independentemente de qualquer mensagem enviada pelo sistema.

LOCAL, 31/10/2023

Pesquisador Responsável:

Orientador(a)/Orientando(a):
Tânia Cristina Rocha Silva Gusmão

ASSINATURAS

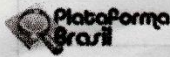
José Alexandre

Tânia Cristina R.S. Gusmão

Seja consciente: ao imprimir este documento, se necessário, use a frente e o verso do papel. :)

Página 2

Rubricas:



MINISTÉRIO DA SAÚDE - Conselho Nacional de Saúde - Comissão Nacional de Ética em Pesquisa - CONEP

FOLHA DE ROSTO PARA PESQUISA ENVOLVENDO SERES HUMANOS

1. Projeto de Pesquisa: RELAÇÕES INTERINDIVIDUAIS EM SALA DE AULA, BEM ESTAR E NÍVEIS DE FELICIDADE DE FUTUROS PROFESSORES DE MATEMÁTICA			
2. Número de Participantes da Pesquisa: 150			
3. Área Temática:			
4. Área do Conhecimento: Grande Área 1. Ciências Exatas e da Terra, Grande Área 2. Ciências Biológicas, Grande Área 7. Ciências Humanas			
PESQUISADOR RESPONSÁVEL			
5. Nome: JOSE ALEXANDRE			
6. CPF: 052.200.248-09	7. Endereço (Rua, n.º): Caminho Q, 06 JEQUIEZINHO Urbis I JEQUIE BAHIA 45208497		
8. Nacionalidade: BRASILEIRO	9. Telefone: 73991980422	10. Outro Telefone:	11. Email: josealexandre43@gmail.com
<p>Termo de Compromisso: Declaro que conheço e cumprirei os requisitos da Resolução CNS 466/12 e suas complementares. Comprometo-me a utilizar os materiais e dados coletados exclusivamente para os fins previstos no protocolo e a publicar os resultados sejam eles favoráveis ou não. Aceito as responsabilidades pela condução científica do projeto acima. Tenho ciência que essa folha será anexada ao projeto devidamente assinada por todos os responsáveis e fará parte integrante da documentação do mesmo.</p>			
Data: <u>30</u> / <u>10</u> / <u>2023</u>		<u>JOSE ALEXANDRE</u> Assinatura	
INSTITUIÇÃO PROPONENTE			
12. Nome: Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia - UESB	13. CNPJ: 13.069.489/0001-08	14. Unidade/Orgão:	
15. Telefone: (73) 3525-6683	16. Outro Telefone:		
<p>Termo de Compromisso (do responsável pela instituição): Declaro que conheço e cumprirei os requisitos da Resolução CNS 466/12 e suas Complementares e como esta instituição tem condições para o desenvolvimento deste projeto, autorizo sua execução.</p>			
Responsável:	<u>Silvana do Nascimento Silva</u> CPF: <u>67421164553</u>		
Cargo/Função:	<u>Vice-Coordenadora</u>		
Data: <u>30</u> / <u>10</u> / <u>2023</u>	<u>Silvana do Nascimento Silva</u> <small>Profa. Dra. Silvana do Nascimento Silva Vice-Coordenadora - PPE-ECPP</small> Assinatura		
PATROCINADOR PRINCIPAL			

17. Nome: 64 Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia - UESB	18. Telefone: (73) 3525-6683	19. Outro Telefone:
Termo de Compromisso: Declaro que conheço e cumprirei os requisitos da Resolução CNS 466/12 e suas complementares. Comprometo-me a utilizar os materiais e dados coletados exclusivamente para os fins previstos no protocolo e a publicar os resultados sejam eles favoráveis ou não. Aceito as responsabilidades pela condução científica do projeto acima.		
Nome: _____	CPF: _____	
Cargo/Função: _____	Email: _____	
Data: <u>30</u> / <u>10</u> / <u>2023</u>		Assinatura _____


7. Endereço (Rua, nº): Campus II - Rodovia BR-161, Km 10,5, Caixa Postal 45064-900, Ilheus, Bahia		8. CEP: 45064-900
9. Telefone: 3525-6683	10. Outro Telefone:	11. Email: josealexandre@uesb.br
Termo de Compromisso: Declaro que conheço e cumprirei os requisitos da Resolução CNS 466/12 e suas complementares. Comprometo-me a utilizar os materiais e dados coletados exclusivamente para os fins previstos no protocolo e a publicar os resultados sejam eles favoráveis ou não. Aceito as responsabilidades pela condução científica do projeto acima.		
Assinatura: <u>José Alexandre</u>		Data: <u>30</u> / <u>10</u> / <u>2023</u>
12. Nome: Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia - UESB		
13. CNPJ: 17.089.488/0001-08		
14. Unidade/órgão:		
15. Telefone: (73) 3525-6683		16. Outro Telefone:
Termo de Compromisso (to responsável pelo trabalho): Declaro que conheço e cumprirei os requisitos da Resolução CNS 466/12 e suas complementares e como esta instituição tem condições para o desenvolvimento deste projeto, autorizo sua execução.		
Assinatura: <u>[Assinatura]</u>		CPF: <u>[CPF]</u>
Cargo/Função: <u>[Cargo/Função]</u>		
Assinatura: <u>[Assinatura]</u>		Data: <u>30</u> / <u>10</u> / <u>2023</u>
17. PATROCINADOR PRINCIPAL:		

4

**DECLARAÇÃO INDIVIDUAL DE PARTICIPAÇÃO DOCENTE EM
PROJETO DE PESQUISA**

Eu, José Alexandre, mestrando do Programa de Pós-Graduação em Educação Científica e Formação de Professores da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, declaro estar participando do Projeto de Pesquisa intitulado A perspectiva do desenho de tarefas para o desenvolvimento de competências no professor de Matemática para analisar processos de ensino e intervir didaticamente sobre os mesmos.

Vitória da Conquista, 12 de janeiro de 2023.



(José Alexandre)

(Programa de Pós-Graduação em Educação Científica e Formação de Professores)



UNIVERSIDADE ESTADUAL DO SUDOESTE DA BAHIA
Campus Universitário de Jequié/BA
Departamento de Ciências Biológicas



Programa de Pós-Graduação Educação Científica e Formação de Professores
Mestrado Acadêmico

Ao
Colegiado do PPG-ECFP

Prezados Senhores,

Solicito a inclusão do nome do(a) Prof^(a). Dr^(a) DR. JERRY ADRIANE P. DE ANDRADE como Coorientador(a) do meu projeto de pesquisa.

Atenciosamente,

Jequié, 04 de julho de 2023.

José Alexandre
Aluno(a)

Ciente,

De acordo,

Orientador

Coorientador

Aprovado pelo Colegiado do PPG-ECFP, em Reunião realizada em ____/____/____

Coordenador(a)

ANEXAR JUSTIFICATIVA



Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia – UESB
 Recredenciada pelo Decreto Estadual Nº 16.825, de 04.07.2016
 Programa de Pós-Graduação em Educação Científica e Formação de Professores
 PPG-ECFP

ATA DO EXAME DE QUALIFICAÇÃO DE JOSÉ ALEXANDRE DISCENTE DO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO CIENTÍFICA E FORMAÇÃO DE PROFESSORES, NÍVEL DE MESTRADO ACADÊMICO, VINCULADO AO DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS DA UNIVERSIDADE ESTADUAL DO SUDOESTE DA BAHIA, CAMPUS DE JEQUIE/BA.

Aos dezessete dias do mês de julho de dois mil e vinte e cinco, às catorze horas, por meio de videoconferência, na Plataforma *Google Meet*, deu-se início ao Exame de Qualificação do Curso de Pós-Graduação em Educação Científica e Formação de Professores - Mestrado Acadêmico, ao qual se submeteu o discente José Alexandre, tendo como Banca Examinadora os docentes Profa. Dra. Tânia Cristina Rocha Silva Gusmão (Orientadora - PPG-ECFP), Prof. Dr. Jerry Adriane Pinto de Andrade (Coorientador - PPG-ECFP), Prof. Dr. Hector Santiago Odetti (UNL) e a Profa. Dra. Ana Cristina Santos Duarte (PPG-ECFP). A sessão foi realizada por meio de Conferência Web, em atendimento à Resolução CONSEPE nº 04/2022, que autoriza a realização de exames e/ou bancas de qualificação ou bancas de defesa de dissertações, sob forma não presencial, desde que assegurada a presença síncrona do discente e de todos os membros da Banca Examinadora, em ambiente virtual de reunião, em data e horário previamente agendados e divulgados pela Coordenação do Programa. A Profa. Dra. Tânia Cristina Rocha Silva Gusmão leu os artigos do Regimento do PPG-ECFP, que regulamenta as atividades para o exame de qualificação. A seguir, o discente José Alexandre, teceu considerações gerais sobre seu trabalho de pesquisa, intitulado “O índice de felicidade Interna Bruta de Estudantes da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia - UESB”, em apresentação que durou 30 minutos. À medida que cada membro da banca se pronunciou, o candidato pôde responder às perguntas, dúvidas, críticas e sugestões. Concluídos os trabalhos de apresentação e arguição, na sequência, a Banca Examinadora reuniu-se em sessão secreta, tendo chegado ao seguinte julgamento, que foi anunciado: O candidato foi APROVADO. A Banca sugeriu alguns aspectos para o posterior desenvolvimento do trabalho. Nada mais havendo a constar, foi lavrada a presente ata que, após lida e aprovada, será assinada de forma digital pelos membros da Banca Examinadora.

Documento assinado digitalmente
 TÂNIA CRISTINA ROCHA SILVA GUSMÃO
 Data: 17/07/2025 15:59:15-0300
 Verifique em <https://validar.itl.gov.br>

 Profa. Dra. Tânia Cristina Rocha Silva Gusmão
 (Orientadora – PPGEFCFP/UESB)

Digitally signed by ODETTI Hector
 Santiago
 Date: 2025.07.18 08:51:06 ART

 Prof. Dr. Hector Santiago Odetti (UNL – Santa
 Fé – Argentina)

Documento assinado digitalmente
 JERRY ADRIANE PINTO DE ANDRADE
 Data: 21/07/2025 10:47:10-0300
 Verifique em <https://validar.itl.gov.br>

 Prof. Dr. Jerry Adriane Pinto de Andrade
 (Coorientador – PPGEFCFP/UESB)

Documento assinado digitalmente
 ANA CRISTINA SANTOS DUARTE
 Data: 18/07/2025 13:09:35-0300
 Verifique em <https://validar.itl.gov.br>

 Profa. Dra. Ana Cristina Santos Duarte
 (PPGEFCFP/UESB)



Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia – UESB
 Reconhecida pelo Decreto Estadual Nº 16.825, de 04.07.2016
 Programa de Pós-Graduação em Educação Científica e Formação de Professores - PPG-ECFP

ATA DA DEFESA PÚBLICA DE DISSERTAÇÃO DE Mestrado DE JOSÉ ALEXANDRE ALUNO REGULAR DO CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO CIENTÍFICA E FORMAÇÃO DE PROFESSORES, NÍVEL DE Mestrado ACADÊMICO, VINCULADO AO DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS DA UNIVERSIDADE ESTADUAL DO SUDOESTE DA BAHIA, CAMPUS DE JEQUIÊ/BA.

Às oito horas e trinta minutos do dia quatro de setembro de dois mil e vinte e cinco, por meio de videoconferência na Plataforma *Google Meet*, instalou-se a Comissão Examinadora de Defesa Pública de Dissertação de Mestrado, composta pelos docentes: Profa. Dra. Tânia Cristina Rocha Silva Gusmão (Orientadora - PPG-ECFP/UESB), Prof. Dr. Jerry Adriane Pinto de Andrade (Coorientador - PPG-ECFP/UESB), Prof. Dr. Hector Santiago Odetti (UNL) e a Profa. Dra. Ana Cristina Santos Duarte (PPG-ECFP/UESB) a fim de proceder à arguição pública da dissertação de mestrado do candidato **José Alexandre** aluno regular do Curso de Pós-Graduação em Educação Científica e Formação de Professores, nível de Mestrado Acadêmico, intitulada *“Índice de Felicidade, Autonomia e Aprendizagem: A Experiência de Discentes da UESB”*. A sessão pública foi realizada por meio de conferência *web*, com a participação do candidato, assim como convidados, docentes e discentes do Programa. O mestrando apresentou a dissertação com muita propriedade, segurança, domínio do conhecimento, abordando oralmente a introdução, a metodologia utilizada, além de discutir os resultados obtidos. Em seguida, a Comissão Examinadora procedeu com a arguição e considerações, tendo o mestrando respondido com coerência e fundamentação. Concluídos os trabalhos de apresentação e arguição, na sequência, a Banca Examinadora reuniu-se em sessão secreta, tendo chegado ao seguinte julgamento, que ao público foi anunciado: A Profa. Dra. Tânia Cristina Rocha Silva Gusmão exarou o parecer da Comissão, anunciando ao público que o candidato foi **APROVADO**. A Comissão Examinadora sugeriu que o aluno realizasse ajustes no texto, visando à versão final e publicação do trabalho, sendo concedido o prazo regimental de 60 dias, para efetuar as adequações sugeridas e apresentação do trabalho em sua redação definitiva, sob pena de não expedição do Diploma. Nada mais havendo a constar, foi lavrada a presente ata que após lida e aprovada, será assinada pelos componentes da Comissão Examinadora.

Documento assinado digitalmente
gov.br TÂNIA CRISTINA ROCHA SILVA GUSMÃO
 Data: 15/09/2025 18:15:39-0300
 Verifique em <https://validar.br.gov.br>

Profa. Dra. Tânia Cristina Rocha Silva Gusmão
 (Orientadora – PPG-ECFP/UESB)


 Prof. Dr. Hector Santiago Odetti
 (UNL)

Documento assinado digitalmente
gov.br JERRY ADRIANE PINTO DE ANDRADE
 Data: 15/09/2025 10:29:05-0300
 Verifique em <https://validar.br.gov.br>

Prof. Dr. Jerry Adriane Pinto de Andrade
 (Coorientador - PPG-ECFP/UESB)



Profa. Dra. Ana Cristina Santos Duarte
 (PPG-ECFP/UESB)

Campus de Jequiê

(77) 3528-9647 | ecfp@uesb.edu.br

Campus de Ilhéus
 Praça do Povoamento, 602
 Bairro Horto Floresta
 CEP: 46.700-000
 INSCRIÇÃO: 075.5281-9600

Campus de Jequiê
 Rua José Manoel Cabral de Azevedo, 478
 Bairro: 2004-10000000
 CEP: 45.200-000
 INSCRIÇÃO: 075.5228-9600

Campus de Vitória da Conquista
 Instituto da Bem-Querer, s/nº
 Bairro: Universitário
 CEP: 45.021-7600
 INSCRIÇÃO: 075.5428-9600

Prof. Dr. Hector Santiago Odetti
 (Membro Externo/UNL)

2025

APÊNDICE C: TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE ESCLARECIDO (TCLE)

Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia UESB Autorizada pelo Decreto Estadual nº 7344 de 27.05.08 Comitê de Ética em Pesquisa-CEP/UESB

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE)

Convidamos a participar da pesquisa sobre o NÍVEL DE FELICIDADE DOS DISCENTES DA UESB, sob responsabilidade dos pesquisadores JOSÉ ALEXANDRE (mestrando), Dr^a TÂNIA CRISTINA ROCHA SILVA GUSMÃO (Orientadora), Dr. JERRY ADRIANE DE ANDRADE (Coorientador). Esta pesquisa está vinculada ao Programa de Pós-Graduação em Educação Científica e Formação de Professores (PPG-ECFP) da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB) e para a sua participação precisamos do seu consentimento. A seguir trazemos alguns esclarecimentos referentes a seus aspectos éticos e aprovação pelo Comitê de Ética e Pesquisa sob o número de parecer 6.610.935.

Sua participação é voluntária e de extrema importância para esta pesquisa, e se dará por meio de respostas a escala constante nas seções seguintes. Os dados serão analisados e publicados, mas sua identidade não será divulgada, sendo mantida sob sigilo. Você pode desistir de participar da pesquisa a qualquer momento sem que sofra nenhum tipo de penalidade, para isso basta ignorar os itens que ainda faltam ser julgados e não enviar as respostas já registradas.

Para obtenção de qualquer tipo de informação sobre os seus dados, esclarecimentos, ou críticas, em qualquer fase do estudo, o(a) Sr(a) poderá entrar em contato com os pesquisadores responsáveis pelo telefone (73) 99198-0422 ou pelo e-mail professorataniagusmao@gmail.com

Em caso de dúvidas quanto aos aspectos éticos da pesquisa, o(a) Sr(a) poderá entrar em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa – CEP/UESB. Se você achar que a pesquisa não está sendo realizada da forma como você imaginou ou que está sendo prejudicado de alguma forma, você pode entrar em contato com o CEP pelo telefone: (73) 3528-9727, e-mail: cepjq@uesb.edu.br ou ainda se dirigindo à Avenida José Moreira Sobrinho, s/n, 1º andar do Centro de Aperfeiçoamento Profissional Dalva de Oliveira Santos (CAP). Jequiézinho. Jequié-BA. CEP 45208-091. Horário de funcionamento: Segunda à sexta-feira, das 08:00 às 18:00.

José Alexandre (Mestrando)

Participante



PPG ECFP
PPG Educação Científica e
Formação de Professores



Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia – UESB
Recredenciada pelo Decreto Estadual
Nº 16.825, de 04.07.2016

DECLARAÇÃO DE AUTORIA

Eu, José Alexandre declaro para os devidos fins que a presente dissertação é de minha autoria e que estou ciente:

- do conteúdo da Lei no 9.610¹, de 19 de fevereiro de 1998, sobre os Direitos Autorais;
- e que plágio consiste na reprodução integral ou parcial de obra alheia, apresentando-a como se fosse de própria autoria, ou ainda na inclusão em trabalho próprio de textos, imagens de terceiros, sem a devida indicação de autoria.

Declaro, ainda, estar ciente de que, se a qualquer tempo, mesmo após a defesa, for detectado qualquer trecho do texto em questão que possa ser considerado plágio, isso poderá implicar em processo administrativo, resultando, inclusive, na não aceitação do trabalho para a defesa ou, caso esta já tenha ocorrido, na perda do título Mestrado do Programa de Educação Científica e Formação de Professores (PPG-ECF),

Documento assinado digitalmente
JOSE ALEXANDRE
Data: 17/09/2025 10:02:50-0300
Verifique em <https://validar.it.gov.br>

José Alexandre

Jequié 17/09/202

AD PLENAM VITAM

¹ Disponível em <https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l9610.htm>.



PPG ECFP
PPG Educação Científica e
Formação de Professores



Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia – UESB
Recredenciada pelo Decreto Estadual
Nº 16.825, de 04.07.2016

AUTORIZAÇÃO INTEGRAL

Nome do autor: José Alexandre

CPF: 052.200.248.09 Telefone: (73) 99198 04 22

E-mail do autor: josealexandre43@gmail.com.br

Título: Índice de Felicidade, Autonomia e Aprendizagem: A Experiência de Discentes da UESB

Palavras-chave: Felicidade; Autonomia Ética; Bem-estar; Educação Superior; FIB (Felicidade Interna Bruta)

Campus: Jequié

Programa de Pós-Graduação: Educação Científica e Formação de Professores

Área de Concentração: Ensino de Ciências e Matemática. (Area 46 – Capes)

Linha de Pesquisa: Formação de Professores de Ciências e Matemática

Orientador: Prof. Dr. Tânia Cristina Rocha Silva Gusmão

Coorientador: Prof. Dr. Jerry Adriane Pinto de Andrade

Autorizo a Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB), a publicar em ambiente digital institucional, sem ressarcimento dos direitos autorais, o texto integral da obra acima citada, em formato PDF, a título de divulgação da produção acadêmica/científica gerada pela Universidade, em conformidade com o estabelecido pela CAPES (Portaria n.13, de 15 de fevereiro de 2006).

Jequié/BA, 17/09/2025

Documento assinado digitalmente
gov.br JOSE ALEXANDRE
Data: 17/09/2025 09:54:02-0300
Verifique em <https://validar.e-gov.br>

Assinatura do autor

Campus de Jequié

(73) 3528-9647 | ecfp@uesb.edu.br



PPG ECFP
PPG Educação Científica e
Formação de Professores



Governo do
Estado da Bahia

Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia – UESB
Recredenciada pelo Decreto Estadual
Nº 16.825, de 04.07.2016

DECLARAÇÃO

Conforme determina o Regulamento do Programa de Pós-Graduação Educação Científica e Formação de Professores, entregamos uma cópia do artigo científico relacionado ao trabalho de pesquisa realizado no Mestrado, sob título, Índice de Felicidade, Autonomia e Aprendizagem: A Experiência de Discentes da UESB submetido, aceito ou publicado em periódico indexado ou em atas de eventos científicos da área de ensino de Ciências e Matemática ou área afim.

Jequié/BA, 17/09/2025



Documento assinado digitalmente

JOSE ALEXANDRE

Data: 17/09/2025 10:01:37-0300

Verifique em <https://validar.it.gov.br>

José Alexandre

De acordo:



Documento assinado digitalmente

TANIA CRISTINA ROCHA SILVA GUSMÃO

Data: 17/09/2025 20:07:27-0300

Verifique em <https://validar.it.gov.br>

Tânia Cristina Rocha Silva Gusmão

Jerry Adriane Pinto de Andrade

Campus de Jequié

(73) 3528-9647 ecfp@uesb.edu.br

Campus de Itapetinga
Praça da Primavera, 40
Bairro Primavera
CEP: 45.700-000
PABX: (77) 3261 - 8600

Campus de Jequié
Rua José Moreira Sobrinho, s/n
Bairro Jequiázinho
CEP: 45.200 - 000
PABX: (73) 3528 - 9600

Campus de Vitória da Conquista
Estrada do Bem Querer, km 4
Bairro Universitário
CEP: 45.031 - 300
PABX: (77) 3424 - 8600



PPG ECFP
PPG Educação Científica e
Formação de Professores



Governo do
Estado da Bahia

Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia – UESB
Recredenciada pelo Decreto Estadual
Nº 16.825, de 04.07.2016

DECLARAÇÃO

Conforme determina o Regulamento do Programa de Pós-Graduação Educação Científica e Formação de Professores, entregamos a versão final da Dissertação/Tese sob o título : Índice de Felicidade, Autonomia e Aprendizagem: A Experiência de Discentes da UESB já com as correções, adequações e ajustes propostos pela comissão examinadora no dia da sessão de defesa.

Jequié/BA, 17/09/2025



Documento assinado digitalmente
JOSE ALEXANDRE
Data: 17/09/2025 09:59:10-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Assinatura do discente

De acordo:



Documento assinado digitalmente
TANIA CRISTINA ROCHA SILVA GUSMAO
Data: 17/09/2025 20:07:27-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Tânia Cristina Rocha Silva Gusmão

Jerry Adriane Pinto de Andrade

AD PLENAM VITAM

ANEXO 1:

Título do anexo

De acordo com a ABNT, anexo é “Texto ou documento não elaborado pelo autor, que serve de fundamentação, comprovação e ilustração” (ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS, 2011, p. 6).

Elemento opcional. Deve ser precedido da palavra ANEXO, identificado por letras maiúsculas consecutivas, travessão e pelo respectivo título. Utilizam-se letras maiúsculas dobradas, na identificação dos anexos, quando esgotadas as letras do alfabeto (ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS, 2011, p. 13).

Índice (Índice Remissivo)

Elemento opcional. Elaborado conforme a ABNT NBR 6034. São listas de palavras ou frases, ordenadas segundo determinado critério, que localiza e remete para as informações contidas no texto.

Exemplo:

Abordagem Evolutiva
Avaliação
CTS
Ensino-Aprendizagem